Diário de Lisboa

FUNDADOR JOAQUIM MANSO DIRECTOR A RUELLA RAMOS

SEXTA-FEIRA, 14 DE ABRI DE 1972 - N.º 17712 - ANO 52.º — PREÇO 1$50

60 milhões de micróbios a bordo

O emblema da missão

NOVA VIAGEM À LUA CUSTA DOZE MILHÕES DE CONTOS

Com aquela precisão indispensável nos cálculos das viagens espaciais, contabilistas da NASA contaram cêntimo a cêntimo o preço da missão Apolo 16. São 445 milhões de dólares (12 126 000 contos). Esta cifra verdadeiramente astronómica corresponde a uma despesa de mais de um milhão de contos por dia, pois a viagem, que começa no domingo, durará apenas 12 dias. A bordo da nave irão, num recepiente pouco maior que uma caixa de sapatos, 60 milhões de micróbios, os quais darão indicações das suas reacções à imponderabilidade e à acção das radiações. Embora os jornalistas digam que esta missão está a despertar muito menos interesse que as anteriores, espera-se que um milhão de espectadores se desloque a Cabo Kennedy. Um deles será o poeta soviético Yevtushenko.

Manifestações contra Nixon no Canadá

O presidente Richard Nixon, dos Estados Unidos, chegado ontem ao Canadá, para a sua primeira visita oficial, reconheceu em Ottawa a existência de divergências de carácter económico entre os dois países e a apreensão que certos canadianos sentem em relação a Washington. A cordialidade da recepção ao presidente, que vai conferenciar com o primeiro-ministro Pierre Elliot Trudeau, não impediu que alguns maoistas se tivessem manifestado à chegada e que para hoje e amanhã estejam previstas outras manifestações de agrupamentos da extrema esquerda que se opoêm à política norte-americana.

Manifestantes receberam Nixon com cartazes contra a guerra do Vietname (Telefoto UPI/Telimprensa/«DL»)

HOJE 32 PÁGINAS
VISADO PELA CENSURA

Julho, mês eleitoral

Portugal na Feira de Milão

Portugal tem presença brilhante na Feira de Milão, hoje aberta ao público pela 50.ª vez. Organizada pelo Fundo de Fomento de Exportação, a representação portuguesa inclui 20 marcas de vinho do Porto, oito firmas de vinho de mesa, seis de conservas de peixe e uma da indústria de cerveja, além de artigos de cortiça, bronze e ourivesaria. A Feira inclui representações de 70 países, esperando-se a visita de mais de quatro milhões de pessoas.

O actual mandato do Presidente da República de sete anos, termina este ano, reunindo-se em Julho o colégio eleitoral que elege o Chefe do Estado. Estamos pois a três meses da eleição de um novo Chefe do Estado ou da reeleição do actual, dado que a Constituição a permite sem qualquer espécie de limitações. Quem irá ocupar o Palácio de Belém a partir do próximo mês de Agosto?

Segundo a Constituição (art.º 72.º), o Chefe do Estado, que é o Presidente da República, é eleito «pela Nação», por intermédio de um colégio eleitoral constituído pelos membros da Assembleia Nacional e da Câmara Corporativa em efectividade de funções e pelos representantes municipais de cada distrito ou de cada província Ultramarina não dividida em distritos e ainda pelos representantes dos orgãos electivos com competência legislativa das províncias Ultramarinas.

Os representantes municipais serão designados pelas vereações eleitas; os representantes dos orgãos electivos com competência legislativa das províncias ultramarinas são designados por estes orgãos.

De acordo com os parágrafos do art.º 72.º;

— o Presidente é eleito por sete anos improrrogáveis;

— o colégio eleitoral reúne-se sob a presidência do Presidente da Assembleia Nacional no 15.º dia anterior ao termo de cada período presidencial;

— a eleição recairá em candidatos propostos por um mínimo de vinte eleitores e por um máximo de cinquenta;

— a eleição far-se-á, sem prévio debate, por escrutínio secreto, considerando-se eleito e sendo como tal proclamado o candidato que no primeiro escrutínio obtiver dois terços dos votos do número legal dos membros do colégio eleitoral;

— se nenhum candidato obtiver essa maioria, proceder-se-á a segundo escrutínio, ficando eleito o candidato que obtiver a maioria absoluta dos votos do número de membros do colégio;

— e havendo de proceder-se a terceiro escrutínio, será eleito o candidato que obtiver maior número de votos.

Este sistema de eleição do Presidente da República foi introduzido pela revisão constitucional de 1959, aproximando-se do consagrado pela Constituição de 1911, de acordo com a qual o Chefe do Estado era

Continua na pág. 20

GUINE

Comissão da ONU recomenda o reconhecimento do PAIGC

ABIDJAN, 14 - (R.) - A Comissão Especial das Nações Unidas sobre Colonialismo reconheceu o Partido para a Independência da Guiné Portuguesa e das Ilhas de Cabo Verde (PAIGS) como o único representante genuíno dos povos desses territórios, afirmou a noite passada Rádio Conakry.

Numa moção aprovada no fim da sua sessão em Co-

Continua na última página

Diário de Lisboa
51º ANIVERSÁRIO

Continuam a chegar-nos manifestações de apreço e cumprimentos a propósito do 51.º aniversário do «Diário de Lisboa».

Hoje referimos especialmente telegramas do sr. eng. Vasco Leónidas, secretário de Estado da Agricultura; do presidente da Câmara Municipal de Loures; do sr. Damasceno Covão e da Robbialac Portuguesa; e do nosso prezado correspondente em Bragança, Abel Monteiro.

Também se nos dirigiram em termos cativantes a Associação de Socorros Mútuos dos Empregados no Comércio e Indústria; a Sociedade de Instrução e Beneficência «A Voz do Operário»; Comissão organizadora dos Jogos Juvenis de Setúbal; dr. Vasco de Lemos Mourisca, de Albergaria-a-Velha; prof. Guilherme Rosa, em seu nome e no das publicações «Jornal do Técnico de Contas e da Empresa» e «Actualidades Económicas»; e sr. Jaime Lopes Dias, director dos Serviços Centrais e Culturais da Câmara Municipal de Lisboa, aposentado.

Trocas comerciais com o reino Unido

O Fundo de Fomento de Exportação e a Câmara de Comércio Luso-Britânica organizam uma missão comercial de exportadores portugueses que se deslocará ao Reino Unido, a fim de estabelecer contactos directos com importadores britânicos. A missão, composta por cerca de dez exportadores, é acompanhada por técnicos do Fundo e envolve os sectores das frutas e legumes, indústrias metalo-mecânicas, cerâmica industrial, calçado e mobiliário.

Para além dos contactos própriamente ditos com os importadores ingleses, estão previstas visitas a empresas e uma recepção oferecida pelo Lord Mayor de Londres.

«O problema da Vida»

No salão de conferências anexo à Igreja de S. João de Deus, na Praça de Londres, o prof. Jorge da Costa André, catedrático do Instituto Superior Técnico, falará amanhã, às 21 e 30, sobre «A ordem no Universo».

A palestra integra-se numa série de quatro sobre «O problema da vida», iniciada no último sábado com uma dissertação do prof. Luís Archer acerca de «O acaso, a necessidade e a liberdade».

MORTO EM COMBATE

O Serviço de Informação Pública das Forças Armadas comunica que morreu, em combate, na província de Moçambique, o soldado do recrutamento da província, n.º 702994969 Bernardo Augusto de Barros, natural da Beira, filho de Augusto Pereira Barros.

COLÓQUIO NO I.S.C.S.P.U.

O prof. George Brooks, da Universidade de Indiana, dirige no dia 20, às 18 horas, no Instituto Superior de Ciências Sociais e Política Ultramarina, um colóquio sobre «Eurafrican trading communities em the Windward Coast (Senegal to Serra Leone) in the first half of the 19th century», promovido pelo Centro de Docomentação e Informação Americana daquele estabelecimento.

Política espanhola de desenvolvimento regional

Na Faculdade de Engenharia do Porto estão a decorrer os trabalhos, aos quais o «Diário de Lisboa» se referiu, do Seminário sobre Planeamento Regional, que suscita largo interesse e adquire grande projecção.

Versando problemas de flagrante actividade, que são seguidos com atenta e interessada curiosidade, foram apresentadas hoje pelo dr. Fernando Fernandez as seguintes comunicações nas quais desenvolveu os seguintes temas: «Alguns aspectos da teoria dos pólos do desenvolvimento. Experiência espanhola», «A política espanhola regional nos planos espanhóis do desenvolvimento» e «Planos regionais em Espanha».

ROGÉRIO PAULO EM CUBA

HAVANA, 14 — (EFE) — Em Portugal, os presos políticos julgados e em cumprimento de pena, são cerca de uma centena, o que representa uma cifra inferior ao que anteriormente se verificava. A sua situação também emlhorou bastante e melhoraram por igual o tratamento físico e as instalações prisionais — declarou em Havana o actor e encenador português Rogério Paulo, ao ser entrevistado pela Imprensa local e pela agência espanhola Efe.

O actor Rogério Paulo, embora queixando-se de que não haja em Portugal uma diferença de estatuto entre os presos comuns e os presos políticos, ainda que estes sejam julgados por tribunais especiais, reconheceu, também que se elevou igualmente o nível das garantias judiciárias para os presos políticos, em Portugal, sobretudo depois que o Supremo Tribunal estabeleceu que os presos não podem fazer à Polícia declarações válidas em juízo sem ser na presença de um advogado.

MILITARES MORTOS EM ANGOLA

LUANDA, (A. N. IN) — Devido a acidentes de viação em Angola faleceram o primeiro cabo número 17139869, Eduardo Almes Moreira, natural de Guimarães, filho de José Alves Moreira e de Aurora Gonçalves; e os soldados números 03781170, António do Rosário Ferreira, natural de Vila Nova de Ourém, filho de Bento Ferreira e de Maria do Rosário, e 02127670, José Francisco Cid, natural de Arronches, filho de Caetano José Cid e de Joaquina Maria Trindade — anunciam os serviços de Informaçã Pública das Forças Armadas.

COLAR NA PARTE POSTERIOR DE UM POSTAL MODELO NORMAL DOS C.T.T.

JOGO DO GALO CONCURSO

SESSÃO nº 9

NOME

MORADA

IDADE TELEF.

CORTAR

COLAR NO LOCAL DO ENDEREÇO

CONCURSO - JOGO DO GALO -
APARTADOS 3011 ou 3088
LISBOA

DINHEIRO
EMPRESTA-SE
SOBRE PROPRIEDADES
AO JURO DA LEI
A CONFIDENTE

COMPANHIA PORTUGUESA
RÁDIO MARCONI

Concessionária Nacional de Telecomunicações Via Rádio e Cabos Submarinos

SERVIÇO TELEX

Lembra-se aos Srs. utentes de telex que podem utilizar este serviço nas suas comunicações com

LOURENÇO MARQUES e BEIRA (Moçambique)

marcando o indicativo

099

Para informações devem marcar 098 (no telex) ou usar os telefones 35551/2 (Centro de Telecomunicações da C. P. R. M. em Lisboa) ou Tf. 25680 (Estação do Porto).

ROAMER

ROAMER fabrica relógios para desportos e para os grandes momentos sociais.

Ref.:473.1230.007
Automático calendário
100% a prova de água
em aço inox ou plaqué

Ref. 482.1120.609
Rockshell Mark I
Automático dia e data
em aço inox ou plaqué

Ref. 468.8210.081
Ladytop
em aço inox ou plaqué

Ref. 916.5120.400
Rockshell Mark III
Electrónico calendário
em aço inox

ROAMER OF SWITZERLAND

ROAMER WORLD ORGANIZATION

ROAMER WATCH CO. SA Solothurn/Switzerland

Opinião

O DIREITO À ILEGITIMIDADE

Muito mais do que as áridas questões do fomento industrial, despertou o interesse do público a questão levantada na Assembleia Nacional a propósito da impossibilidade de frequentarem os estabelecimentos de ensino secundário do Exército os filhos ilegítimos de pais portugueses. O reparo feito provocou uma «Nota» do gabinete do Ministério do Exército que o deputado Alberto Meireles classificou de «sem precedentes na história parlamentar». A questão tornou-se de tal modo incómoda que o próprio presidente da Mesa da Assembleia, ao encerrar a discussão, fez a declaração seguinte: «Quanto ao precedente estranhado, apenas se deseja que ele fique como memória a esbater bem depressa.»

Não diríamos tanto. Preferiríamos mesmo que ele não esquecesse nunca, ou pelo menos enquanto uma lei justa não venha substituir esta que vigora. Efectivamente, é absurdo que um homem bastante Português e bastante cidadão para morrer num campo de batalha não possa frequentar um estabelecimento de ensino do Exército por ser filho ilegítimo.

(Chamou o deputado Alberto Meireles à sua demonstração casos de bastardos que ilustraram a história portuguesa: nem mais nem menos que D. João I e D. Nuno Álvares Pereira...)

Aliás, o absurdo de tal lei ganha toda a sua dimensão diante destas palavras do mesmo deputado:

«E já não refiro o facto de não ser exigido investigação «de genere» e legitimidade de filiação aos magistrados judiciais, aos professores universitários, aos representantes da Nação, aos governantes e até ao Chefe do Estado, e certamente também não aos professores desses mesmos estabelecimentos de ensino onde se recusa a admissão de alunos filhos ilegítimos.»

Aplicando rigorosamente: até os autores desta lei poderiam ser, eles próprios, filhos ilegítimos...

Graves são as horas que o País está vivendo. Diante dos problemas que assediam nesta altura o povo português, dir-se-á que tudo isto são questões mínimas, tempestades em copo de água, casos de lana-caprina. Pois grande erro seria o nosso se assim pensássemos: a simples abolição desta lei não será suficiente para instaurar o espírito aberto, limpo de preconceitos, sem o qual nenhuma prática cívica é possível.

Este é um dos pontos que maior atenção deveriam merecer na nossa vida quotidiana: na relação, na informação, na comunicação mútua, em tudo o que garante a existência de uma sociedade como tal.

Em casos destes é de bo[illegible]Robert Escarpit em «Le Monvolta pelos dicionários. Assim, encontramos para a palavra «legítimo» o seguinte significado: «Que nasceu do casamento.» Mas também lá diz que «legítimo» é o que está «fundado no direito, na razão ou na justiça».

Que cada um de nós colha aqui o que melhor convenha ao seu conceito de dignidade.

Metralhadora de luxo

A revista alemã-ocidental «Pardon» (da esquerda extra parlamentar) revela um aspecto particular da cooperação económica entre o Irão e a Republica Federal: «A corte do Irão faz trabalhar as fábricas de armas alemãs. Para uso particular, mandou executar na firma suábia Hecker und Koch, de Estugarda, uma metralhadora sumptuosamente ornada de ouro, prata e pedras preciosas». «Pardon» descobriu esta encomenda no magazine especializado dos armeiros alemães, onde estava atribuída a «uma alta personalidade que infelizmente não podemos nomear». «Todavia, segundo o gravador, não se trata de uma encomenda pessoal do Xá. Seja como for, o fabricante, Boessler, pode orgulhar-se de ter executado uma obra de arte a partir da metralhadora de série HK5, de que enriqueceu todos os elementos. Este trabalho exigiu seiscentas horas, 170 gramas de ouro fino, 130 gramas de prata, quatro quilos e meio de marfim, 62 rubis, 44 esmeraldas e dois «olhos de tigre».

Fielmente, demos a notícia. Quanto aos comentários, preferimos deixá-los à vontade dos leitores...

O mês do coração

As doenças cardio vasculares tornaram-se as mais importantes causas de mortalidade e de invalidez em todos os países industrializados, atingindo homens cada vez mais novos.

Ora, estes acidentes (crises cardíacas e apoplexias) são evitáveis, em grande parte, graças à adopção de medidas de higiene (dieta, supressão do tabaco, equilibrio de vida) e de prevenção (despistagem precoce da hipertensão, da diabetes, tratamento da obesidade).

A Organização Mundial de Saúde (OIT) decidiu, por estas razões, empreender em Abril uma larga informação: cinquenta e um países participarão no Mês Mundial do Coração.

Em França, a campanha começou no dia 8, realizando-se no dia 16 um peditório em benefício da Fundação de Cardiologia.

As fibras doentes

Em consequência das dificuldades por que está passando no mercado das fibras sintéticas, a firma holandesa Akzo anunciou a sua intenção de suprimir cinco mil e seiscentos empregos nos próximos meses. Com efeito, é sua intenção fechar algumas fábricas da sua filial Enka-Glanzstoff, nomeadamente a de Breda e a de Emmercompascuum, perto da fronteira alemã. Por outro lado, Enka fechará a sua fábrica de Wuppertal (Alemanha Federal), que emprega três mil pessoas, ao mesmo tempo que um encerramento progressivo está previsto para os estabelecimentos da Suíça (Feldmuehle) e da Bélgica (Fabelta).

A comissão central de empresa considera inaceitáveis as decisões da direcção, que pretende concluir em um ano o seu programa de racionalização e deseja centralizar rápidamente a produção em grandes unidades. Os representantes dos assalariados pedem que, neste caso, os interesses do capital e os do pessoal sejam mais bem equilibrados. O Partido Socialista pediu um debate no Parlamento sobre a situação do emprego.

O elefante e a vespa

Uma das brilhantes notas de Ropert Escarpit em «Le Monde»:

«De que podem queixar-se os norte-vietnamitas? Aí os temos promovidos ao papel de grandes eleitores dos Estados Unidos: é para os lados de Hué e de Saigão que decorrem as verdadeiras eleições primárias americanas.

«Estranho retorno das coisas. Os vietnamistas acabaram por ter mais influência na vida política americana do que alguma vez os americanos tiveram na vida politica vietnamita, e o presidente Nixon deve estar a meditar, com certa amargura, no ditado da sabedoria popular que diz que é mais fácil à vespa fazer correr o elefante do que ao elefante livrar-se da vespa.

EDUCAÇÃO E ENSINO

Administração e especialistas

Por ter sido muito mal contada, em reunião recente, a querela que opôs, em França, em 1954, psicólogos e administradores, relato o acontecimento devido às suas transcendentes consequências no campo do ensino.

Um conflito de doutrina opôs, durante algum tempo, em 1954, 55, a administração do departamento do Sena, França, a uma equipa de médicos e de psicólogos. Esteve em jogo a sorte de cinco centros de consulta psico-pedagógica. Mas é na realidade à volta de uma questão de princípio que se prosseguiu a querela.

Fortalecidos pela experiência que realizavam, desde quase dez anos, no Liceu Claude-Bernard e noutros lados, os especialistas estavam convencidos de que a psicologia moderna oferecia o meio de tratar as crianças a quem perturbações afectivas ou caracteriais, impediam de se adaptar aos meios familiar e escolar. Pelo contrário, a administração departamental, fiel a uma pedagogia tradicional, entendia preservar as prerrogativas sagradas da «escola».

Latente, desde há longos anos, o conflito tomou feição pungente em Outubro de 1954, quando o prof. Piobetta, director dos serviços de ensino do Sena, decidiu fechar cinco centros psico-pedagógicos criados, à imagem do de Claude-Bernard, para os escolares parisienses do primeiro ciclo.

Fazendo-se eco dos protestos que tinham suscitado esta decisão, o Conselho geral votou créditos suplementares para que a experiência empreendida prosseguisse. A direcção departamental do ensino devia, pois, restituir os centros às suas actividades, mas, a coberto de uma «reorganização» modificou-lhe completamente o espírito e os métodos. As antigas equipas foram substituídas por outras, às quais foi principalmente pedido que dessem as suas consultas na presença dos pais, do professor primário, do director da escola, e mesmo — a título de observador — um ou vários estagiários.

Esta fórmula tinha evidentemente para alguns o mérito de reintegrar a experiência em curso no âmbito restrito da «escola» e de responder assim a diversas exigências administrativas. Tomando por outro lado pais, professores, e futuros professores por testemunhas permanentes do tratamento da criança dava-se ao centro o carácter tradicional e tranquilizador de uma consulta de orientação reforçada por um curso de psicologia viva para uso dos alunos da Escola Normal; mas na verdade — seria deplorável que os conselheiros gerais se iludissem — o sistema instaurado pela administração não poderia de maneira nenhuma dar os mesmos resultados daquele pelo qual foi substituído.

Uma das principais afrontas dirigidas às antigas equipas era a de não se associarem os pais e os professores a todas as fases do seu tratamento, de se comportarem em «grupos» de psicanalistas para quem a família e a escola não contavam muito.

De facto, os métodos dos especialistas de Claude-Bernard e dos seus colegas licenciados não podiam inquietar como os que ignoram ou querem ignorar as aquisições da psicologia moderna. Para quem conhece estes progressos, ou deles tem sòmente verificado os resultados — grande número de pais estão neste caso — a fórmula recomendada pela direcção departamental do ensino não era a menos surpreendente.

Foi estabelecido, com efeito, que a maior parte das perturbações ligeiras para o tratamento das quais se tinham aberto centros (fadiga, nervosismo, ansiedade, pequena delinquência, tiques, inadaptação ao trabalho, incontinência de urinas, etc.) eram devidos a conflitos entre a criança e os seus «parceiros»: pais e professores. Na quase totalidade dos casos percebeu-se que os alunos de quem nenhuma deficiência física ou mental não explicaria os malogros escolares viviam num clima afectivo perturbado: casais desunidos, viuvez, predominância de um dos esposos, preferência por

um irmão ou por uma irmã, etc. Em resumo, quer a criança se revolte ou se concentre, quer seja agressiva ou triste, verificou-se que a qualidade do lar no pleno sentido da palavra ou o comportamento dos educadores devia ser cedo ou tarde posto em causa.

Parece compreensível, nestas condições, que os psicólogos colaborando de maneira constante com os pais e com os professores, se dirigem em certos momentos à criança e sòmente à criança. Este procedimento parece, em todo o caso, mais eficaz e mais respeitador dos direitos das famílias e dos educadores aquela que consiste em reunir uns e outros, perante terceiros, para evocar o caso da criança e do seu meio...

NOVE ANOS DE EXPERIÊNCIA

As reservas da administração francesa justificavam-se se o método incriminado fosse clandestino, sem passado nem resultado. Mas sabe-se que, desde 1946, foi empregada no Liceu Claude-Bernard por um centro que administrava um conselho interministerial e que animava em conjunto médicos e professores eminentes.

Vários milhares de crianças foram aí tratadas, com grande satisfação das famílias. Em casos sem gravidade a passagem pelo centro traduziu-se por conselhos aos pais; quando os indivíduos apresentavam perturbações em evolução foram feitas sessões de reeducação. Calcula-se que 25 por cento das crianças que foram nesse tempo à consulta ficaram sem perturbações; em 60 por cento retrocederam.

Ainda houve 15 por cento de insucessos; mas nestes últimos casos notou-se que as causas das perturbações assinaladas (desarmonia do casal, casebres, álcool) não tinham desaparecido.

Estes resultados só puderam ser obtidos porque o Centro dispunha de equipas homogéneas de psicólogos, de médicos, de educadores e de assistentes sociais altamente qualificados. A comparação não pôde ser devidamente feita: mas vê-se mal como é que os centros que foram reorganizados pela administração poderiam realizar o mesmo trabalho em profundidade.

De resto, o serviço de Claude-Bernard não era o único no seu género. Funcionavam em Paris consultas análogas, e também em Estrasburgo e Mulhouse. A fórmula era, pois, muito oficial porque a associação tinha por tarefa encorajar a extensão e contava entre os seus membros directores do ministério e professores da Faculdade, como os drs. Wallon, Monod, Brunold, Douady, Heuyer, Lagache e muitos outros.

UM ÁRBITRO

Recuperando a muito custo o atraso que tinha acumulado em matéria pedagógica, domínio no qual foi durante muito tempo a vanguarda, a França honrou-se receber em Julho de 1954, para as jornadas de estudos internacionais, os psicopedagogos de vários países. Este encontro consagrou a feliz tentativa feita para debelar uma categoria cada vez mais numerosa de estudantes, com perturbações benignas na aparência, mas finalmente perigosas tanto para elas como para a sociedade. Estes esforços foram feitos em nome das tradições, duma certa concepção prescrita da psicologia da infância?

Sem árbitro a querela dos psicólogos e administradores franceses arriscou-se a prolongar-se. Sòmente, pareceu, que uma nítida tomada de posição do Ministério da Educação Nacional a favor de uma ou de outra tese teria permitido ultrapassar o lamentável conflito doutrinal e assegurar à experiência em curso o futuro que elas mereciam.

PROGNÓSTICO E NÃO VEREDICTO

Infelizmente, o exame de orientação profissional não pode ainda libertar-se - sem pôr o seu valor em perigo - de um método experimental bastante lento. Reúnem-se todos os dados sociais, familiares, escolares e fisiológicos que marcaram a vida do indivíduo e põe o problema posto da sua perspectiva. Da sua análise tira-se uma hipótese e um plano de provas de «contrôle» e de verificação que incide sobre as condições físicas, sobre a eficiência intelectual e as outras realizações, sobre as reacções afectivas às pressões do meio, sobre os seus interesses e a situação no grupo social. A correcção das primeiras provas exige, por vezes, aperfeiçoamentos e sempre uma confrontação com as observações da vida real pelos pais e educadores; confrontação preciosa sobretudo quando os resultados obtidos nas provas se afastam dos resultados escolares e quando as indicações dos testes de personalidade se afastam das manifestações do comportamento. Tudo isto para conduzir a um prognóstico justificado pela interpretação dos dados dos exames e dos factos, com proposições concernentes à acção educativa, e se for caso disso, com uma formação económica, sugestões para o nível profissional a visar e o sector em que a escolha deveria incidir.

Sublinha-se que se chega a um prognóstico e propor uma

A viagem presidencial

DE BORDO DO «FUNCAL», (ANI) — Com mar chão e boa temperatura, prossegue a viagem rumo ao Brasil.

Ao romper do dia, mantinha-se a formatura da escolta, mas já manhã alta destacaram-se da formatura as unidades que seguiram para o Porto Grande de S. Vicente, afim de procederem a reabastecimento.

Continuam prestando escolta a fragata portuguesa «Sacadura Cabral», à proa, e o contratorpedeiro brasileiro «Santa Catarina», à popa.

A chegada do «Funchal» ao Porto Grande de S. Vicente está prevista, segundo o programa, para escala de reabastecimento dos navios.

BALLET PARA PRESIDENTES

RIO DE JANEIRO, (ANI) —No próprio dia em que o Presidente da República Portuguesa chega ao Rio de Janeiro terá lugar no Teatro Municipal, com a assistência dos dois chefes de Estado, Américo Thomaz e Garrastazu Medici, um espectáculo de gala, com a execução do «Ballet» intitulado «O Descobrimento do Brasil» pelo corpo de «Ballet» privativo daquele teatro.

No dia 24, pela manhã, terá lugar, na Base Aérea do Galeão, com a assistência do Presidente Américo Thomaz, o solene lançamento da primeira pedra para o monumento comemorativo da Primeira Travessia Aérea do Atlântico Sul, há cinquenta anos, por Gago Coutinho e Sacadura Cabral.

CONDECORAÇÕES

Quando da visita do Chefedo Estado Português a Brasília e durante a cerimónia de troca de condecorações, o presidente Américo Thomaz imporá ao Presidente Garrastazu Medici o Grande-Colar da Ordem de Santiago da Espada, o qual é pela primeira vez concedido desde a criação daquela Ordem.

Por seu turno, o Chefe do Estado do Brasil deve impor ao Presidente da República Portuguesa o Grande Colar da Ordem de Mérito Nacional — a Antiga Ordem da Rosa, criada pelo Imperador D. Pedro I.

Entretanto, o título de Almirante da Marinha do Brasil e a correspondente espada serão entregues ao Presidente Américo Thomaz durante a sua visita a esta cidade.

Por fim, quando da sua ida ao Clube Naval, o Chefe do Estado Português receberá o título de Presidente Honorário daquela agremiação, que congrega especialmente oficiais da Armada Brasileira.

O DISCURSO DE MARCELLO CAETANO

Todos os Diários, do Rio e de São Paulo, publicaram com grande destaque as palavras proferidas pelo Chefe do Governo de Portugal, professor Marcello Caetano, perante as câmaras da televisão portuguesa, pouco depois do embraque para o Brasil do Presidente Américo Thomaz.

Pagamentos interterritoriais

Presidida pelo prof. Marcello Caetano, reuniu-se a Secção de Plítica Monetária do Conselho de Ministros para os Assuntos Económicos, que tomou conhecimento do estado de execução do sistema de pagamentos interterritoriais e definiu orientações sobre matérias ligadas ao seu funcionamento.

EXÉRCITO

O general Fernando Viotti de Carvalho foi empossado no cargo de vice-chefe do Estado-Maior do Exército, sucedendo ao general Santos Paiva, que passou a reserva. Ao acto presidiu o general António Augusto dos Santos, chefe do Estado-Maior.

ACADEMIA

Reunida sob a presidência do prof. Moses Amzalak, a classe de Letras da Academia das Ciências de Lisboa ouviu uma comunicação do dr. Ruben Andresen Leitão sobre «A acção diplomática do conde do Lavradio», a qual foi comentada pelo prof. Braga Paixão.

DL de ONTEM para HOJE

PRÉMIOS

Antes da estreia, no Cinema Estúdio, de «Uma Abelha na Chuva», foram entregues oa Prémios de Cinema instituídos pela Casa da Impresa, relativos a 1970. Falou o jornalista Adelino Cardoso, da direcção da instituição, esclarecendo o critério que presidira à atribuição dos referidos prémios.

JUVENTUDE

No Ministério da Educação Nacional, o prof. Veiga Simão deu posse ao dr. José Pedro Castelo Branco do cargo de director do Secretariado para a Juventude. A certa altura do seu discurso, disse o empossado: «Teremos certamente tempos penosos a vencer e não nos será possível proporcionar àqueles que connosco colaboram missões fáceis nem confortáveis».

Aviso a um soldado

O comando da Região Militar de Coimbra solicita-nos, por intermédio da nossa delegação daquela cidade, a publicação do seguinte aviso:

«O soldado José das Neves Santos, natural da freguesia de Snatar, do concelho de Nelas, filho de Mário Antunes dos Santos e de Maria Elisa das Neves, deve contactar, urgentemente, com o Distrito de recrutamento e Mobilização n.º 12, de Coimbra, ou apresentar-se no Centro de Estudos Psicotécnicos do Exército, em Caxias, para tratar de assunto militar de seu interesse.

LUSTRES

Se está interessado na sua compra, não o faça sem visitar a Fábrica: Av. 5 de Outubro, 203-r/c, Esq. (ao Campo Pequeno). Telefone 77 16 39.

VENDA AO PÚBLICO

A CASA COSTA

vendeu num bilhete com o seu carimbo o

3.º PRÉMIO — 17.871

250 CONTOS

Lembre-se de si ...

... e não esqueça que a

CASA COSTA

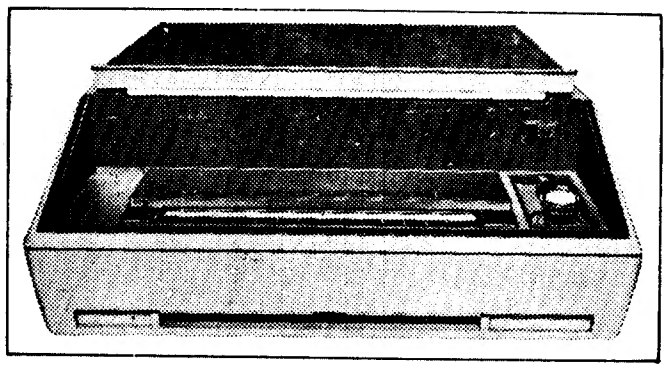
75, Rua de S. Paulo — Lisboa - 2

continua a dar

BONS PRÉMIOS

A FOTOCOPIADORA A SECO «3M»

MODELO 251



FOTOCOPIA TUDO

A fotocopiadora modelo 251 é realmente uma máquina extraordinária. Fotocopia tudo — desde o memorando rabiscado a esferográfica a uma pintura a óleo. Faz fotocópias perfeitas de páginas de livros mesmo encadernado. E as cores não são problema. Até mesmo o azul claro é reproduzido fàcilmente. Você obterá uma fotocópia nítida a preto sobre papel branco, sempre completamente seca, em alguns segundos.

A «251» não necessita de líquidos, pós, tintas ou produtos químicos. É compacta — do tamanho de uma máquina de escrever — e acomoda-se perfeitamente na sua secretária, pronta a ser utilizada em qualquer altura. Mas, o mais extraordinário é a facilidade da sua utilização. Até mesmo o Director-Geral pode trabalhar com a «251» sem o mínimo «espalhafato».

Apresenta sempre bons resultados e nunca precisa de retoques.

Para uma demonstração grátis no seu escritório dirija-se a:

3M COMPANY | MINNESOTA (3M) DE PORTUGAL, LDA.—

Av. Infante Santo, 40-C — LISBOA-3

Telefones 67 74 10 - 67 74 41 - 67 74 47

Nome .....

Companhia .....

Morada .....

..... Tel. n.º .....

Máq. mod. 251 .....

veja o seu TOYOTA na Transmotor

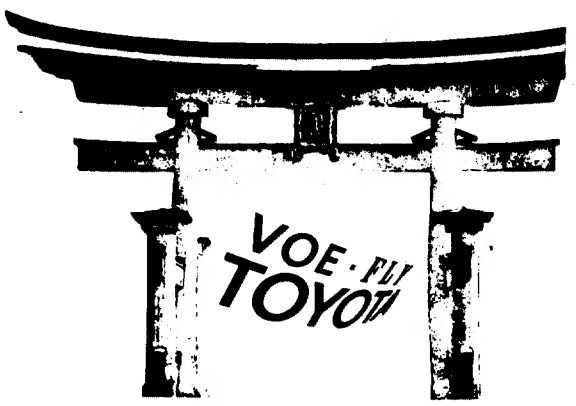
EMPRESA DO GRUPO SALVADOR CAETANO, S.A.R.L.

AV. FONTES PEREIRA DE MELO, 17-A

QUINTA, SEXTA e SÁBADO (dias 13, 14 e 15)

ATÉ ÀS 24 HORAS

ENTRE PARA A "FAMÍLIA" TOYOTA e venha connosco ao JAPÃO



Já fez o TRATAMENTO CAPILAR item?

LOÇÃO CONCENTRADA + CREME

PEÇA FOLHETOS A: COLIM R. DA ALEGRIA, 181 PORTO

FÁBRICAS DE TABULEIROS DE XADREZ: NÃO LHES DÁ O FARO COMERCIAL?

O curso de xadrez pela televisão estava na agenda há muito tempo. Começou. Começou com um ligeiríssimo bosquejo histórico, firmado principalmente nas palavras, com «escandalosa» desatenção para a parte documental e com uma apresentação de tal modo fria e ausente que difcilmente terá captado a adesão do público a captar: o público jovem. Foi uma apresentação de velhos para velhos. O curso de xadrez começa mal. Oxalá seja apenas uma entrada em falso. Não é obrigatório que tudo sempre comece bem.

Alguns estudiosos que se tem debruçado para o problema das transmissões desportivas são da opinião de que elas podem constituir um risco, no sentido comercial, mas inegàvelmente favorecem e incentivam a prática da modalidade desportiva. A televisão contribui para que se esvaziem as bancadas e se encham os campos. Isto só poderá acontecer, no entanto, se houver campos.

Quer dizer que os efeitos da televisão serão maiores na medida em que encontrar uma realidade propícia. Bem pode a televisão multiplicar as transmissões de ginástica, de basquetebol, de andebol, de futebol, de natação: se o público potencialmente atingível não tiver à mão a possibilidade de um ginásio, de recintos apropriados, de campos, de piscinas, lá se vai por água abaixo todo o esforço de promoção. Não me consta que haja aumentado em Portugal o interesse pelo esqui, pelos desportos de Inverno e por isso mesmo: porque não possuímos neve, porque Piornos não chega.

Que importa, em relação ao xadrez? Importa que, os telespectadores disponham do local próprio para a prática dele, ou seja: dos indispensáveis tabuleiros. Atelevisão portuguesa faz aquilo que pode, através dos seus programas juvenis: põe à disposição dos aprendizes um instrutor de inegáveis méritos de jogador (oxalá os venha igualmente a ter como instrutor). Mas isso não é tudo, isso pode mesmo resultar inútil se ao pé de cada televisor não houver um (ou vários) tabuleiros. É urgente:

a) que no mais curto prazo surjam, fabricados por empresas que manipulem os mais diversos materiais (desde a madeira ao plástico), os tabuleiros de xadrez postos no mercado a preços... de benemerência.

b) que entidades particulares e oficiais tratem de abastecer de tabuleiros os organistos respectivos;

c) que se prepare, à escala nacional, uma verdadeira telescola de xadrez.

Fiquemos à espera. Na certeza de que, se não houver neve, não haverá esqui, por insistentes, por diárias que sejam as emissões de Grenoble, de Ampezzo, da Austria não sei onde, do Japão não sei onde.

ELIZETH CARDOSO: COM O PÉ ESQUERDO.

Temos Elizeth Cardoso, pela segunda vez, na nossa frente. A cantar. Porque também já houve aquele «Frente a Frente» pelo qual demonstrado ficou que a arte de cantar em público não anda forçosamente a par da arte de conversar em público.

Não nos ficara saudade da primeira apresentação de Elizeth Cardoso, aliás efectuada em condições emocionais pouco propícias ao desenvolvimento de todas as qualidades dessa a quem, certamente num momento de loucura mansa, chamaram a **Divina.** Claro, a Eliseth Cardoso riu-se do epíteto, no que mostrou boa dose de bom-senso. Sendo porém certo que o doce vinho do elogio embebeda __ até mesmo se é justificado, quanto mais.

Inegàvelmente Elizeth Cardoso deu-nos ontem mais completa noção da sua capacidade como cançonetista. Atenção: de um certo tipo de cançonetista.

Quando a exploração comercial da canção atinge determinado nível, surge uma camada que funciona de caixeiro-viajante: transporta a canção de um lado para o outro, repete-a com maior ou menor consciência do ofício, dá-lhe a maior ou menor qualidade do seu instrumento vocal. Não criam canções: limitam-se a reproduzi-las. Por outro lado, não chegam a criar um estilo, uma maneira peculiar.

Assim funciona Elizeth Cardoso. Não lhe poderemos pedir nada mais. Não lhe podemos exigir, mesmo quando se entrega à interpretação de canções mais modernas, o compromisso com a modernidade da canção... comprometida. Até aí não vai Elizeth Cardoso, que sabe escolher, por entre as canções modernas, aquelas que são mais... antigas, mais convencionais, mais de acordo com o seu temperamento de cançonetista de plateia. Ao citar Jobim, Vinícius, Caetano Veloso, etc., não comete Elizeth Cardoso uma descarada mentira, mas veste a pele de um lobo que não existe na sua essencialidade.

Pelo que ouvir duas vezes Eliseth, basta. Mais seria... de mais.

4 Não gostaria de terminar esta breve nota sem lamentar as condições de captação de som que presidiram a esta emissão e de que a qualidade da interpretação muito se ressentiu. Sem dúvida: Elizeth Cardoso entrou na televisão portuguesa com o pé esquerdo.

MOZART... E OBRIGADINHO TELEVISÃO AUSTRÍACA!

Ópera, no primeiro programa. Desde quando? Nem me lembra. Puxo pela memória, respondem-me brumas e, entre elas, com perfeita nitidez, a expressão, a voz grave e tranquila de João de Freitas Branco.

A ópera voltou e preferia que voltasse às sextas-feiras, a substituir o **Lancer.** esse defunto em vida. Porque, nos serões de quintas-feiras tínhamos nós o teatro, ou aquelas memoráveis sessões da Televisão Francesa.

A ópera voltou, voltou o nome de Mozart. Em vez de João Freitas Branco, a presença de Álvaro Malta, uma presença frequente na televisão através da missa dos domingos. Álvaro Malta contou-nos logo de início uma parte da ópera. Contou-nos tão eficientemente quanto o processo permite. Nada impedio, porém, que nos fossem dados esclarecimentos suplementares no decorrer da ópera, a semelhança do que praticou a própria televisão austríaca. Meus senhores!, por que razão havemos de considerar que os telespectadores portugueses precisam sempre menos do que os outros?

MUSEU MILITAR

Tomou posse do cargo de director do Museu Militar o brigadeiro Alberto Araújo e Silva, recentemente nomeado.

SAIU O 1.º NÚMERO DA REVISTA "PRELO"

Foi hoje distribuído pela Imprensa Nacional, o primeiro número da revista «Prelo» publicação bimestral, dedicada às artes gráficas.

Para lançamento da mesma, realizou-se ontem, ao fim da tarde, uma reunião de convívio de eintidades ligadas à Imprensa e artes gráficas, durante a qual o presidente do conselho de administração da Imprensa Nacionaaorges de Menezes, definiu os objectivos da nova revista, po rmeio dá qual se pretende «contribuir para o desenvolviemnto e divulgação da tecnologia e dos problemas relacionados com a actividade, bem como promover a aproximação e estreitamento das relações entre todos os membros que integram o vasto e importante sector nacional das artes gráficas».

A revista incluirá sempre artigos de tipo técnico, cultural, histórico, de informação ou discussão de assuntos relativos às artes gráficas, entrevistas e inquéritos, temas de gestão álicados à respectiva indústria, dados e estatísticas do sector, informações sobre legislação, normalização, bibliografia, noticiário e outros temas de interesse para a actividade.

Comterá, ainda, secções especiais de particular interesse para os gráficos, designadamente um registo dos principais aritgos publicados em revistas estrangeiras, com a possibilidade oferecida aos eltiores de obterem fotocópias e traduções desses artigos e um consultório para problemas técnicos de artes gráficas, cujas respostas serão dadas por técnicos nacionais e estrangeiros, através de sunsultas especialmente feitas.

VISCONTI FILMA «LUDWIG»

MUNIQUE, — Para interpretar o papel de Richard Wagner na película «Ludwig», o realizador Luchino Visconti designou o actor Trewor Howard. Os exteriores do filme estarão prontos no dia dezasseis de Abril, começando depois a ser rodados os interiores.

Casa da Comédia
Rua S. Francisco Borja, 22
(Janelas Verdes)
Todos os dias às 22 h. Sáb. e domingos, 16 h.
Play Strindberg
(Dança da Morte em 12 Assaltos de Friedrich Dürrenmatt
C/ Carmen Dolores — Augusto de Figueiredo e Álvaro Benamor
Direcção de Jorge Listopad
Subsd. Gulbenkian e F. Teatro
Tel. 677299-18-A-Grupo-D

LATINA

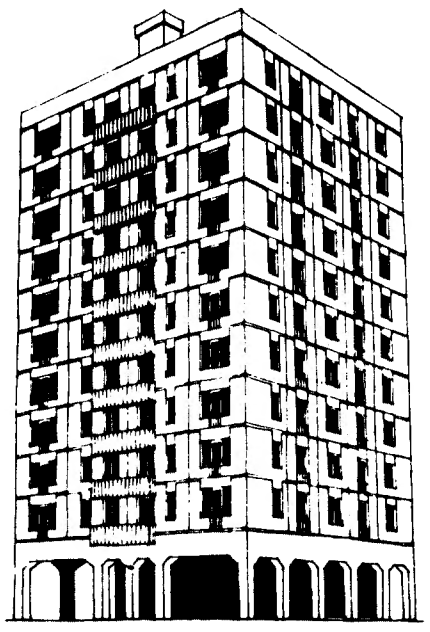
Será que V. ainda encontra a tal casa de 4 assoalhadas, boa, ampla, sossegada, entre jardins para toda a vida e tudo por 310 contos?

ENCONTRA

...A ICESA CONFIRMA em Stº António dos Cavaleiros

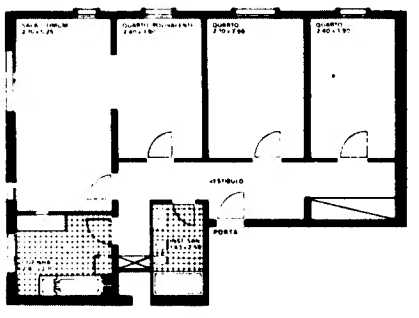
A ICESA vende-lhe uma casa em St.º António dos Cavaleiros. Custa 310 contos. Tem 4 assoalhadas. A ICESA trata de toda a documentação respeitante à compra. Logo nos primeiros anos, recupera grande parte do seu investimento na renda que não paga. Ganha o resto na valorização contínua da casa. Para já tem desconto no recheio. Tem um estudo de decoração oferecido pela ICESA. Val ser o fim da renda. É o princípio da vida. Vá a St.º António dos Cavaleiros e fale com um técnico de vendas da ICESA. Ele espera-o.

Viagens asseguradas por 500 carreiras ao longo do dia, ida e volta entre St.º António dos Cavaleiros e Lisboa (Entre-Campos).



4 assoalhadas 310 contos
entrega imediata

Visitas todos os dias, das 11 às 13 e das 15 às 20 horas, excepto às 2.as feiras.



ICESA - Av. da Liberdade, 9 - Lisboa 2 - Telef.: 32 63 14 - Santo António dos Cavaleiros - Estrada de Loures - Telef.: 2530865

BEATRIZ COSTA: o livro e as viagens

Beatriz Costa, que há um mês e tal circula pela Itália e Espanha em viagem de repouso, conforme sua designação, estará de regresso a Lisboa, por volta de vinte e poucos deste mês. A semana passada ainda a «localizámos» em Sevilha.

«Sevilha é a última escala deste meu circuito. Aliás esta viagenzinha só tem uma finalidade: a de concluir o meu livro de memórias. Em Lisboa as pessoas telefonam-me, desafiam-me com convites, procuram-me, visitam-me e eu não sei resistir aos convívios humanos. Mas tudo isto impede-me totalmente de acabar o meu livrinho. Programei que agora, na Semana Santa em Sevilha, concluiria o meu livro, o tal capítulo que me falta e a revisão dos restantes. Comprometi-me com alguns amigos que quando regressasse a Lisboa, o manuscrito viria acabadinho. Vamos a ver se não falto à promessa...»

«Vou concluir o meu livro de memórias»

A autobiografia de Beatriz Costa é aguardada com singular expectativa. Nesse livro perpassam muitas vivências com situações e gente «a sério» e, decerto, a restituição de uma época importante. Beatriz Costa está disposta a nada encobrir, a tudo contar «sem papas na língua». Daí a necessidade de revisões minuciosas antes de dar o livro à estampa e a responsabilidade de fazer trabalho limpo.

«Apenas permanecerei uns quinze dias em Lisboa, pois em meados de Maio vou passar mais um mês a Viena de Áustria, onde terei por cicerone o maestro António Vitorino d'Almeida, conforme o combinado quando recentemente o conheci em Lisboa. Ele, um grande amigo feito em escassos dias, também está muito empenhado no meu livro e sua respectiva consecução. Necessito permanentemente de viajar, de andar de um lado para o outro, pois é a única forma que conheço de repouso e paz de espírito. Quero viver tudo até à última gota. Sempre fui assim, mas agora abuso... Sou uma «globe-troter», com os olhos bem abertos para tudo.

Suspeitamos que a sua autobiografia nunca terá um capítulo final redigido; porque Beatriz Costa acumula vivências sobre vivências, impossíveis de registar pois se o tempo até é pouco para as viver...

«Para ser concreta conto que, para o fim do ano, edito o livro. Depois da minha ida a Viena de Áustria, passo por Lisboa para de seguida fazer uma grande viagem pela América do Sul, nomeadamente às terras dos incas, pelos Andes, que ainda não conheço. Vou ao Brasil, igualmente. A minha segunda pátria. Tudo isto me dará até Setembro. Viajar para mim não é uma fuga, antes um enriquecimento humano. Vejo terras, gentes e sinto-me mais forte.

Quando assentar em Lisboa, para o fim do ano, penso, além da edição do meu livro, fundar, talvez, um teatrinho ou um ca-

«A reconstituição de uma época»

fé-concerto. Seja o que for, será um sítio onde possa dar ainda «uma perninha», como nos velhos tempos, do meu género teatral. Vamos a ver. Depende de tantas coisas! Principalmente do estímulo e apoio dos meus amigos. É para eles, sobretudo que farei essas coisas. Como será para eles a minha casa sonhada, quando um dia a tiver como quero. Quero os meus amigos à minha volta, com um pouco de felicidade. Para mim, dar é acima de tudo, um modo de receber.»

DL show

Jean-Paul Cara tem um novo disco no mercado distribuido pelas Organizações Zip. As canções deste disco são «Ça me brule les yeux, ça me brule le coeur» e «Dis-leur, dis-leur». Cara, que se encontra em Lisboa, começou ontem uma série de actuações no Casino Estoril.

★

Encontra-se de novo em Lisboa, a leccionar no Conservatório Nacional, o professor Raphael Shelley, da Old Vic School of Teatre, de Bristol. O prof. Shelley é especializado em treino global de teatro que envolve a expressão corporal, o treino vocal, a análise de um texto e dos seus personagens, a construção do comportamento épocal. Agora são os alunos do 1.º ano da Escola Superior de Teatro do Conservatório Nacional que beneficiam dos seus ensinamentos.

★

De autocarro partiu ontem para Espanha, em digressão de nove dias em seis cidades espanholas, a Orquestra Gulbenkian, que será regida pelo maestro Werner Andreas Albert, seu director-titular e que contará com a colaboração da pianista Maria João Pires, como solista. A Orquestra Gulbenkian percorrerá Badajoz, Sevilha, Cádis, Málaga, Granada e Córdova, apresentando obras de Bomtempo, Mozart, Mendelsson, Bach, Haydn, Joly Braga Santos e Prokofiev. A presente tournée tem o alto patrocínio do Comissariado Geral de Música do Ministério da Educação de Espanha.

A «sexta-feira cultural» de hoje no cinema Império, às 18 e 30, integrado no ciclo «Cinema em Aventura», exibe o filme «Assalto ao Queen Mary» dirigido por Jack Donohue e protagonizado por Frank Sinatra, Virna Lisi, e Tony Franciosa.

★

Regressou de França, onde participou na Semana Coral de Arcachon (Bordéus), o Coro da Universidade de Lisboa. Naquela semana, que foi organizada pela Federation Européenne des Jeunes Chorales, estiveram presentes cerca de 200 coralistas de vários países que, sob a direcção de maestros de prestígio — como Michael Corboz (Lausanne) e Philippe Cillard (Paris) — trabalharam obras de Monteverdi, Schutz, etc. O Coro da Universidade de Lisboa participou na oratória «Jephté», de Carissimi, que foi executada sob a direcção de Michel Corboz e em que também colaboraram os cantores portugueses Jenifer Smith (soprano), Fernando Serafim (tenor) e Fernando Eldoro (baixo) e a orquestra de Câmara de Rádio Limoges. O C.U.L., dirigido pelo seu actual maestro, Fernando Eldoro, deu, ainda, um concerto, em cujo programa figuraram obras de M. Corboz, Hindemith, Cancioneiros de Upsala e de Elvas, e canções populares portuguesas harmonizadas por F. Lopes Graça e M. de Sampayo Ribeiro, tendo estas últimas obtido grande êxito. Pelo nível da sua participação e pela simpatia calorosa naturalmente desenvolvida à sua volta, pode afirmar-se que o Coro da Universidade de Lisboa foi digno representante do seu país, tendo até sido solicitada a sua presença em concertos a realizar na Áustria e nos Estados Unidos. Terminada esta curta digressão artística, o Coro retomou a sua preparação para o concerto que dará já no próximo dia 26, no auditório 2 da Fundação Gulbenkian.

Jean-Paul Cara com Charles Aznavour

CINEMA NO MUNDO

«CORDOBÉS»

MADRID — O matador «El Cordobés» vai interpretar um filme com Sofia Loren. O filme será produzido por Carlo Ponti e será extraído da obra do grande poeta espanhol Garcia Lorca «A Casa de Bernarda Alba».

NOVA «ALICE»

LONDRES — Começam em Londres no dia vinte e quatro de Abril as filmagens da nova versão da película «Alice no País das Maravilhas». Realizado por William Sterling, o filme terá na principal interpretação o actor Michael Crawford.

Ensaie o Break GS com
Raul Solnado
e ganhe viagens a
Paris, Londres e Madeira

Break GS
uma nova geração GS

A vossa escolha Berline ou Break GS

Conduza-o e ficará assustado com a ideia de guiar outro carro

CITROËN GS

CENTRO DE ENSAIOS DO BREAK GS
GORJÃO E SAMPAIO
AGENTE CITROËN
PRACETA DO JUNQUEIRO
CARCAVELOS

50% DE DESCONTO PARA ESTUDANTES
(Subsídio da Fundação Calouste Gulbenkian)

VASCO MORGADO APRESENTA
AR CONDICIONADO
TEATRO VILLARET
o mais moderno e confortavel de lisboa

HOJE
2 SESSÕES
às 21 horas
às 23 horas
4.º MÊS

O Tartufo
RAUL SOLNADO
e a sua Companhia com
FERNANDO CURADO RIBEIRO
FERNANDA MONTEMOR
MÁRIO PEREIRA
MANUELA MARIA
JOÃO GUEDES / MARIA ALVIM
HENRIQUE VIANA
NORBERTO DE SOUSA
BEATRIZ VAZ / DAVID SILVA
e MARIA DO CÉU GUERRA
no papel de "Dorina"
DIVERTIDÍSSIMO !!!
M/18 anos

TEATRO • tel 326037
VARIEDADES
VASCO MORGADO
APRESENTA
à noite: 21.45 h.
DE RAY COONEY
E JOHN CHAPMAN
GRUPO D
(Maiores de 18 anos)
8.º MÊS
Empresta-me o Teu Apartamento
Com HENRIQUE SANTANA, MARIA DULCE, MARIA HELENA MATOS, CARLOS JOSÉ TEIXEIRA, HENRIQUE SANTOS, ALINA VAZ, MARIA LAURENT, HELENA ISABEL e a colaboração especial de PAULO RENATO
6.as FEIRAS e SÁBADOS
2 SESSÕES — 20.45 e 23 h.
DOMINGO: à tarde, às 16 h.

TEATRO
LAURA ALVES
TEL 864756
VASCO MORGADO
APRESENTA
à noite, 21.45 h.
Domingos à tarde, 16 h.
UMA EXTRAORDINÁRIA PEÇA
DE EDWARD ALBEE
GRUPO D
(Maiores de 18 anos)
6.º MÊS
Quem tem medo de Virgínia Woolf?
Com JACINTO RAMOS, GLÓRIA DE MATOS, ELISA LISBOA e LUÍS MATA
Encenação de JOÃO VIEIRA
Cenário de PAULO GUILHERME
Espectáculo subsidiado pelo Fundo de Teatro
50 % de desconto aos estudantes benefício da Fundação Gulbenkian
ÚLTIMOS DIAS

TEATRO
CAPITÓLIO
TEL 327493
GIUSEPPE BASTOS
e VASCO MORGADO
apresentam
em 2 sessões, às 20.45 e 23 h.
A ORIGINALÍSSIMA REVISTA POPULAR

com
JOSÉ VIANA — LÍGIA TELES
BARROSO LOPES — DORA LEAL
A atracção nacional
CIDÁLIA MOREIRA
CARLOS MIGUEL — MARIANO FRANCO — DINA MARIA — EDUARDO VILAVERDE
e pela primeira vez no «compère»
CARLOS GONÇALVES
GRUPO D — M/ 18 ANOS
AOS DOMINGOS À TARDE
Às 16 HORAS
3.as Feiras, descanso da companhia

"AGUAVIVA" entre o silêncio e a concessão

Conforme foi recentemente noticiado nas páginas deste jornal o agrupamento espanhol «Aguaviva», foi impedido de actuar no festival de San Remo em consequência duma ameaça de greve de músicos e artistas italianos que protestavam contra a participação de artistas estrangeiros no seu festival. Não nos surpreende o facto, pois os italianos sempre foram partidários de um certo nacionalismo canconetístico que por vezes os leva a tomar medidas de segregação. Referimo-nos essencialmente à música, já que tudo o que se situa fora deste terreno ultrapassa em regra os limites da nossa análise.

Entretanto a título informativo e por simples curiosidade recordamos que:

1 — Os Aguaviva já actuaram em Portugal com grande sucesso no Villaret e no «Curto-Circuito».

2 — São sistemáticamente vetados no seu próprio país, por motivos que de tão óbvios se torna fastidioso enumerar.

3 — Receberam da crítica musical italiana o galardão para o melhor grupo estrangeiro de 1971.

4 — Obtiveram um importante prémio de interpretação «ex aequo» com o porto-riquenho José Feliciano em San Remo no mesmo ano e gozam de uma razoável popularidade em toda a Itália. Daí a nossa surpresa em relação ao veto decretado pela organização do referido festival.

O grupo de características predominantemente vocais, tem dois albuns editados o segundo dos quais representa um importante passo no caminho da maturidade vocal e instrumental. Este album foi, tanto pelo caracter inovador de algumas propostas, como pela grande unidade formal, um dos mais importantes trabalhos em lingua espanhola que nos foi dado ouvir no ano de 1971.

Gravados em Espanha pela Acción de Manolo Diaz e distribuídos em Portugal pela «Movieplay», os «Aguaviva» estão de novo entre nós em single.

O processo utilizado para a selecção dos temas não deixa entretanto de ser curioso: sempre que o grupo tem uma nova canção junta-a em disco a um dos temas de sucesso integrados nos trabalhos maiores. Foi o que sucedeu por exemplo com o último single do grupo vendido em Portugal: «Vuestra Fuente» era a nova proposta e «La Ciudad Es de Goma» era um dos temas mais ouvidos de «Apocalipsis».

Aproveitando o facto do grupo ter feito uma canção, propositadamente para San Remo, a «Acción» com uma razoável dose de pontaria, que não queremos deixar de assinalar, coloca-a em disco de parceria com «No nos Dejan Cantar», de Nazim Hikmet e M. Diaz que é um dos temas mais fortes de «Apocalipsis».

Posto isto falemos de «Ciao, Amico Ciao»: trata-se segundo informa um dos elementos do grupo na literatura explicativa que acompanha o disco, de uma canção encomendada pela editora italiana. Com a letra substancialmente alterada e um novo arranjo, «Ciao, Amico, Ciao» é, nem mais nem menos que uma versão do «romântico» «Ciao, Amore, Ciao», que fez estremecer milhares de corações sensíveis em toda a Europa. Dedicada a um «hippy» amigo do grupo, a canção pouco tem a ver com «No nos dejan cantar» que ocupa o lado B

Este titulo já por si podia ser um comentário irónico ao veto italiano em San Remo, mas em princípio não passa de uma vulgar coincidência.

Feita de encomenda, «Ciao, Amico, Ciao» fica, até do ponto de vista temático, a uma considerável distância de «No nos dejan cantar» que é um grito de firmeza e persistência, sendo maior ainda a distância que a separa de «Me queda la Palabra», de «El Nino Há Muerto» onde o grupo surgia muito mais empenhado e vigoroso na apresentação das sua propostas e no tratamento das palavras em que aquelas assentavam.

No que respeita ao trabalho musical não há muito para dizer: são as mesmas harmonizações impecáveis mas sem qualquer inovação e o uso prudente dos metais e das cordas a que Pepe Nieto nos havia já habituado em trabalhos anteriores.

Que significado terá «Ciao, Amico, Ciao» no rico itinerário musical dos Aguaviva? Será um caso aleatório ou o prenúncio de uma nova via que francamente nos decepciona? Estará o grupo a enfrentar uma crise de produção ou terá propositadamente «hibernado» para repensar formas e caminhos?

Enquanto a ausência dum terceiro 33 r. p. m. se começa a fazer sentir inclinamo-nos de boa vontade para a segunda das hipóteses. No momento em que Patxi Andion faz «Once canciones entre parentesis» e prepara «Pueblo», o seu novo LP e Maria del Mar Bonet, uma maiorquina de quem já falámos, surge com um disco excepcional no mercado espanhol, os «Aguaviva» arriscam-se com «Cian, Amico, Ciao» a ficar fora do combate. Se isso vier a acontecer seremos os primeiros a lamentar.

J.J.L.

ANTÓNIO PEDRO BRAGA... a oportunidade de um regresso

crítica de DISCOS

José Jorge Letria

Ligado ainda à editora Movieplay com a qual celebrou vai para três anos o primeiro contrato de gravação, António Pedro Braga prepara-se para lançar no mercado o seu segundo 45 r. p. m.

Trata-se desta vez de um «single» contendo dois títulos sobre os quais adiante deteremos a nossa atenção. Assim temos, na Face A, «Cavalo de Várias Cores» com música de A.P. Braga sobre um poema do malogrado Reinaldo Ferreira, e, na Face B, «Caixinhas» de M. Reynolds e A.P. Braga, que é, nem mais nem menos, que a versão de um tema muito conhecido de Pete Seeger.

No momento em que o disco se prepara para entrar em circulação, oportuno será falar da estranheza que nos causou um silêncio tão prolongado de A.P. Braga. Isto, por vários motivos: Braga não é exactamente um cantor produtivo, mas possuia apesar disso canções em número mais do que suficiente para ter feito pelo menos um disco, durante este longo interregno. Não o fez e nós calculamos as razões: se por um lado a música é uma parcela importante da sua vida, pelas possibilidades que lhe dá de transmitir ás pessoas um determinado número de ideias e de propostas o curso de engenharia e a actividade teatral (esporádica) no grupo Cénico do Instituto Superior Técnico, absorvem-no também ao ponto de impossibilitarem a regularização de um trabalho musical sério. Isto, para não mencionar, claro, as dificuldades que em termos de conteúdo são postas pelas editoras ao repertório dos artistas.

Transpostas entretanto as dificuldades A. P. Braga põe de novo «a voz em movimento»: antes de nos referirmos ao disco é esse facto que pretendemos assinalar. Num momento em que a música portuguesa, preocupada, menos com a renovação do que com a sobrevivência (junto do público) avança aos solavancos, ultrapassando penosamente obstáculos e «ameaças» assume uma importância considerável o reaparecimento de uma voz como a de Braga. Para tanto contribuem: a simplicidade quase didáctica das suas melodias, que convidam em regra à participação colectiva e a clareza elucidativa das palavras que escolhe para cantar. Para Braga, a música é, pelo que nos tem sido dado ver e ouvir, um instrumento de intervenção, no qual as fragilidade (por vezes visíveis) da voz ou da melodia são vencidas pela intencionalidade dos temas e das propostas neles contidas.

Anti-comercial por princípio e pela força das circunstâncias, A. P. Braga regressa no momento exacto, atravessando com um disco bem pensado e construido o fogo cerrado que faz estremecer a música produzida em Portugal.

Enquanto não se estudam conscientemente as possibilidades de agrupamento e a viabilidade dum sério trabalho de equipa e se estilhaçam com estúpidas discussões as hipóteses de unificação resta-nos assinalar a «oportunidade» de uma ou outra voz que se ergue isoladamente no meio de tanta mistificação e de tanta fraude disfarçada.

OS TÍTULOS

Apesar de discutível, a escolha de «Cavalo de Várias Cores», para a Face A, não deixa de ser oportuna: o poema de Reinaldo Ferreira - grito de evasão materializado num cavalo de várias cores - pode pela sua carga alusiva, sugerir uma infinidade de leituras, que serão mais ou menos significativas consoante a posição do cantor e os recursos instrumentais de que lança mão.

Com a voz bem colocada e razoávelmente integrado no arranjo de Thilo Krassman, A. P. Braga tem neste tema uma boa interpretação. Um aspecto discordante apenas: a quebra de nota no fim das frases tira por vezes à canção um equilíbrio que lhe é essencial.

O arranjo de Thilo é imaginativo e rico de sugestões sonoras. Muito menos espartilhado em matéria de tempo, Thilo estuda agora com mais cuidado os temas, fazendo-nos esquecer certas precipitações que marcam a sua passagem pelo Zip.

De salientar o trabalho instrumental de Correia Martins, que, com o solo em distorção dá ao tema uma coloração muito interessante e do excelente Vitor Santos na flauta. Apreciável é também o trabalho de estúdio de Baudet e de Moreno Pinto que integram perfeitamente na canção os ruídos de cidade.

No lado B, «Caixinhas» é, apesar da sua simplicidade e da sua carga satírica reforçada pelo uso inteligente de uma certa desafinação, menos conseguido que «cavalo de Várias Cores». Com este título onde se fala de «caixinhas de tiquetaque e dos filhos dos burgueses que frequentam a universidade» pretende A. P. Braga traçar o retrato incisivo duma burguesia enfeudada a valores tradicionais que queima o tempo com martinis nas esplanadas e nos bares e se desunha na luta pelo «canudo». O retrato porém sai-lhe frágil: nem o balanço incómodo do fungagá chega para sublinhar a intenção do tema.

Apesar das reservas apontadas, o último trabalho de A. P. Braga justifica uma audição demorada.

No momento em que Manuel Vargas vende milhares com o «Caminheiro» e um punhado de «cépticos» discute o galardão atribuído a José Mário Branco pelo júri da Casa da Imprensa, o regresso de A. P. Braga é, além de oportuno extremamente necessário.

PRÉDIOS VELHOS PARA DEMOLIR NO CENTRO DE CASCAIS

VENDEM-SE

COM PROJECTOS

OU ANTEPROJECTOS APROVADOS

PARA NOVOS EDIFÍCIOS

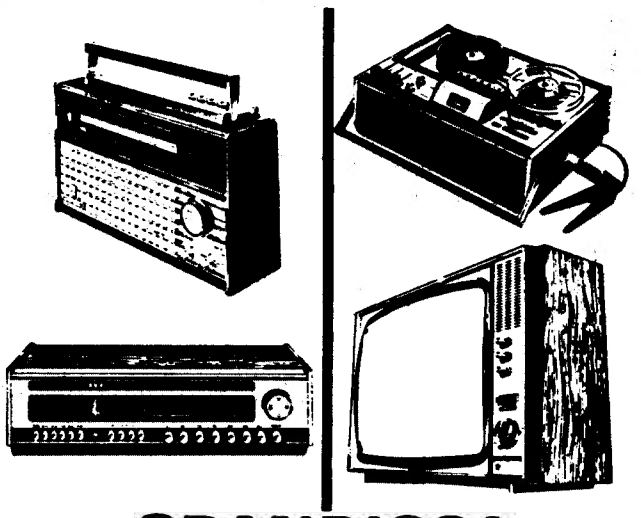
PROPRIETÁRIO:

JOAQUIM BARAONA

Av. Valbom, 28-1.º

Telef.: 282345 — CASCAIS

GRUNDIG



GRANDIOSA CAMPANHA

SUPERMANOS

Largo do Mastro, 3-9 - Lisboa

NOVALIS

Av. Almirante Reis, 21B - Lisboa

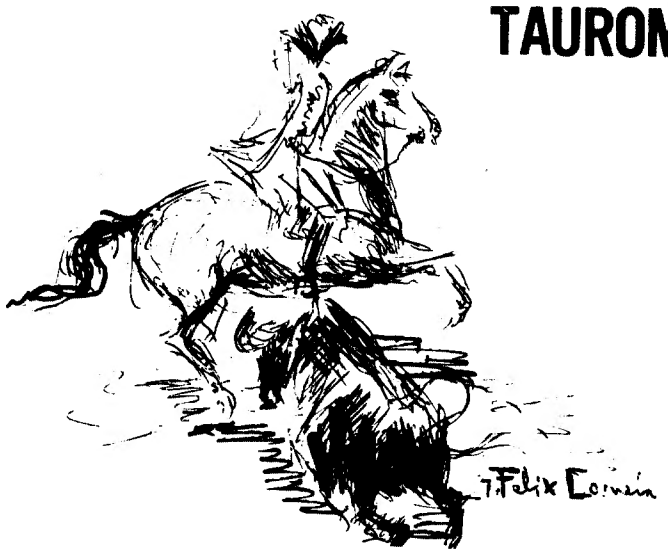
MUNDILAR

Rua 1.º de Maio, 138 - Lisboa

Vendas em 36 prestações

Sem entrada - Sem fiador

TV GRUNDIG '72



TAUROMAQUIA: o novo regulamento

Do novo regulamento já demos alguns aspectos, ainda que dos mais secundários como o de ser o peão de brega do cavaleiro que lhe entrega a primeira farpa, dispensando assim a subrevivência do «espada». Contámos já o trabalho que com Manolete tivemos para o convencer ao cumprimento do que estava em uso e que ele considerava absurdo, opondo nós, sem convicção, que cada terra tem seu uso.

Pois tal absurdo uso acabou com o novo regulamento, que com outros não menos absurdos acabou também, mas não com os que consideramos capitais, como as demoras, embora se limitassem estas ao abuso da «muleta» e das pegas.

Fatal para o espectáculo é a lide de oito turnos. Diz-se em Espanha que não há nada mais maçador que a corrida de oito touros.

Se não seis, deveria a nossa tourada ser apenas de sete touros, três para dois cavaleiros que lidariam um touro a duo.

Dadas as dificuldades de evitar a espera pelo matadouro, teremos de nos contentar com as belezas do toureio equestre, com o remate das pegas, não excluindo a presença dos «espadas» que terão de ser dois pela impossibilidade de alternarem no uso da mesma muleta.

EL TERRIBLE PÉREZ

BANCO
INTERCONTINENTAL PORTUGUÊS
S.A.R.L.
CAPITAL 370.000.000$00

Emissão de 80 mil acções oferecidas a subscrição pública, com preferência para os depositantes, autorizada por portaria do Ministério das Finanças, publicada no «Diário do Governo», III Série, n.º 62 de 14 de Março de 1972.

AVISO AOS SUBSCRITORES

NÃO DEPOSITANTES

O Conselho de Administração anuncia que tendo sido largamente exercida a subscrição correspondente à emissão autorizada, não se torna possível atribuir aos subscritores não depositantes quaisquer acções pelo que, a partir do próximo dia 17, serão restituídas aos mesmos subscritores não depositantes as importâncias entregues mediante a apresentação da cautela representativa da subscrição, nos balcões onde a mesma foi efectuada.

Lisboa, 12 de Abril de 1972

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

DESTAQUES Hoje na TV

1.º PROGRAMA

19 e 45: **Um Poeta... Um Livro** - Maria Germana Tanger, neste seu programa, fala-nos do grande poeta Camilo Pessanha e da sua obra.

20 e 25: **Auditório Musical** - A Orquestra Filarmonica de Lisboa dirigida pelo maestro Alceo Bolchino interpretará «A Biosfera» de Marcus Nobre e «Descoberta do Brasil» de Villa Lobos.

22: **Reportagem do Exterior** - Hóquei em Patins. Transmissão directa do encontro Benfica-Cascais.

23 e 05: **Lancer** - Jelly Hoskins, o vaqueiro pobre que trabalha em casa dos Lancer, compra, num leilão de gado, um animal estranho, uma espécie de touro com uma corcova. É ridicularizado pelos seus conterrâneos, mas um, de entre eles, sabe que aquele bicho, um touro Brama, quando cruzado com o gado existente, pode produzir uma raça mais rija, mais forte e adaptável, o que constitui uma ameaça para um projecto que ele financia - um trilho vedado desde os ranchos à linha férrea, para mais eficiente deslocação do gado. Quando não consegue tirar o touro a Jelly pelo ridículo, nem matá-lo com fogo posto, espalha a notícia de que o animal é portador de um vírus, o que implica a sua morte. Finalmente todos esses estratagemas são descobertos e Jelly vê o seu touro iniciar, de facto, uma raça mais forte e produtiva.

2.º PROGRAMA

21: **Nanny e o Professor** - A Casa Assombrada. Prudence deixa fugir o seu papagaio de papel que vai parar a uma casa desabitada. Ela e Butch vão buscá-lo, mas crêm que a casa está assombrada e fogem a sete pés. Hal volta lá com o Butch, mas também se assusta com o que vê e ouve. O pai pretende provar-lhe que não há fantasmas, mas é a Nanny que leva os garotos e percorre a casa assombrada, descobrindo o seu mistério. Um velho actor, que se instalou lá sòzinho, e pretende resguardar o seu isolamento.

22: **Noite de Bailado** - Será apresentado, em repetição, o bailado «Copélia» de Delibes devido ao interesse que despertou, na sua primeira exibição no 1.º Programa.

A coreografia de Vaclau Orlikowski, a excepcional interpretação do Ballet de Viena e da Orquestra Sinfónica de Viena, são garantias de um bom programa.

"OS LUSÍADAS"

Várias universidades de países estrangeiros aderiram ás Comemorações do IV Centenário da Publicação de «Os Lusíadas». Assim, além das «Semanas de estudos camonianos» realizadas pelas Universidades brasileiras, comemorarão o acontecimento, com diversas manifestações, as universidades de Wurzburg, Gottingen, Freiburg e Berlim, na Alemanha; Vancouver, no Canadá; Salamanca, em Espanha, e Massachusets Califórnia e Connecticut, nos Estados Unidos.

Também as universidades de Londres, Oxford, Liverpool e Kelle, na Inglaterra, de Amsterdam, na Holanda, de Montevideu, no Uruguai e da Rodésia aderiram àquelas comemorações.

EDUCAÇÃO E ENSINO -ADMINISTRAÇÃO E ESPECIALISTAS

Continuação da pág. 3

se reduz actualmente o conceito de aptidão - e não a um diagnóstico. O juízo sobre a inteligência, a apreciação e a descrição caracterial e moral são da competência dos pedagogos e não dos conselheiros - psicólogos. Para ousar um prognóstico e propôr uma explicação, recorremos a dois métodos: a estatística e a análise clínica.

Os relatórios dos testes - e sabemos quanto são precários na criança - não os inscrevemos numa escala graduada, mas apreciamos o desvio significativo a partir da média do grupo a que pertence o indivíduo. Depois, como estudámos prèviamente a que resultados escolares correspondem os desvios, fazemos o prognóstico precisando a margem de erro (para mais ou para menos) fornecido pela análise matemática das relações entre os relatórios dos testes e os resultados escolares. Significamos assim o grau de probabilidade do prognóstico que depende do número de indivíduos sobre que fizemos as nossas pesquisas iniciais e o grau de ligação entre os testes e os resultados escolares. De facto, como em todas as ciências biológicas, adoptamos uma hipótese, quando a hipótese contrária tem apenas cinco probabilidades em cem de se produzir. E impossível evitar este «primeiro risco»... Estas cinco probabilidades de erro em cada cem existem. É pouco para o conjunto, mas enorme para cada um dos cinco a quem o acidente pode suceder. Daí a necessidade de fazer «contrôles» e de verificar se a diferença entre os resultados é matemàticamente significativa.

Após as técnicas matemáticas, intervém a análise clínica da incidência possível das condições físicas, das reacções caracteriais e da harmonia interior que depende da maneira de dominar os acontecimentos da vida. Um aluno de carácter bem nítido não reagirá diferentemente segundo os professores? As suas reacções não evoluirão com a idade? Há que abandonar a facilidade das tipologias fixistas e vincularmo-nos aos lentos reconhecimentos da dinâmica afectiva pelos métodos clínicos. Houve que abandonar o engano dos interrogatórios, para controlar os interesses profissionais.

As nossas técnicas actuais, mais seguras que o empirismo de ontem - quanto mais não seja porque conhecemos a margem de erro - são analíticas e lentas. Por isso devemos muitas vezes contentar-nos com um exame de detecção para reservar os exames aprofundados aos casos particulares de inadaptação.

Arlósia

Por CALVET MAGALHÃES

UMA TUTELA CONTÍNUA

Quando se «faz o ponto» em que se situa o consulente, para o orientar, importa ainda apresentar-lhe o contexto social em que vai dever inserir-se.

Não incorreremos no ridículo de insistir sobre a insuficiência do estudo das necessidades da economia, insuficiência das pesquisas que dizem respeito à incidência da evolução técnica e tecnológica. Há anos a Associação Nacional de Orientação Profissional francesa lançou o alarme dos orientadores consagrando a isso investigações de seis meses, coligidas no decurso de uma jornada de estudos e consagrou-lhe a sua primeira recolha de trabalhos publicados.

Contentar-nos-emos em afirmar que pelo seu boletim de informações «Escolas e Profissões» o serviço central de orientação profissional do Ministério da Educação francesa põe à disposição dos conselheiros todas as informações que é possível recolher ao acaso das... indiscrições e declarações do mundo económico. A comparação do seu nível de probabilidade ao das provas psicológicas seria cruel. Por isso a orientação profissional que se referisse a este critério - mesmo se fosse uma opinião defensável no plano doutrinal - entregar-se-ía a todos os riscos de uma ignorância semelhante à do homem com olhos fechados que tem de escolher o seu colega. Esta ignorância pesa muito sobre a orientação profissional e acaba por demonstrar o carácter vão da fórmula inicialmente utilizada. Por isso temos que nos alegrar de que a orientação se tenha tornado uma tutela contínua deixando de camuflar operações de selecção ocasionais.

CONSELHOS PRÁTICOS

Se o seu filho tem um atraso pedagógico no ensino primário que não é devido a faltas ou dificuldades de saúde agora afastadas, consulte um centro de psico pedagogia sem esperar ver o que o novo ano escolar poderia dar; a eficácia das disposições a tomar pode ser longa. Após o Natal, se houve falhas, partiria com probabilidade de perder...

Se o seu filho tem doze anos e começa o seu último ano primário, não espere pelo Natal, nem sobretudo pela Páscoa, para pedir o exame de orientação escolar. É possível que situe numa época ulterior do ano, mas proceder-se-á às provas de detecção em tempo útil e ter-se-á tempo de fazer os inquéritos escolar e médico necessários.

Desde o início do quarto ano - ou do último ano do ensino secundário - fará fazer operações de controlo para apreciar a evolução física, a aparição da maturidade dialéctica, a afirmação dos interesses profissionais. Será o primeiro exame de orientação verdadeiro para o qual o exame de doze anos terá posto etapas indispensáveis.

No fim do ensino secundário fará o mesmo.

Entretanto se surgirem dificuldades - intelectuais, caracteriais ou físicas mesmo - peça um exame de adaptação. O orientador escolar mandá-lo-á talvez a um especialista, mostrar-lhe-á talvez que os factos que o inquietam se situam nas margens de uma evolução normal. O essencial é que o consulte a tempo para evitar as consequências sobre a preparação escolar ou profissional e para evitar tomar decisões com efeito definitivo sobre manifestações passageiras. Basta, por vezes, um pouco de paciência.

Se o caso for patológico, não vá nem ao departamento, nem ao centro, mas ao médico. Se o especialista desejar a opinião de um departamento, pedir-lhe-á um exame pericial com o seu acordo.

Ensaie o Break GS com
Raul Solnado
e ganhe viagens a
Paris, Londres e Madeira

Break GS
uma nova geração GS

À vossa escolha Berline ou Break GS.

Conduza-o e ficará assustado com a ideia de guiar outro carro.

CITROËN GS

CENTRO DE ENSAIOS DO BREAK GS

LUBRICAR
AGENTE CITROËN
AV. GUERRA JUNQUEIRO, 7/7A
LISBOA

No tempo e na hora...

No tempo e na hora da requintada elegância,
Timex «electric» está presente.
Presente nos 7 famosos modelos da linha «Precisão Eléctrica» Timex, o relógio com bateria de mercúrio que trabalha sempre, mesmo quando não está no pulso.
Ao comprar o seu Timex «Linha Eléctrica», exija o respectivo Cartão de Garantia. Essa Garantia é total e por um ano, cobrindo não só o mecanismo, como também a caixa, o mostrador, os ponteiros.
Em todo o mundo, centenas de milhões de homens, de mulheres, de jovens, usam um Timex e confiam em Timex.
Exija Timex, o seu relógio de hoje e para muitos anos.
À venda na sua Ourivesaria ou Relojoaria.
Linha Timex «Electric», Preços desde 790$00.

Onde vir este símbolo existe um Revendedor

RECOMMENDED BY TIMEX

TIMEX®
o relógio mais vendido no mundo
Veja, na Televisão os duros testes de resistência Timex

COMPANHIA UNIVERSAL DE SEGUROS E RESSEGUROS

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

SEDE EM LISBOA

RELATÓRIO E CONTAS DO EXERCÍCIO FINDO EM 31 DE DEZEMBRO DE 1971

RELATÓRIO DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Senhores Accionistas,

O exercício findo foi assinalado por um notável progresso da nossa carteira de resseguro aceite quer no mercado nacional, quer no estrangeiro em conformidade com a política que havíamos referido no ano anterior.

Assim o volume de negócios cresceu cerca de 44% e atingiu 83 010 contos, sendo 60 147 contos de resseguro aceite, 21 383 contos de seguro directo e 1480 contos de redimentos. O crescimento do volume de negócios é particularmente notório no resseguro aceite, concretizando-se já a vocação resseguradora oportunamente definida para a nossa Companhia.

A cooperação iniciada há cerca de um ano no campo administrativo com as Companhias de Seguros IMPÉRIO e SAGRES mostrou-se bastante proveitosa e os resultados conseguidos neste xercício são a prova clara dessa real vantagem. Não esquecemos porém as enormes dificuldades que o futuro nos reserva e assim a reorganização da indústria de seguros que se avizinha com a regulamentação da Lei 2/71 obriga-nos a toda a prudência e a redobrados esforços no sentido de continuarmos a obra de dinamização da Empresa.

O lucro do exercício foi de 2 789 595$50, que, adicionado ao saldo vindo do exercício anterior, perfaz a importância de 2 793 327$10.

O Conselho de Administração com o acordo do Conselho Fiscal atendendo porém à necessidade sentida de uma maior consolidação da Empresa em ordem ao seu progresso, entendeu dever prescindir da aplicação das verbas consignadas no Art. 25.º dos Estatutos e neste sentido tem a hora de propor que aos resultados seja dada a seguinte aplicação:

Reserva Legal	223 809$20
Reservas Livres	2 538 650$00
Conta Nova	30 867$90

A terminar queremos deixar expresso um voto de louvor a todos os nossos colaboradores pela dedicação e acerto com que têm desempenhado as suas funções bem como aos membros do Conselho Fiscal pela sua valiosa colaboração.

Lisboa, 25 de Fevereiro de 1972

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

José Gonçalves Viegas Dias — Presidente
(em representação da Companhia de Seguros IMPÉRIO)
Alfredo da Costa Miranda
Arnaldo Constantino Fernandes
Augusto José Ferreira Murteira — Administrador-Delegado
Carlos Francisco Ferreira Pinto Basto Bobone
Fernando Pinto Coelho Bello
Per M. Hansson

BALANÇO GERAL
em 31 de Dezembro de 1971, incluindo Agências no Ultramar

ACTIVO

	Acidentes de Trabalho	Restantes Ramos	Contas Gerais	Subtotais	Totais
RESERVA MATEMATICA (Resseguros cedidos)	-$-	—	—	-$-	-$-
RESERVA DE GARANTIA (Idem)	7$20	994 409$40	—	994 416$60	994 416$60
RESERVA DE SEGUROS VENCIDOS (Idem)	—	904 549$90	—	904 549$90	904 549$90
VALORES DE EMPREGO DAS RESERVAS:					
Títulos de crédito e numerário:					
Próprios	—	—	9 477 956$00	9 477 956$00	
De resseguradores	—	—	-$-	-$-	
Imóveis	—	—	13 735 000$00	13 735 000$00	
Empréstimos hipotecários	—	—	5 940 000$00	5 940 000$00	
Empréstimos sobre títulos	—	—	-$-	-$-	29 152 956$00
VALORES EM DEPOSITO:					
De vários	—	—	650 000$00	650 000$00	
De resseguradores	—	—	-$-	-$-	650 000$00
DEVEDORES POR VALORES EM DEPOSITO:					
Vários	—	—	1 353 684$80	1 353 684$80	
Ressegurados	—	—	2 018 087$40	2 018 087$40	3 371 772$20
IMÓVEIS	—	—	-$-	-$-	-$-
MOBILIARIO E MATERIAL	—	—	1 028 376$10	1 028 376$10	
— Amortizações de Mobiliário e Material	—	—	— 693 663$00	— 693 663$00	334 713$10
EMPRESTIMOS HIPOTECARIOS	—	—	1 550 000$00	1 550 000$00	1 550 000$00
EMPRESTIMOS SOBRE TITULOS	—	—	-$-	-$-	-$-
ACCIONISTAS	—	—	-$-	-$-	-$-
DEVEDORES GERAIS:					
Segurados, Correspondentes e Angariadores	—	—	3 290 393$40	3 290 393$40	
Ressegurados	—	—	21 689 443$40	21 689 443$40	
Resseguradores	—	—	13 931 914$50	13 931 914$50	
Outros	—	—	4 298 277$20	4 298 277$20	43 210 028$50
QUOTAS-PARTES DE INDEMNIZAÇÕES A RECEBER	85 000$00	612 592$20	—	697 592$20	697 592$20
PRÉMIOS EM COBRANÇA:					
Na Sede	730 706$50	900 955$50	—	1 631 662$00	
Nos Correspondentes	1 198 742$60	1 615 300$60	—	2 814 043$20	4 445 705$20
LETRAS A RECEBER	—	—	-$-	-$-	-$-
TITULOS DE CRÉDITO	—	—	279 938$00	279 938$00	279 938$00
DEPÓSITOS EM BANCOS	—	—	2 443 367$40	2 443 367$40	2 443 367$40
CAIXA	—	—	3 355$50	3 355$50	3 355$50
	2 014 456$30	5 027 807$60	80 996 190$70	—	88 038 454$60

O Director da Contabilidade
Mário Palma de Carvalho

O Conselho de Administração

BALANÇO GERAL
em 31 de Dezembro de 1971, incluindo Agências no Ultramar

PASSIVO

	Acidentes de Trabalho	Restantes Ramos	Contas Gerais	Subtotais	Totais
RESERVA MATEMATICA:					
De seguros directos	14 826 745$00	—	—	14 826 745$00	
De resseguros aceitos	-$-	—	—	-$-	14 826 745$00
RESERVA DE GARANTIA:					
De seguros directos	381$90	3 859 203$80	—	3 859 585$70	
De resseguros aceitos	—	19 367 214$90	—	19 367 214$90	23 226 800$60
RESERVA DE SEGUROS VENCIDOS:					
De seguros directos	—	1 471 671$20	—	1 471 671$20	
De resseguros aceitos	—	7 221 500$60	—	7 221 500$60	8 693 171$80
CREDORES POR VALORES EM DEPOSITO:					
Vários	332 756$80	—	653 333$40	986 090$20	
Resseguradores	—	—	806 627$70	806 627$70	1 792 717$90
CREDORES GERAIS:					
Segurados, Correspondentes e Angariadores	—	—	1 570 887$30	1 570 887$30	
Ressegurados	—	—	-$-	-$-	
Resseguradores	—	—	-$-	-$-	
Outros	—	—	1 101 738$00	1 101 738$00	2 672 625$30
INDEMNIZAÇÕES A PAGAR:					
De seguros directos	5 862$70	2 593 721$20	—	2 599 583$90	
De resseguros aceitos	-$-	9 409 903$20	—	9 409 903$20	12 009 487$10
COMISSÕES A PAGAR	222 867$80	336 180$80	—	559 048$60	559 048$60
PROVISÕES:					
Para incap. temporárias de Ac. Trabalho	910 738$70		—	910 738$70	
Para prémios em cobrança	718 593$40	828 665$70	—	1 547 265$10	
Diversas	93 763$40	278 891$00	161 135$50	533 789$90	2 991 793$70
SITUAÇÃO LIQUIDA ACTIVA					
CAPITAL	—	—	10 000 000$00	10 000 000$00	10 000 000$00
FUNDO DE RESERVA LEGAL	—	—	276 190$80	276 190$80	276 190$80
FUNDO DE RESERVAS LIVRES	—	—	3 161 350$00	3 161 350$00	3 161 350$00
FLUTUAÇÃO DE VALORES:					
De títulos	—	—	962 465$70	962 465$70	
De imóveis	—	—	4 072 731$00	4 072 731$00	5 035 196$70
GANHOS E PERDAS:					
De exercício anterior	—	—	3 731$60	3 731$60	
De exercício	—	—	2 789 595$50	2 789 595$50	2 793 327$10
	17 111 715$70	45 366 952$40	25 359 786$50	—	88 038 454$60

O Director da Contabilidade
Mário Palma de Carvalho

O Conselho de Administração

CONTA DE GANHOS E PERDAS, INCLUINDO RESULTADOS NO ULTRAMAR
em 31 de Dezembro de 1971

DÉBITO

	Acidentes de Trabalho	Acidentes Pessoais	Fogo	Agrícola e Pecuário	Automóveis e Resp. Civil	Marítimos	Transportes Terrestres	Aéreos	Diversos	Contas Gerais	Subtotais	Totais
RESERVA MATEMÁTICA:												
De seguros directos	383 260$00	—	—	—	—	—	—	—	—	—	383 260$00	383 260$00
De resseguros aceitos	-$-	—	—	—	—	—	—	—	—	—	-$-	
RESERVA DE GARANTIA:												
De seguros directos	-$-	1 775$40	10 373$40	4 364$60	-$-	871$60	-$-	-$-	-$-	—	17 385$00	
De resseguros aceitos	—	13 567$50	1 428 087$60	3 388$60	-$-	3 464 402$30	-$-	-$-	34 978$70	—	4 944 424$70	
De resseguros cedidos (diminuição)	5$70	-$-	513 218$50	-$-	80 870$70	94 285$80	54 888$40	5 010$80	9 331$00	—	757 610$90	5 719 420$60
PROVISÕES:												
Para incapacidades temporárias de Acid. Trabalho	41 978$00	—	—	—	—	—	—	—	—	—	41 978$00	
Para prémios em cobrança	122 911$40	4 213$90	3 231$30	512$00	300 531$30	157 217$10	19 711$00	1 175$80	3 155$30	—	612 659$10	654 637$10
AMORTIZAÇÕES	—	—	—	—	—	—	—	—	—	109 943$90	109 943$90	109 943$90
COMISSÕES:												
De seguros directos	1 065 665$90	95 793$10	455 909$40	19 759$80	1 100 736$00	78 037$30	30 864$60	1 066$30	22 625$70	—	2 870 458$10	
De resseguros aceitos	-$-	564 940$30	6 266 318$40	-$-	-$-	3 544 913$70	1 141$40	10$30	340 697$50	—	10 718 021$60	
Despesas de aquisição	763 409$20	23 698$60	231 396$30	10 169$00	639 252$00	51 541$50	9 624$00	801$00	11 370$40	—	1 741 262$00	15 329 741$70
INDEMNIZAÇÕES:												
De seguros directos:												
Do exercício	5 229 079$40	54 916$00	412 367$60	-$-	5 122 959$60	1 322 409$00	205 221$00	2 058$50	106 140$70	—	12 455 151$80	
De exercícios anteriores (reajustamentos)	— 1 519$20	— 64 000$00	6 084$20	-$-	— 137 338$90	67 508$30	— 27 629$90	-$-	— 1 048$00	—	— 157 943$50	
	5 227 560$20	— 9 084$00	418 451$80	-$-	4 985 620$70	1 389 917$30	177 591$10	2 058$50	105 092$70	—	12 297 208$30	
De resseguros aceitos	-$-	1 187 137$70	12 587 917$50	20 068$80	-$-	24 375 958$10	41 835$00	-$-	580 057$20	—	38 792 974$30	51 090 182$60
ENCARGOS DE RESSEGUROS CEDIDOS:												
Prémios	165 562$70	459 743$50	1 004 835$20	98 935$50	75 465$70	1 707 920$30	60 110$50	55$90	103 105$60	—	3 675 735$00	
Juros	4 414$90	2 387$00	16$10	-$-	10 151$30	9 561$70	528$40	24$50	- 124$90	—	27 208$80	3 702 943$80
DESPESAS GERAIS:												
Órgãos sociais	—	—	—	—	—	—	—	—	—	1 138 705$00	1 138 705$00	
Pessoal	561 093$00	12 120$90	241 677$60	9 110$10	209 197$60	524 116$90	7 602$30	402$10	24 966$20	1 347 131$90	2 937 424$60	
Publicidade	-$-	-$-	-$-	-$-	-$-	-$-	-$-	-$-	-$-	6 048$10	6 048$10	
Outras despesas de Administração	219 131$10	3 977$00	191 112$10	2 378$00	197 611$90	6 220$70	3 109$70	97$30	1 120$90	780 875$80	1 405 654$50	
Encargos fiscais	228 844$60	7 163$50	241 450$90	5 531$10	230 692$80	15 597$30	5 933$50	244$20	3 460$70	329 672$30	1 068 590$90	
Encargos parafiscais	52 113$10	983$90	43 097$30	735$90	38 600$10	11 003$90	499$30	39$70	1 896$90	118 084$10	267 054$20	6 823 477$30
ENCARGOS DIVERSOS	-$-	-$-	-$-	-$-	-$-	-$-	-$-	-$-	-$-	372$10	372$10	372$10
SALDO	—	—	—	—	—	—	—	—	—	2 793 327$10	2 793 327$10	2 793 327$10
	8 835 955$80	2 368 418$30	23 637 093$40	174 953$40	7 868 730$10	35 431 565$50	413 439$30	10 986$40	1 241 983$70	6 624 180$30	—	86 607 306$20

O Director da Contabilidade
Mário Palma de Carvalho

O Conselho de Administração

CONTA DE GANHOS E PERDAS, INCLUINDO RESULTADOS NO ULTRAMAR
em 31 de Dezembro de 1971

CRÉDITO

	Acidentes de Trabalho	Acidentes Pessoais	Fogo	Agrícola e Pecuário	Automóveis e Resp. Civil	Marítimos	Transportes Terrestres	Aéreos	Diversos	Contas Gerais	Subtotais	Totais
SALDO DO ANO ANTERIOR	—	—	—	—	—	—	—	—	—	3 731$60	3 731$60	3 731$60
RESERVA MATEMÁTICA:												
De resseguros cedidos	-$-	—	—	—	—	—	—	—	—	—	-$-	-$-
RESERVA DE GARANTIA:												
De resseguros cedidos	-$-	71 191$80	-$-	3 388$70	-$-	133 405$20	-$-	-$-	20 585$70	—	228 571$40	
De seguros directos (diminuição)	240$10	14 162$40	-$-	-$-	4 471$40	64 929$70	74 187$00	1 080$30	13 922$00	—	172 992$90	
De resseguros aceitos (diminuição)	—	-$-	-$-	-$-	-$-	123 415$40	2 978$70	94$10	76 005$20	—	202 493$40	604 057$70
PRÉMIOS E SEUS ADICIONAIS:												
De seguros directos	9 109 679$10	589 538$80	2 810 405$90	122 912$60	7 730 868$90	631 691$40	237 340$10	9 768$50	140 719$90	—	21 382 925$20	
De resseguros aceitos	-$-	1 911 687$90	20 466 816$80	98 935$50	-$-	36 133 159$20	6 522$10	58$80	1 530 242$40	—	60 147 422$70	81 530 347$90
RECEITAS DE RESSEGUROS CEDIDOS:												
Comissões	-$-	141 962$30	399 390$20	-$-	-$-	305 362$00	17 275$70	19$60	14 744$90	—	878 754$70	
Indemnizações	— 172 131$80	— 16 111$70	207 969$20	-$-	92 558$80	1 789 578$00	103 001$50	1 421$20	37 810$50	—	2 044 095$70	2 922 850$40
RENDIMENTOS:												
Das reservas técnicas de seguros directos	1 071 669$10	28 790$10	65 349$40	538$50	274 327$00	11 250$60	6 826$00	145$50	4 188$40	—	1 463 084$60	
Das reservas técnicas de resseguros aceitos	-$-	-$-	2 074$00	-$-	-$-	-$-	-$-	-$-	-$-	—	2 074$00	
De valores livres	—	—	—	—	—	—	—	—	—	14 737$40	14 737$40	1 479 896$00
RECEITAS DIVERSAS:												
Cargos em outras sociedades	—	—	—	—	—	—	—	—	—	-$-	-$-	
Outras	-$-	-$-	-$-	-$-	2 569$00	-$-	-$-	-$-	-$-	63 853$60	66 422$60	66 422$60
	10 009 456$50	2 741 221$60	23 952 005$50	225 775$30	8 104 795$10	39 192 791$50	448 131$10	12 588$00	1 838 219$00	82 322$60	—	86 607 306$20

O Director da Contabilidade
Mário Palma de Carvalho

O Conselho de Administração

PARECER DO CONSELHO FISCAL

Senhores Accionistas,

O Relatório, Balanço e Contas que são apresentados pelo Conselho de Administração demonstram com evidência o progresso registado pela Empresa no ano findo e são a prova do acerto das decisões estratégicas tomadas e das vantagens resultantes da cooperação administrativa com as Companhias de Seguros IMPÉRIO e SAGRES.

Seguimos atentamente a vida da Empresa e procedemos à análise regular e cuidada dos livros de contabilidade e da documentação que os consubstanciaram tendo-os encontrado sempre em boa ordem e com exactidão e verificado que os critérios valorimétricos representam a avaliação correcta do património e dos resultados obtidos, satisfazendo portanto as disposições estatutárias e legais em vigor.

Assim e agradecendo as amáveis referências que nos são dirigidas pelo Conselho de Administração, temos a honra de propor:

— Que seja aprovado o Relatório, Balanço e Contas referentes ao exercício de 1971;

— Que mereça também aprovação a proposta do Conselho de Administração para a aplicação dos resultados apurados no exercício;

— Que aproveis um voto de louvor ao Conselho de Administração pela boa orientação que tem imprimido na condução dos negócios sociais.

Lisboa, 25 de Fevereiro de 1972

O CONSELHO FISCAL

Carlos Alberto Lencastre Araújo Bobone — Presidente
(Conde de Bobone)
(em representação da Soc. Agrícola do Madal, S. A. R. L.)

Carlos Alberto Telles do Amaral
Armando Ribeiro Seixas
(em representação da Companhia de Seguros Sagres)

ILUMINADOS SUBÚRBIOS DE LOURENÇO MARQUES

LOURENÇO MARQUES, 13 (ANI) — A iluminação de cento e sete quilómetros de via e a melhoria de acessos em mais vinte e três quilómetros são os principais objectivos da segunda fase do plano de beneficiação dos subúrbios Lourenço-Marquinos que se realiza sob a responsabilidade do gabinete de urbanização e habitação da região de Lourenço Marques.

Integrados nesta segunda fase, serão construídos seis novos mercados, distribuídos pelas principais zonas habitacionais.

CAMPANHA ANTI-VARIÓLICA

Desde Fevereiro de 1969 que não se verifica qualquer caso de varíola em Moçambique, mas os serviços de saúde e assistência vão intensificar as campanhas de vacinação devido ao surto da doença na europa, na Asia e em certas regiões de Africa.

Para estudar a intensificação da campanha anti-variólica, o Conselho Técnico coordenador da direcção provincial dos serviços de saúde reúne-se na quarta-feira. Serão também debatidos os calendários de vacinas e programas de vacinações.

TELECOMUNICAÇÕES NO NORTE

Uma rede de telecomunicações vai ser estabelecida no norte de Moçambique, com sede em Nampula, de modo a ligar os distritos de Tete, da Zambia, de Moçambique, e Cabo Delgado e do Niassa.

A executar por três fases, aquela rede implica um investimento que ronda os dois milhões de contos, desconhecendo-se, no entanto, a data prevista para o início do seu funcionamento.

Necrologia

Maria Margarida Pacheco dos Santos Costa

Faleceu a Sr.ª D. Maria Margarida Pacheco dos Santos Costa, 85 anos natural de Odeceixe, Aljezur, viúva do Sr. Manuel Pacheco de Cintra Costa, pai da Sr.ª Dr.ª D. Margarida Pacheco Santos Costa e dos Srs. Manuel Pacheco de Cintra Santos Costa e do Sr. Dr. António Pacheco de Cintra Santos Costa e sogra da Sr.ª D. Maria Victória Pacheco Quintas Costa. O Funeral a cargo da Agência Barata realiza-se amanhã às 11 horas da Igreja de S. Mamede para o cemitério a determinar.

FORMAÇÃO DE VENDEDORES

Dentro de um programa de Formação dos seus Vendedores, organizou a Firma Beltrão Coelho, Ld.ª, um curso para actualização das equipas de vendas dos sectores de:

— Fotografia e Cinema
— Auxiliares Audio-Visuais
e Material para o Ensino.
— Máquinas e Sistemas para Escritório

— O curso teve como monitores os Drs. Sousa Borges, Veloso Feijó e Pessoa Domingues, assistindo a uma das últimas sessões o Director Geral da Empresa Sr. José Beltrão Coelho.

APARTAMENTOS EM CASCAIS EM EDIFÍCIO DE LUXO

Proprietário: JOAQUIM BARAONA

Av.ª Valbom, 28-1.º

Telef.: 28 23 45 CASCAIS

Maria Margarida Pacheco dos Santos Costa

FALECEU

Margarida Pacheco dos Santos Costa, Manuel Pacheco de Cintra Santos Costa, António Pacheco de Cintra Santos Costa, Maria Victória Pacheco Quintas Costa, e mais família participam que foi Deus servido chamar à sua divina presença a sua muito querida mãe, sogra e parente e que o funeral se realiza amanhã às 11 horas da Igreja de S. Mamede para cemitério a determinar.

AGÊNCIA BARATA

Operadores de Mecanografia

para Organismo Oficial
Habilitações mínimas 5.º Ano ou equivalente
Sujeitos Curso Preparação (20 h) Exame
Entrada imediata

Resposta a este jornal ao n.º 547

Efeitos da suspensão dos empréstimos das Caixas

Pondo termo à expectativa existente desde a suspensão dos empréstimos, ao abrigo da lei n.º 2 092, quanto à orientação que viria a ser dada no futuro relativamente aquela modalidade de colaboração da Previdência na resolução do problema da habitação, foram publicados em 29 de Dezembro de 1971 e 15 de Janeiro último dois despachos que definem essa orientação.

No primeiro, estabelecem-se normas quanto a valores máximos das habitações a adquirir com empréstimos da Previdência, fixando-se também uma relação entre aquele valor e o valor do terreno, expressa em percentagens do custo das habitações. Por essa forma pretendeu-se segundo se refere no citado despacho, não só evitar a utilização dos empréstimos para casas de características sumptuárias, mas também situar em termos razoáveis o valor dos terrenos, tendo em vista evitar a tendência especulativa e inflacionista que em relação aos mesmos se vinha observando. No segundo despacho, são fixadas as normas por que se passam a regular os investimentos dos capitais das Instituições da Previdência em casas de renda económica e os empréstimos a fazer ao abrigo da Lei n.º 2 092, estabelecendo-se um programa de investimento para o biénio 72/73 e determinando-se que os empréstimos passem a ser concedidos mediante concursos públicos, de modo a poderem definir-se prioridades em função do rendimento global e da capitação das famílias interessadas.

No que respeita ao primeiro dos citados despachos as normas que se estabelecem vêm naturalmente ao encontro do espírito que presidiu à criação dos empréstimos, o qual pode perfeitamente inferir-se do disposto na Base X da Lei n.º 2 092, onde se estabelece que o custo máximo das habitações deverá ser o relativo às casas económicas das classes e tipos mais adequados aos rendimentos e agregados familiares dos pretendentes.

É, no entanto, de notar que a norma ora fixada não corresponde inteiramente à finalidade que se pretende alcançar, porquanto, ao fixar-se um valor máximo para as habitações a adquirir, se corre o risco de limitar, em função desse custo, o tipo das habitações e, consequentemente, se excluem desde logo as famílias que, por serem mais numerosas, necessitem de casas de dimensões superiores àquelas cujo custo se situa dentro do valor máximo estabelecido. Parece, portanto, que, atingindo o fim em vista, não se deverá partir da fixação de um valor máximo, mas da prévia definição dos vários tipos e custos das correspondentes casas económicas.

No que respeita ao segundo dos referidos despachos (não obstante a fundamentação em que se apoia) verifica-se que, mais do que uma opção entre as várias formas de investimento postas em prática, o problema a resolver é o de situar esses investimentos dentro dos limites das possibilidades de financiamento da Previdência em matéria de fomento habitacional.

Na realidade estabelecendo-se, para o biénio 1972/1973, um programa de investimentos que compreende 870 mil contos (para casas de renda económica) e 200 mil contos (para empréstimos destinados à construção e aquisição de habitações), constata-se uma substancial redução nas verbas que globalmente vinham a ser aplicadas pela Previdência nos programas do fomento da habitação, a qual se operou, práticamente, à custa da última daquelas modalidades, na qual se passa de 600 000 contos/ano verba despendida em 1970, para 100 000 contos/ano. O decréscimo desta verba fala eloquentemente dos problemas que lhe são atinentes!

Tal redução, aliada ao sistema da atribuição de empréstimos através de concursos públicos periódicos e à fixação de valores máximos de aquisição, traduzir-se-à numa absoluta inaplicabilidade dos mesmos na aquisição de habitações, já que a conjugação daquelas medidas conduzirá à prioridade dos empréstimos destinados à construção e nestes se absorverá a totalidade da verba atribuída.

Estabelece-se também, nas referidas normas, como disposição transitória, que o encargo com os empréstimos emergentes dos processos iniciados até 31 de Janeiro de 1972 e com o pagamento das prestações referentes a empréstimos já concedidos, mas ainda não entregues aos beneficiários, será suportado pela verba atribuída para o período de 1972/73, admitindo-se que, na hipótese desse encargo exceder a verba de 50 000 contos, não se realizará o primeiro concurso público, previsto, em princípio, para Junho do corrente ano...

Por estranho que pareça, tanto mais se tivermos em atenção o considerar-se como hipótese que esse encargo atinja 50 000 contos, as responsabilidades resultantes dos processos concluídos e iniciados até 31 de Janeiro ultrapassam já 600 000 contos, o que significará que, só em parte, estes poderão ser satisfeitos e que a dotação estabelecida para os próximos dois anos está irremediàvelmente conprometida.

O conhecimento de tal facto e a falta de informações concretas por parte das Caixas constitui gravíssima preocupação para alguns milhares de beneficiários que firmaram já contratos para aquisição de habitações e neles investiram todas as suas economias. É de crer que este problema venha a ter o mais breve possível a sua solução: reforçar, na medida do necessário, as verbas atribuídas, urgindo, no entanto, que, para tranquilidade de todos, tal decisão seja imediatamente tornada pública.

Fim de tarde Em S. Bento

Por MANUEL DE AZEVEDO

A Assembleia Nacional iniciou ontem, na ordem do dia, a discussão na generalidade da proposta de lei sobre o emprego de trabalhadores estrangeiros.

Entretanto, antes da ordem do dia, o deputado Santos Bessa referiu-se às reuniões da Associação Médica para o Estudo das Condições de Vida e da Saúde. E o deputado Nicolau Martins falou de problemas da Guiné, a propósito de uma viagem que fez aquela província.

Foi, porém, a intervenção do deputado Cotta Dias que despertou mais atenção e provocou algumas interrupções no emiciclo. Aquele parlamentar respondia à intervenção feita na véspera, a propósito da proibição da peça «A Mãe», no Teatro Municipal, pelo seu colega Magalhães Mota.

O dr. Cotta Dias começou por dizer que se fora informar, acrescentando que sobre a peça as «Novidades» daquele dia faziam uma detalhada análise crítica, pelo que remetia para aquele jornal «todos quantos queiram ficar sobre a sua perigosidade moral e social com um esclarecimento completo». O sr. Duarte do Amaral: — Perigosidade, está bem, mas apenas para os que professam os princípios da civilização cristã e do espírito da velha Europa.

Prosseguindo, o orador, depois de lembrar que na versão francesa, se classifica a peça de «repugnante», acrescentou: «Necessidades fortemente sentidas levam naturalmente, em todos os países civilizados, a organizar as defesas da sociedade, numa atitude de profilaxia mental e moral que oponha à dissolução dos costumes, barreiras em relação às quais, também por todo o mundo civilizado, se alguma coisa se vê lamentar é a sua fragilidade para, citando a imprensa de hoje, evitar que a liberdade descambe em libertinagem e a abertura em pandemónio.»

O dr. Cotta Dias disse mais adiante que, nos termos da lei portuguesa, «a Comissão de Exame e Classificação de Espectáculos é composta por 17 membros, dos quais dois representantes do Ministério da Justiça, dois representantes do Ministério da Educação, nove da Secretaria de Estado da Informação e Turismo e quatro membros da Comissão de literatura e espectáculos para menores.»

A PROIBIÇ

O orador, em consequê que acatar as suas decisões de um verdadeiro tribunal se a decisão final foi tomada de «divergências» em primeir

Falando do regime exis das peças, o dr. Cotta Dias tem mesmo funcionado de fo pliação dos textos e espectác guês tem tido acesso nos últi damente, ao abrigo dele, rec táculos que vieram a ser autor

Numa interrupção, diss que as primeiras páginas da ler) o deixaram enojado. E te ce indignação o querer-se de e deficiências morais» e por c

O dr. Magalhães Mota, nada dissera que pudesse inte da droga». Limitou-se a salien ra, que considerei positiva: uma peça proibida, que tinha Considerei isso um facto pos biente nacional, e um progres a uma situação difusa. Segu os motivos da proibição não se alegou, uma entrevista da ligados ao espectáculo. Terce se ponto tive algumas concor são.»

Houve mais algumas inte que estavam longe de pensar fosse partidário da droga e por dizer que «não se poderá em estendal de imoralidades a propósito deste caso se es alardear o que não deveria ex trajectória não pode servir a c espiritual.»

Na ordem do dia, o de na qualidade de relator, leu de Trabalho, Previdência e proposta de lei relativa ao e estrangeiros.

Afirma-se a certa altura porém, perder-se de vista a portuguesa existente para cor

CASADOS E SOLTEIROS NO "NOIT

Apesar de não constar do calendário das grandes provas europeias de futebol, o jogo de solteiros e casados no oitavo aniversário do «Noite e Dia», teve fortes motivos de agrado.

Porquê? Muito simplesmente porque os grandes inovadores nos domínios da arte alimentar resolveram ir mais além e colocar a sua revolucionária eficiência ao serviço do pontapé na bola. Sabedores das espantosas dificuldades que o futebol de concepção atacante atravessa neste momento, eles resolveram, como medida renovadora, eliminar as balizas, substituindo-as por simples pedras a referenciar apenas a posição do guarda-redes. Daí resultou óbviamente um futebol espectacular, recheado de magníficas jogadas e saborosos golos, que só foram cinco porque as pernas dos nossos amigos do «Noite e Dia» já não estão habituadas a esforços violentos.

O almoço que se seguiu nas instalações do próprio «snak», com a presença de elementos da administração culminou bri-

Os solteiros e os casados, praticaram um futebol revolucionário

PROMOTOR/AS UNIVERSITÁRIOS

Para Promoção no meio universitário

Importante editora pretende aumentar os seus quadros de promoção directa.

Oferecem-se boas condições de remuneração e possibilidade de acesso na estrutura da empresa.

Resposta para: telefone 863151/2 ou Apartado n.º 21 199.

PISCINA DO TAMARIZ

REABRE AMANHÃ

Tratamento de água sob a direcção técnica do eng.º químico B. de Mesquita

Informações no TAMARIZ — Telef. 261665

VIAGENS APOLO 8 OU 15 DIAS DE FÉRIAS

PALMA DE MAIORCA

Partidas às segundas-feiras, de 3/7 a 11/9 em avião a jacto Boeing 727.
PREÇOS DESDE 3.090$ (TUDO INCLUÍDO)

TORREMOLINOS

EM AVIÃO — Partidas às quartas-feiras, de 5/7 a 13/9 em avião a jacto Boeing 727.
PREÇOS DESDE 2.550$ (TUDO INCLUÍDO)
EM AUTOPULLMAN — Partidas aos Domingos, de 4/6 a 24/9
PREÇOS DESDE 2.230$ (TUDO INCLUÍDO)

abreu
LISBOA - Av. Liberdade, 160
PORTO - Av. Aliados, 207
COIMBRA - Rua da Sota, 2

ÇÃO DE UMA PEÇA E A DROGA

ncia, acrescentou que «há s (da Comissão) como se tratasse». Disse ainda que por unanimidade, depois a leitura.

tente de aprovação prévia afirmou «que esse regime orma a permitir larga am- ulos a que o público portu- mos tempos, sendo nomea- lassificados muitos spec- izados».

deputado Salazar Leite peça (que não conseguiu minou por dizer que mere- fender em público «vícios ondenar a droga.

ntervindo, esclareceu que rpretar-se como «apologia tar três questões: «Primei- saber-se que tinha havido sido proibida e por quem. itivo, esclarecedor no am- so assinalável em relação ndo ponto: considerei que poderiam ter sido, como da por um dos elementos iro ponto: lamentei, e nes- dâncias, o atrazo da deci-

rrupções, todos afirmaram que o dr. Magalhães Mota o dr. Cotta Dias terminou deixar que se transforme um teatro que, como já creveu, não se criou para istir porque, nessa funesta ultura nem oferecer recreio

putado Amílcar Mesquita, o parecer da Comissão Assistência Social sobre a mprego de trabalhadores

no parecer: «Não pode, qualidade da mão-de-obra esponder às necessidades

da economia nacional, nem sequer subestimá-la em confronto idêntico com os trabalhadores estrangeiros. Dispõe já o Ministério das Corporações e Previdência Social das estruturas do serviço de emprego e da organização do mercado de trabalho suficientes para permitir ao I. N. T. P., sem ofensa da prioridade a dar à mão-de-obra portuguesa com idêntica formação profissional, a decisão certa sobre a prévia autorização do trabalho qualificado de técnicos estrangeiros. Tal resultado é o que pode esperar-se da articulação estabelecida a nível central e regional, por despacho superior da Secretaria de Estado daquele departamento governativo, entre o I. N. T. P. e o Serviço Nacional de Emprego. Não se pense, por isso, que a faculdade prevista para o I. N. T. P. nesta matéria é incondicional ou inteiramente discricionária. Neste ponto, a Comissão recomenda ao Governo que adapte e utilize as estruturas do Serviço Nacional de Emprego a fim de, em coordenação com o Secretariado Nacional da Emigração ficarem constituídas as condições favoráveis ao retorno da mão-de-obra portuguesa a trabalhar no estrangeiro, designadamente dos profissionais qualificados que viriam, assim, participar no desenvolvimento económico do País, com dispensa de trabalhadores estrangeiros de igual formação.»

Por fim, a comissão adopta o texto proposto no parecer da Câmara Corporativa, à excepção do n.º 3 da base VI, cuja proposta de eliminação será apresentada oportunamente. Esse número é o seguinte: «A aplicação das multas é da competência do Director-Geral do Trabalho e Corporações e da respectiva decisão cabe recurso, com efeito suspensivo para o ministro das Corporações e Previdência Social». Refere-se às multas destinadas a punir as entidades patronais que admitam ao seu serviço indivíduos de nacionalidade estrangeira com inobservância do disposto nesta lei.

Usaram ainda da palavra os deputados Pinto Alves e Alberto Alarcão, ambos fazendo várias considerações sobre o problema e dando a sua aprovação na generalidade à proposta de lei.

Hoje prossegue a discussão da proposta de lei sobre trabalhadores estrangeiros.

TE E DIA"

lhantemente a festa de aniver- sário. Falaram durante o anima- do repasto o sr. Félix Alves, gerente, e o sr. Miguel da Sil- va, pela administração.

Alinharam:

CASADOS __ Agostinho, Ri- beiro, Américo, Correia e Capi- tão; Barata, Pires e Meneses; Soares, Cunha e Carvalho.

SOLTEIROS __ Maximino; Carlos, Herculano, Oliveira e João; Evêncio, Santos e Sera- fim; Fernando, Malta e José Ma- nuel.

com PERSONAL é mesmo para parar a queda do cabelo!

Com PERSONAL a caspa desaparece, suspende-se a queda, os cabelos voltam a crescer

PERSONAL renova e restitui uma nova juventude ao seu cabelo

TRATAMENTO COMPLETO

45 dias 2 frascos de PERSONAL (diurno e nocturno)

DISTRIBUIDORES

Norte: TUBARÃO MENDES & PINHEIRO, LDA. Rua Sta. Teresa, 14 PORTO

Centro e Sul: J C CRESPO, LDA. Rua da Madalena, 197 LISBOA

exija PERSONAL à sua farmácia

Pretendem vender ouro, pratas ou jóias recebendo o máximo?

GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

DO CLÁSSICO DE ELLERY QUEEN "Ten Day's Wonder"

UM FILME DE CLAUDE CHABROL

A DÉCADA PRODIGIOSA

(LA DECADE PRODIGIEUSE)

ORSON WELLES MARLENE JOBERT ANTHONY PERKINS MICHEL PICCOLI

EASTMANCOLOR GRUPO D - 18 ANOS

DISTRIBUIÇÃO FILMITALUS

2.ª SEMANA

IMPÉRIO

"POVOAÇÕES DE DIFÍCIL ACESSO"

A propósito de uma sua carta aqui publicada, volta o nosso leitor sr. C. Silva Fernandes, residente em Lisboa a tecer considerações pertinentes sobre o péssimo estado de uma via de comunicação rural na Serra do Caramulo, agora nos seguintes termos:

«Escrevi em tempos uma carta (22/11/71) a que o D.L. deu um certo relevo, sobre os problemas que afligem aqueles que pretendem dirigir-se a Covas, pequena aldeia perto de Vouzela e situada no alto da serra do Caramulo, utilizando a estrada que fica sob o controle dos Serviços Florestais e Aquícolas. Aproveito para, em nome das centenas de moradores dos diversos povos que citei, agradecer a publicação.

Voltei agora na Páscoa à referida aldeia, e verifiquei que se nota perfeitamente ter havido da parte dos Serviços Florestais e Aquícolas a maior boa vontade em minorar os diversos inconvenientes que tornam o caminho para o alto da serra um verdadeiro pesadelo!

Continuam, no entanto, os buracos em certas zonas e o horror da nuvem de pó...

Parece-me que o problema deve apenas reunir-se a uma questão de contas __ saírá mais barato aos Serviços Florestais e Aquícolas manter um grupo de homens a reparar contìnuamente uma estrada saibrosa, em que assim que chove um pouco aparecem imediatamente as mesmas crateras, ou empedrar a estrada que serve o perimetro florestal da Penoita, tornando-se a manutenção muito mais espaçada e acabado de uma vez para sempre com o martírio dos que a têm de de utilizar?

Agradecendo a publicação desta carta, volto a citar o nome de alguns povos servidos pela referida estrada __ Corujeira, Ventosa, Castelo, Covas, Adeçamos, Fornelo do Monte.»

DIRIGENTES DA FRELIMO ENTREGAM-SE

NAMPULA, 14 __ (ANI) __ O Comando-Chefe das Forças Armadas em Moçambique acaba de distribuir o seguinte comunicado:

Em 9 do corrente apresentou-se às autoridades nacionais, num posto da fronteira do norte, no distrito do Niassa, Wills Symes Kadeveel, que desempenhava na FRELIMO as importantes funções de secretário provincial do Niassa, a mais alta autoridade política para aquele distrito.

«A sua apresentação teve lugar depois de haver abandonado a Tanzânia, onde exercia aquelas funções.

O referido elemento da FRELIMO encontra-se sob custódia na sede do Comando-Chefe das Forças Armadas em Moçambique e prestou já importantes declarações sobre as intenções e os planos próximos do inimigo.

Esta apresentação insere-se no clima de desmoralização e de desintegração da FRELIMO no Niassa em consequência dos êxitos que desde há alguns meses, as forças nacionais vêem obtendo naquele distrito.

EMIGRAÇÃO CLANDESTINA PARA O CANADÁ

O desembarque em Lisboa de um grupo de açoreanos, que se dirigiam para Chaves, esteve na origem da descoberta pela D. G. S., duma rede de engajadores, que actuava em diversos pontos do País e que pela fronteira de Trás-os-Montes passava indivíduos, sobretudo açorianos, em direcção ao Canadá.

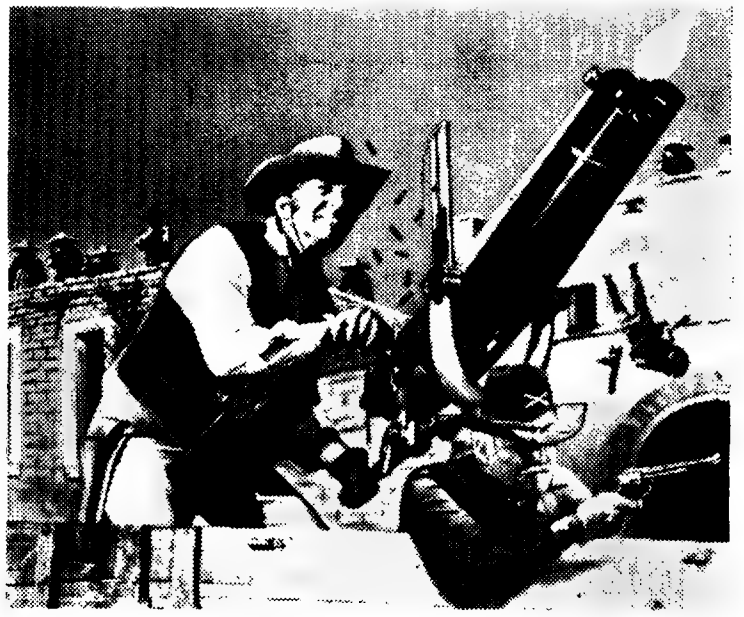
A Direcção Geral de S. de Segurança procedia a investigações com vista a desmantelar esta rede. Desde a sua chegada a Lisboa os passos do grupo açoriano foram vigiados discretamente, pois a D. G. S. presumia que os engajadores estabeleceriam o contacto em Lisboa. E na realidade assim aconteceu.

O grupo dirigiu-se para uma pensão, da Rua do Almada, onde se encontrava hospedado desde há dias o engajador. Sucedeu no entanto que este, por qualquer motivo, deve ter sentido o perigo e desapareceu para não mais ser localizado, levantando-se até a hipótese de ter fugido para o estrangeiro.

Uma mala com diversos objectos e valores e uma elevada quantia em dinheiro português e estrangeiro foram encontradas pela D. G. S., durante uma busca efectuada ao quarto ocupado pelo engajador, que é admitido chamar-se Carlos Silva, com cerca de 36 anos e residência fixa na cidade de Toronto-Canadá.

Toda a gente quer fazer algo de grande uma vez na vida. Mas nem todos têm de assaltar uma diligência, raptar uma rapariga e trocá-la por uma metralhadora para o fazer!

GOLPE DE MESTRE



GRUPO D 18 anos

DEAN MARTIN · BRIAN KEITH

"something big"

A CINEMA CENTER FILMS APRESENTA

com HONOR BLACKMAN BEN JOHNSON ALBERT SALMI DON KNIGHT DENVER PYLE JOYCE VAN PATTEN MERLIN OLSEN et CAROL WHITE

Prod e Real ANDREW V McLAGLEN Arg JAMES LEE BARRETT
Uma prod JAMES LEE BARRETT - ANDREW V McLAGLEN TECHNICOLOR®

21,45

HOJE ESTREIA no EDEN

DL mundo

A C. G. T. ACONSELHA O «NÃO»

PARIS, 14 (F. P.) — A Confederação Geral do Trabalho (obediência comunista) aconselha os trabalhadores a responderem «não» no referendo de 23 do corrente. Trata-se dum parecer e não de uma ordem, frisa o executivo da C. G. T. O Partido Comunista Francês já faz campanha a favor do «não».

Com uma argumentação parecida com a do Partido Comunista Francês, a C. G. T. diz que o alargamento do Mercado Comum só trará «um domínio maior dos Estados Unidos sobre a Europa Ocidental», que a criação dum «Mercado Comum com mais de três milhões e meio de desempregados» não pode assegurar a prosperidade e o desenvolvimento.

A Europa dos trabalhadores não pode ser a dos monopólios capitalistas, a de Pompidou, a do Conselho Nacional do Patronato Francês, proclama a C. G. T.

PALMAS PARA WILSON

LONDRES, 14 (F.P.) — Harold Wilson recebeu uma verdadeira ovação das delegadas ao Congresso Nacional das Mulheres Trabalhistas que se realiza em Dunnon, na Escócia.

Era a primeira aparição em público do «leader» trabalhista depois da crise provocada pelas demissões de Roy Jenkins e dos seus amigos.

O antigo primeiro-ministro abstêve-se, no entanto, de falar da crise afirmando que «as delegadas estavam muito interessadas no problema dos preços do que nas polémicas entre os deputados trabalhistas».

MÉDICOS EM GREVE

ROMA, 14 (R) — Muitos dos 4000 médicos que trabalham para os Serviços de Saúde e Assistência Social do estado iniciaram ontem uma greve em toda a Itália exigindo melhores vencimentos.

O trabalho desses médicos é essencialmente burocrático incluindo a passagem de atestados de baixa aos trabalhadores doentes, autorizando o internamento hospitalar e verificando o cumprimento dos regulamentos sanitários nas fábricas.

Assim, esta greve deverá, emperrar ainda mais a máquina burocrática dos serviços de saúde que abrangem a grande maioria dos trabalhadores italianos.

Por outro lado, os empregados do Banco da Itália foram convidados pelo seu sindicato a declararem, hoje, uma greve de 24 horas em apoio de normas mais democráticas no trabalho do banco, incluindo o reconhecimento de maiores poderes do sindicato para negociar os assuntos que interessam ao pessoal.

A I. T. T. NO CHILE

SANTIAGO DO CHILE, 14 (FP) — Uma comissão especial da Câmara dos Deputados foi constituida nesta cidade para «investigar uma presumida ingerência estrangeira no país e as actividades da C. I. A. no Chile».

A Comissão já convocou importantes personalidades da «International Telegraph and Telephone» (ITT) no Chile, assim como o embaixador chileno nos Estados Unidos, Orlando Letelier.

ALLENDE: o país pobre paga quatro dólares por um de benefício

SANTIAGO DO CHILE, 14 - (R.) - O presidente do Chile Salvador Allende, inaugurou ontem a Terceira Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (UNCTAD), que se realiza em Santiago com um discurso veemente e contundente.

O presidente chileno exigiu a substituição de uma ordem económica e comercial já ultrapassada e radicalmente injusta, por uma ordem justa e baseada num novo conceito do Homem e da dignidade Humana.

O segundo orador da cerimónia de inauguração, o secretário geral das Nações Unidas, Kurt Waldheim, que faz a sua primeira visita oficial á America Latina, pediu aos delegados para fazerem desta Conferência outra pedra fundamental nos esforços de todas as nações para, juntas construirem um mundo melhor.

O secretário geral afirmou que persistiu, ainda muito tempo depois das afirmações feitas no termo da Segunda Guerra Mundial, a crença de que a prosperidade dos países ricos irradiaria espontâneamente e espalharia os seus efeitos, ao resto do mundo, mantendo-se também a crença de que, automáticamente os países em vias de desenvolvimento beneficiariam dessa prosperidade, como uma herança extensiva a toda a humanidade. Mas, tal crença, ainda que persistente de certa maneira, tem-se provado errónea. Nas últimas duas décadas temos assistido a um crescimento espectacular dos países desenvolvidos, acompanhado por um aumento extraordinário no comércio entre eles. No entanto, os países em vias de desenvolvimento continuam a sofrer das mesmas faltas sendo afastados dos benefícios da maneira mais desencorajante.

NÃO AO COLONIALISMO

O presidente Salvador Allende foi alvo de grandes aplausos dos 3.000 delegados pertencentes a 140 países, quando avisou que há milhões de seres humanos à espera da propalada cooperação internacional e que esses marginais não poderão esperar eternamente.

A certa altura do seu discurso, o mais alto magistrado do Chile disse: Recusamo-nos a continuar a dar o nome de Cooperação Internacional para o desenvolvimento a um mero símbolo, mesmo mascarada com o conceito inserido na carta das Nações Unidas.

Os resultados da Conferência mostrarão se os compromissos assumidos na estratégia internacional para a segunda década de desenvolvimento, se irão reflectir numa política autêntica ou se não passarão de simples tácticas, destinadas a entreterem a pressão feita pelos países do terceiro mundo, numa modificação de premissas.

Elevando a voz Allende, que é um orador de méritos firmados, acrescentou: Até mesmo entre os países pobres existem, infelizmente, alguns em que a pobreza é ainda maior e cujas condições de sobrevivência são feitas em condições particularmente degradantes.

A economia desses países é dominada por potências estrangeiras, enquanto marginais aos nativos desses países continuam a dominar-lhes os territórios. Na sua maioria sofrem o jugo do colonialismo ou, grande maioria das suas populações estão expostas ás violências do preconceito racial e do apartheid.

ALLENDE EMOCIONADO

O presidente chileno disse, ainda, que os países ricos defendem o seu domínio sobre os países pobres com a tenacidade de «bulldogs», através do poderio económico, por intermédio das formas de pressão mais irresistíveis que se cifram na intervenção armada e que são nítidas e claras violações a todos os compromissos exarados na carta das Nações Unidas.

Allende disse á Conferência que os países do terceiro mundo são explorados de uma maneira tão crítica que pagam quatro dólares por cada dólar de benefícios que recebem. Sublinhando a vida atroz e as condições económicas dos países do terceiro mundo, o presidente chileno comparou a riqueza e bem estar de milhões com o facto de haver regiões no Globo em que as pessoas nascem destinadas a morrer de fome.

Numa voz bastante tocada por uma íntima emoção, o dr. Salvador Allende continuou: Compete-nos a nós, os desprivilegiados lutar incessantemente para transformarmos uma estrutura desumanizada e sem traços de igualdade, numa estrutura que não só venha a ser justa para todos como ainda se destina equilibrar pelo menos, os efeitos de uma exploração secular.

Detalhadamente falando dos esforços do seu Governo Socialista para melhorar as condições de vida no Chile, o presidente Allende referiu-se a Instituições pertencentes a outros países que têm tentado sabotar as relações económicas dessas nações com o Chile. Pediu o apoio da Conferência para que auxiliem os países do terceiro mundo a terem uma maior comparticipação em futuras decisões monetárias, amplo reconhecimento das suas novas necessidades e uma situação mundial que nunca mais venha a ser exclusivamente manobrada por alguns, muito poucos, países privilegiados.

Salvador Allende concluiu: Em essência tudo isso depende da urgente e necessária transformação da estrutura económica mundial, depende da consciência dos países, depende da sua consciência do progresso e libertação do vasto mundo sub-desenvolvido, a ser agregado num caminho de cooperação eficaz, baseada na solidariedade, justiça e respeito pelos direitos humanos. Se assim não for haverá outro rumo a seguir: o eclodir do conflito da violência e da dor, para que se consiga chegar a impôr os princípios inseridos na Carta das Nações Unidas.

CAMPANHA DO PLÁSTICO DESENCADEADA PELO IRA

BELFAST, 14 — (Por Paul Rutler, enviado especial da A. F. P.) — A «campanha de cargas de plástico» do I. R. A. adquiriu amplitude no Ulster, havendo já um morto e pelo menos seis feridos.

Explodiram sete bombas nesta provincia, seis das quais entre as 9 horas e o meio dia.

O primeiro atentado foi na rua mais comercial da pequena localidade de Ballymoney, que até agora tinha sido poupada pela violência.

A bomba tinha sido escondida num automóvel e as autoridades, avisadas por um telegrama anónimo, procederam à evacuação do bairro. Contudo uma mulher de 65 anos, que não deu pelo alarme, foi morta pela explosão, em sua casa.

Após várias horas de calma, as explosões de plástico recomeçaram e duas torres de sustentação de cabos eléctricos ficaram destruídas, perto de Newry. Nesta mesma aglomeração uma bomba danificou gravemente um edifício pertencente ao Conselho Municipal. O porteiro foi ferido por uma bala, num joelho, disparada pelos «comandos» quando fugiam.

E ainda em Newry, poucos instantes depois, uma bomba danificou uma casa e feriu ligeiramente três soldados.

Em Castlederg, no condado de Tryrone, um engenho explodiu num automóvel e dois policias que se encontravam de guarda ao veículo ficaram feridos.

Em Belfast uma área de estacionamento de autocarros próxima do centro da cidade foi alvo dos «comandos», uma dezena de veículos ficaram destruidos e uma cobertura danificada.

Por último dois individuos colocaram uma bomba incendiária num edifício próximo da Universidade de Belfast, declarando-se um incêndio. Estes dois últimos incidentes não causaram contudo, feridos.

ATENAS APOIA A DIREITA ITALIANA

ROMA, 14 — (FP) — O príncipe Junio Valério Borghese encontra-se em Corfu «onde dirige as actividades secretas dos neo-fascistas ita lianos», anuncia o semanário milanês «Panorama» em informação dos seus enviados especiais à Grécia. Estes dizem ter provas de que «o regime de Atenas fomenta a conjura da direita contra o Estado democrático» italiano, sendo o objectivo «exportar para a Itália a revolução dos coronéis».

O «Príncipe Negro», como chamam a Valério Borghese, é procurado pela Polícia há mais de um ano. Antigo comandante da 10ª M.A.S. (Brigada de Assalto do Exército Italiano especializada principalmente em acções navais), o príncipe é tido pela justiça italiana como o chefe duma organização que projectava, em Dezembro de 1970, apossar-se do poder por meio duma insurreição armada. Cinco cúmplices detidos em Março de 1971 quando se soube do caso foram afinal postos em liberdade há um mês, não tendo o magistrado inquiridor conseguido provas da sua culpabilidade.

Segundo o «Panorama», o príncipe, que conta 64 anos, frequenta assiduamente os principais hotéis de Corfu, na companhia da condessa Virginia Botti, de 57 anos.

«Leader» em Itália, da «Frente Nacional» (movimento extraparlamentar da direita), o príncipe Valério Borghese — diz ainda o semanário milanês — «tem estado em ligação com Konstantin Plevis, dirigente do movimento do «4 de Agosto» e agente do K.Y.P., o serviço secreto dos coronéis»!

«A ilha de Corfu — acrescenta o «Panorama» — oferece há já bastante tempo hospitalidade a uma influente colónia de fascistas, antigos fascistas e aristocratas italianos. Por vezes aparece por ali no seu iate o ex-rei Umberto de Itália».

O semanário afirma, também, que «no Verão grupos de jovens pretencentes ao «Movimento Social Italiano» (M.S.I.), à «Ordem Nova» e a outras organizações da extrema direita fazem exercícios em acampamentos de duas semanas, sendo os instrutores oficiais do Exército Grego».

IRÃO: Mais sismos os mesmos mortos

TEERÃO, 14 — (R.) — Quatro tremores de terra abalaram de novo as áreas já atingidas pelo grande sismo que flagelou o Sul do Irão, e em que morreram quatro mil pessoas, sendo incontáveis os feridos e os que não têm lar.

De acordo com notícias oficiais chegadas a Teerão, novos tremores abalaram Ghir, a maior das 60 aldeias atingidas pelo terramoto de segunda-feira, e esses tremores ocasionaram novos desmoronamentos de terras que bloquearam estradas e interromperam comunicações.

No entanto, o serviço informativo disse em Teerão que os abalos de hoje não causaram vítimas, porque na aldeia de Ghir não há uma única parede de pé e os sobreviventes estão a viver ao ar livre ou abrigados em tendas de campanha.

Ontem à noite a área foi abalada por 30 tremores de terra. O primeiro-ministro irani ano, Amir Abbas Hoveida, que se encontra em inspecção às áreas devastadas, disse aos jornalistas que os violentos tremores fizeram cair das camas muitas pessoas que se encontravam a dormir.

Entretanto, na aldeia de Ghir, começa a imperar um cheiro horrível devido aos muitos cadáveres que ainda estão sepultados debaixo dos montes de ruínas, por causa do sismo de segunda-feira.

O ministro inspeccionou as operações de socorro em Ghir, Karzin, Firouzabad e Azfar, assegurando aos sobreviventes todo o auxílio possível e prometendo permanecer na área tanto tempo quanto o necessário para assegurar que as operações de socorros sejam totalmente organizadas. Depois visitou feridos nos hospitais de Shiraz e Firouzabad.

Técnicos governamentais chegaram à área assolada para planearem novas cidades que substituam as aldeias e povoados completamente demolidos pelo terramoto, e também para realojarem as pessoas que ficaram sem lar.

Buldozers começaram a limpar as estradas e caminhos, e c a m i ões-ta nques a fornecer água potável às populações, tendo também começado já trabalhos para reparação ou reconstrução dos sistemas de canalização de água.

Tropas restauraram as ligações por rádio entre as áreas devastadas e Shiraz, capital da província de Fars.

Neo--fascistas causaram desordem

PISTÓIA, 14, (R) — Ficaram feridos oito polícias e dez civis durante uma batalha nas ruas que se registou a noite passada nesta cidade, a seguir a um comício eleitoral organizado pelo candidato da extrema direita, almirante Gino Birindelli.

Durante os recontros com a Polícia, em consequência dos quais, foram presas 25 pessoas, os manifestantes ergueram barricadas nas ruas e bloquearam, durante várias horas, ao trânsito o centro da cidade.

Em Mestre, perto de Veneza, ficaram feridos, cinco polícias e três civis durante recontros quando discursava ontro candidato neo-fascista às eleições gerais.

Em ambas as desordens a Polícia empregou bombas de gás lacrimogénio para dispersar esquerdistas, que atiravam pedras.

Cabeça a prémio

BANGKOK, 14 — (FP) — Uma ex-rainha de beleza da Tailândia, «Miss Pratsiri», de 19 anos, tem a cabeça a prémio, as autoridades militares de Bangkok oferecem mil dólares pela sua captura, «morta ou viva». A ex-rainha de beleza seria «chefe das relações públicas» dos guerrilheiros no Sul do país.

«Miss Pratsiri» teria aprendido o ofício em Hanói.

As autoridades descrevem-na como «extremamente bela» e dizem que está no Sul, perto da fronteira com a Malásia.

Yevtushenko em Cabo Kennedy no lançamento da Apolo-16

CABO KENNEDY, 14 — (R.) — Um famoso poeta soviético, um rei, o vice-presidente Spiro Agnew e um famoso milionário do Texas, ultrapassado em extravagância pelo próprio filho, eis algumas das individualidades que se espera assistirem ao lançamento, no domingo, da última missão lunar.

O poeta é Yevgeny Yevtushenko, outrora o «jovem irado» da literatura soviética agora a visitar e a pronunciar conferências em liceus e universidades americanas. Será o primeiro cidadão soviético a assistir oficialmente a um lançamento espacial americano, embora arrastões soviéticos estivessem nas vizinhanças deste cabo durante alguns dos disparos anteriores.

Funcionários americanos afirmaram privadamente que a presença de Yevtushenko poderá apenas ser de bom augúrio para o futuro da cooperação soviето-americana no campo espacial. O próximo passo poderá muito bem ser um convite endereçado a um americano para assistir, pela primeira vez, a um lançamento soviético.

Espera-se também, que o rei Hussein da Jordânia esteja no pavilhão destinado aos «VIP» (pessoas muito importantes), situado a cinco quilómetros da rampa de lançamento, quando os astronautas John Young, Charles Duke e Thomas Mattingly iniciarem às 17.54 horas TMG de domingo o seu voo para a Lua.

Para aumentar a multidão que deve assistir ao lançamento — prevê-se uma assistência de mais de um milhão de pessoas - virão mais cerca de 500 pessoas trazidas de avião pelo dr. Jamès Maxfield, de Dallas, e pelo seu filho Morgan.

O dr. Maxfield virá com 130 amigos ver o lançamento a bordo de um Boeing-707. Contudo, seu filho Morgan fretou um Jumbo Boeing-747 para transportar cerca de 350 amigos da área da Universidade de Harvard, não se deixando ficar atrás do progenitor.

Entretanto, anunciou-se que tudo está a prosseguir bem com a contagem decrescente para a Apolo-16, que, caso não se registe qualquer entrave, será a quinta visita do homem à superfície lunar e a primeira às montanhas da Lua.

Os tripulantes estavam esta manhã a ensaiar operações da missão a bordo, a trabalharem com o modelo do seu módulo de comando, o «Casper», e poderão levar o modelo do veículo lunar ou besouro lunar para um passeio através de um terreno lunar acidentado simulado perto das suas instalações em Cabo Kennedy.

Um verão de fogo promete Arafat

ROMA, 14 — (R) — «Uma Primavera quente e um Verão de fogo» foram preditos por Yasser Arafat, dirigente da resistência palestina, numa entrevista que concedeu em Belgrado ao enviado especial à capital Jugoslava do semanário milanes «Europeo».

Afirmando que não existia um «Plano Hussein» mas mais exactamente um «plano Allon-Sisco», Arafat acrescentou: «faremos a vida difícil ao inimigo. É preciso em primeiro lugar que o mundo compreenda que a tentativa israelita de organizar eleições municipais nos territórios ocupados deve malograr-se. Não é legal, é um acto de pirataria política. Faremos tudo o que pudermos para sabotar este projecto».

Por último Arafat afirmou que os resistentes palestinos estavam «mais unidos do que nunca na escolha duma estratégia» «isto significa, concluiu, que encontramos um caminho comum, que levaremos a guerrilha ao coração de Israel».

A F.N.L. desencadeia ataques na região costeira central

SAIGÃO, 14 — (R e «DL») — Guerrilheiros da F.N.L. desencadearam uam série de ataques na região costeira central do Vietname do Sul em coordenação com a ofensiva generalizada segundo revelaram hoje círculos militares.

Nos últimos dois dias têm ocorrido ataques de sapadores, incidentes terroristas e barragens de morteiros ao longo da faixa costeira de 402 quilómetros, dirigindo-se para Leste até ao Mar do Sul da China.

Se esses ataques continuarem, apenas cidades como Saigão e Danang ficarão relativamente livres da actividade bélica.

O bombardeamento do aeródromo de Nha Trang, a 321 quilómetros a nordeste de Saigão e os ataques com fogo de morteiros contra alvos perto de Tam Ky, a 241 quilómetros mais ao norte, durante o dia de ontem, são semelhantes ao tipo de actividade bélica que ocorre no delta do Mekong, abaixo de Saigão.

Fontes americanas conjecturam que um dos objectivos da ofensiva generalizada poderia ser conrtar o Vietname do Sul em dois, através do seu centro montanhoso, com tropas populares vindo do Oeste e juntando-se aos gerrilheiros da frente, vindos do Leste.

A actividade da frente na região costeira e no delta do Mekong destina-se, também, a conservar nas suas posições forças de reserva governamentais.

Na costa e no delta, o exército nacional de libertação não dispõe dos homens ou dos abastecimentos dos seus camaradas nas frentes principais.

Tentativa para limitar os poderes de guerra do presidente Nixon

WASHINGTON, 14 (ANI) — O Senado aprovou ontem por 6 votos contra 16 a proposta de lei sobre os poderes de guerra que não permitirá que os presidentes dos Estados Unidos se comprometam com guerras não declaradas como as guerras da Coreia e do Vietname.

O resultado da votação da proposta de lei, que tem entre os seus defensores o senador Jacob Javits, foi por eles considerado um marco «histórico» na desinteligência constante entre o Congresso e a Casa Branca sobre a conduta de guerra e paz.

Segundo a proposta — a que o governo se opõe vigorosamente — o presidente teria de conseguir a aprovação do Congresso antes de comprometer as forças norte-americanas em conflitos prolongados no estrangeiro.

Não se aplicaria ao actual conflito da Indochina, que se arrasta há mais de dez anos.

Embora as possibilidades de a proposta ser aprovada pelo Congresso pareçam vagas e se afirme que Nixon vetaria a proposta se ela alguma vez chegasse à sua secretária, os seus partidários mostram-se confiantes e Javistas afirmou que também se tem de atender à pressão do público.

«Todas as previsões sobre o que irá acontecer a esta proposta vão desvanecer-se no ar como fumo se as pessoas perceberem que isto lhes dá garantias tanto para a segurança do país como para a segurança das suas vidas e bens» — afirmou Javits depois de a proposta ter sido aprrovada no Senado.

«Tenho muita esperança que esta proposta, ou uma proposta semelhante, venha a ser um dia aprovada como lei» — acrescentou.

FÉTIL — Fábrica de Fechos Metálicos, Lda.

FECHOS E APLICAÇÕES PARA MALAS

DE SENHORA E SAPATOS

NIQUELAGEM E DOURAGEM A OURO

Av. Gomes Pereira, 70 A, Dt. — Tel. 70 19 21 — LISBOA

TER OU NÃO TER...

O atraso do «terceiro mundo» e, mais precisamente, a sua dependência em relação aos países mais evoluídos económica e tècnicamente constituem o verdadeiro tema da conferência das Nações Unidas sobre o comércio e o desenvolvimento, iniciada ontem em Santiago do Chile. Durante cerca de mês e meio, o subdesenvolvimento e a industrialização encontrar-se-ão frente a frente, num confronto entre países ricos e pobres, entre os que têm e os que não têm, ou antes, entre os que monopolizam a exploração das riquezas e detêm o saber e as condições necessárias para o seu aproveitamento e os que, embora por vezes com recursos naturais ao alcance da mão, não dispõem dos meios para o seu aproveitamento ou são vítimas do tipo colonial de relações, por meio do qual as nações mais industrializadas adquirem a baixo preço as matérias-primas do «terceiro mundo», para as processarem e venderem os produtos acabados, com lucro substancial, às nações em vias de desenvolvimento.

Pela primeira vez, a China de Mao Tsé-Tung participa neste género de conferência e o primeiro-ministro Chu En-Lai não perdeu a oportunidade para repetir que o seu país faz parte do «terceiro mundo», numa tomada de posição que confirma naturalmente Pequim como guia do mundo pobre, devido ao facto de representar o país de maior população no globo e a maior força revolucionária entre os que se opõem à minoria rica, capitalista ou socialista.

Ter ou não ter os recursos ou os meios de produção — eis a questão. O petróleo é um exemplo: os árabes vivem sobre ele mas são as companhias ocidentais que o exploram em benefício das zonas mais industrializadas do planeta, para as quais o «ouro negro» do Médio Oriente é exportado. E tudo porque os árabes não podem ainda mobilizar técnicos petrolíferos em número suficiente para substituirem os que se encontram actualmente ao serviço nas instalações construídas pelos ocidentais.

Aliás, quem fala de meios de produção fala também de «know-how», os conhecimentos indispensáveis para a industrialização, outro dos principais trunfos dos países ricos. Sem esses conhecimentos nada pode ser feito e diferenças entre os que têm e os que não têm tendem a aumentar, calculando-se que dentro de três

décadas o sector mais industrializado do mundo — compreendendo os Estados Unidos, a URSS, o resto da Europa e o Japão —, com um total de um bilião e meio de habitantes, beneficiará de um rendimento anual de 5 000 a 10 000 dólares por cabeça, em comparação com os 4500 de hoje nos EUA, enquanto os restantes quatro biliões e meio de seres humanos terão apenas 300 dólares por ano e por cabeça.

Entretanto, conferências como a de Santiago do Chile (a qual se realiza num país afligido pelos problemas invocados) poderão concorrer para que as diferenças se reduzam em vez de aumentarem.

Por lapso, o comentário ontem publicado — Que Europa? — saiu assinado por Nuno Vieira quando, na realidade, o seu autor é A. Villaverde Cabral.

CANCRO, ÁLCOOL E TABACO

NICOSIA, 14 (R.) — A combinação do tabaco com o álcoool faz aumentar enormemente os riscos do cancro do esófago — disse hoje em Nicósia um médico perito em doenças cancerosas.

Sir Thomas Homes Sellors, presidente do Real Colégio dos Cirurgiões e presidente eleito da Associação Médica Inglesa, disse numa reunião anual da associação, o seguinte: «Há poucas dúvidas de que esses dois «benfeitores» ou inimigos da sociedade — o tabaco e o álcool — são predominantes e, se forem afastados, haverá certamente uma possibilidade substancial, pelo menos aproximativa, tendente à eliminação dessa terrível forma de cancro».

Sir Thomas, que não pôde deslocar-se pessoalmente a Nicósia, enviou todavia uma declaração escrita, onde informava que num estudo realizado por médicos britânicos aos hábitos de fumar, chegou à conclusão de que 16 grandes fumadores morreram com cancro no esófago, comparativamente a dois não-fumadores mortos com a mesma forma de cancro, e num período de 17 anos.

Um estudo semelhante levado a efeito nos Estados Unidos mostrou que os grandes fumadores estão três a cinco vezes mais arriscados a contraírem aquele tipo de cancro, sendo a mortalidade aparentemente proporcional ao número de cigarros fumados e proporcional também aos riscos de contrairem o cancro do pulmão.

Segundo os estudos feitos, o risco em que incorrem os grandes fumadores é de 1,3 a 6,6 vezes maior do que os não fumadores.

Mas talvez como uma réstea de esperança, sir Thomas diz também que não obstante «provas esmagadoras respeitantes ao papel desempenhado pelo tabaco nos cancros do esófago e do pulmão», só por si o tabaco não é único factor preponderante uma vez que a incidência desses tipos de cancro em países de grande consumo de tabaco, como a Inglaterra e os Estados Unidos, não é tão elevada como em certos países onde o consumo de tabaco é menor.

Prosseguindo a sua explicação, o documento dizia: «é há muito reconhecido que os bebedores profissionais manifestam uma elevada incidência de cancro no esófago e uma sondagem realizada em França, em vários departamentos, sugere haver uma relação entre o consumo de álcool e a doença, mas tem também em linha de conta que, na maioria dos casos, os grandes bebedores são também grandes fumadores.

A grande incidência verificada no norte da França, relativamente à baixa incidência no sul, pode ser causada pelo grande consumo de bebidas alcoólicas, sobretudo aguardentes, e tabaco devido a um clima predominantemente frio.

Sir Thomas citou outro perito em doenças cancerosas, sir Richard Doll, que sugeriu que o álcool poderá activar o concentrado do tabaco ou facilitar a sua infiltração em áreas peculiares.

Sir Richard Doll, publicou há pouco tempo um estudo em que exemplificava haver outros factores que contribuem para o cancro no esófago, tal como o excesso ou a ausência total de elementos metálicos nos alimentos e na água.

O primeiro informador disse também, que recentes estudos mostraram baixas estatísticas entre as áreas predominantes da raça caucasiana, existindo uma incidência elevadíssima em certas partes da Asia e da Africa, tais como Hong Kong, Singapura, Bombaim e área de Honan, província do norte da China, acrescentando: «mas os números mais fantásticos são precedentes no norte do Irão e das terras asiáticas pertencentes à URSS, que não ficam muito distantes do norte do Irão».

A incidência nessas zonas manifestou-se em mais de 600 casos num cômputo de 100 000 pessoas, enquanto na Grã-Bretanha só se detectaram 10 casos por cada 100 000 pessoas, com excepção da área de Liverpool, onde a incidência foi de 12 para 100 000.

Informou, no entanto, que as zonas de mais alta incidência têm de ser provàvelmente explicadas por algo existente no ambiente natural, que ainda não foi reconhecida, ou devido a qualquer factor dietético, uma vez que as populações, referindo-se ao norte do Irão e certas regiões da Asia Soviética —, nem sequer bebem álcool por razões religiosas, e não são grandes fumadoras.

ÊXITO ELEITORAL

Os trabalhistas ingleses recuperam um lugar

LONDRES, 14 — (FP) — Os trabalhistas venceram a eleição legislativa parcial de ontem em Merthyt Tydfil (Gales) pelo que recuperaram o lugar que tinham perdido nas eleições gerais de 1970 a favor de um ex-trabalhista, independente desde 1970, Stephen Davies.

O candidato do «Labour», Ted Rowland, ganhou por 15 562 votos contra 11 852 ao nacionalista galês Emryn Roberts, O candidato conservador ficou muito distanciado, com 2 366 votos. No entanto, durante 36 anos, Stephen Davies ganhou sempre por uma maioria de 15 a 16 000 votos.

O candidato nacionalist do «Plaid Cynru», Emryn Roberts, teve um bom êxito, pois, nas últimas eleições, só conseguira 3 mil votos. De resto, Roberts foi longamente aplaudido pela multidão, enquanto o trabalhista vitorioso era vaiado e teve de ser protegido pela ndo da proclamação dos resultados.

Segundo os observadores, a pequena margem da vitória de Rowland levanta dúvidas quanto às probabilidades do Partido Trabalhista, nas eleições locais, que vão ter lugar no próximo mês. Se o retrocesso do «Labour» se confirmar, Heath teria mais uma razão para pensar em eleições gerais antecipadas, ainda este ano.

PRÉDIOS

COMPRAM-SE

SÓ TRATAMOS COM O PRÓPRIO

Resposta a este jornal ao n.º 541.

HI-FI — STEREO

2 colunas AKAI — SW 150 — 50 watts. VENDO IMPECÁVEIS. 6 contos T. 214535.

CURSOS DE FORMAÇÃO PARA

VENDEDORES E AGENTES DE CONTACTO

INÍCIO 17 ABRIL

GECTI

HORÁRIO POST-LABORAL

Av. da República, 47-6.º
Telefs. 763465 - 768877

GRANDE IMÓVEL NA AV. CONDE VALBOM, 63

BASE DE LICITAÇÃO: 12.000.000$00

AS ENTIDADES OFICIAIS — ORGANISMOS CORPORATIVOS E GRANDES EMPRESAS

BOM PRÉDIO URBANO COMPOSTO DE CAVE PARA ESTACIONAMENTO — LOJA e 7 ANDARES

LEILÃO

Por determinação do Meritíssimo Corregedor da 2.ª Vara Cível de Lisboa nos autos de execução que correm termos pela 1.ª Secção contra a SOCIEDADE DE CONSTRUÇÕES FREITAS & CLEMENTE, LDA., e outros, será posto em praça, NO PRÓPRIO LOCAL, NO PRÓXIMO DIA 19, ÀS 11 HORAS DA MANHÃ, este magnífico imóvel que se encontra em acabamento, com cave, loja e 7 pisos, com 8 divisões soalhadas, 4 casas de banho, cozinha e copa.

A LEILOEIRA, LDA.

AVENIDA 5 DE OUTUBRO, 23-1.º — TEL. 45934 — 46259

Caravanas rolotes

AR LIVRE, LDA.

NOVAS E USADAS

Largo Hintze Ribeiro, F.A. (Rato) — Tel. 65 09 67

Lisboa

VENDA PARTICULAR

MOBILIÁRIO USADO

Recheio de moradia c/ 40 divisões. Barato
Av. Aeroporto, 147

PLAFONIERS

ECONÓMICOS - ROBUSTOS

J.F. DE AZEVEDO E SILVA & C.ª, L.DA

TEL. 654165 * LISBOA

PARA ESCRITÓRIOS DE CATEGORIA E HABITAÇÕES MODERNAS

AOS COMERCIANTES E PARTICULARES

MOBILIÁRIO EM AÇO E MÁQUINAS PARA ESCRITÓRIO

MOBILIÁRIO DE SALA (para escritório e habitação), ESTOFOS, DECORAÇÕES, CARPETES, ARTIGOS ELÉCTRICOS, QUADROS, ARTESANATO AFRICANO E RESTANTE GAMA DE REPRESENTAÇÕES DE

ARTIGO NOVO DE ALTA CLASSE

IMPORTANTE

LEILÃO

AMANHÃ, SÁBADO, das 15 às 19 e das 21 às 24 hs.

AV. CASAL RIBEIRO, 17-B (Estefânia-Saldanha)

venderemos **PELA MAIOR OFERTA E SEM QUALQUER BASE DE LICITAÇÃO, uma infinidade de lotes indiscriminàveis que recomendamos a todos os n/ estimados clientes de bom gosto, sejam particulares ou comerciantes, dada a invulgar categoria e a circunstância especial de ser tudo novo** das melhores proveniências e marcas e se destinar à venda rigorosamente pelos maiores lanços obtidos.

EXPOSIÇÃO, AMANHÃ, DAS 10 ÀS 13 HORAS

PARA ESTA INVULGAR ALMOEDA FOI PREFERIDA A

SOCIEDADE DE LEILÕES
AV. DUQUE DE LOULÉ, N.º 1
Telfs. P. P. C. (9 Linhas)
532929 - 51478 - 47018/9

AFRA FILHOS, Lda

HIPOTECAS

Fazem-se sobre propriedades urbanas, em Lisboa, Arredores e Província, de pequenas e grandes quantias, ao juro da Lei.

Transacções rápidas e com o máximo sigilo

A CONFIDENTE

R. Ouro, 292-1.º (Esq. com o Rossio) — LISBOA
Tels. 369384/5/6

SHER — SOCIEDADE HIDRO-ELÉCTRICA DO REVUÈ, S. A. R. L.

Capital: 250 000 Contos

SEDE: AVENIDA CINCO DE OUTUBRO, N.º 95-2.º — LISBOA

ACÇÕES

PAGAMENTO DO DIVIDENDO DE 1969

Comunica-se aos Senhores Accionistas que a partir do dia 17 do corrente mês de Abril se encontra a pagamento, também na Metrópole, o dividendo de 40$00 por acção, cativo de impostos, relativo ao exercício de 1969, votado na Assembleia Geral Ordinária de 21 de Maio de 1970.

As importâncias a pagar por acção, líquidas de impostos, são as seguintes:

acções nominativas	35$18,46
acções ao portador	26$50,096
acções ao portador registadas	35$50,96
acções averbadas às Instituições de Previdência	39$67,5

O dividendo das acções pertencentes ao Estado, Governo Geral de Moçambique e Instituições de Previdência será pago na Sede da Sociedade, para o que se torna necessário a apresentação dos títulos respectivos, a fim de serem carimbados.

O pagamento do dividendo aos restantes Accionistas será efectuado mediante a apresentação dos títulos, nos seguintes estabelecimentos de crédito:

CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS
BANCO DE FOMENTO NACIONAL
BANCO BORGES & IRMÃO
BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA
BANCO FONSECAS & BURNAY
BANCO TOTTA & AÇORES
BANCO NACIONAL ULTRAMARINO
BANCO PINTO & SOTTO MAYOR
BANCO PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO
BANCO INTERCONTINENTAL PORTUGUÊS
PANCADA, MORAES & C.ª
BANCO PINTO DE MAGALHÃES

Lisboa, 11 de Abril de 1972

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

SA

6º SALÃO DE ANTIGUIDADES

12-23 Abril

NA FEIRA INTERNACIONAL DE LISBOA

Polícia

ABANDONOU O FILHO E ARREPENDEU-SE

Falámos com ela. Olhar fugidio, assustado. As palavras saem-lhe a custo. **«Estou arrependida. Muito arrependida. Acreditem-me. Não sei o que me passou pela cabeça. Que Deus me perdoe...»**

E esta a Maria dos Anjos Morgado. Estatura meã, mãos castigadas de trabalho. Sabe ler e escrever. Mal. As circunstâncias que a levaram a abandonar o filho, num local deserto, no meio da neve, perto de Sarnada de S. Simão, na Beira Baixa, facto que foi noticiado, não serão nunca devidamente esclarecidas. A Maria dos Anjos conhece-as, sem dúvida. Mas saberia ao menos explicá-las?

Uma vida dura, tudo gente muito pobre, vários irmãos pequenitos, os pais, familiares e conterrâneos a atirarem-lhe à cara o seu «mau passo», a incapacidade de reagir perante a desventura que a dominava, o inferno da situação criada a ferver dentro dela.

E um acto condenável, o da Maria dos Anjos. Sem dúvida. Mas se a olharmos de perto, nem sequer vimos nela a «alma impiedosa», que o acto pode reflectir. E apenas uma jovem desorientada, perdida nas contigências que a tornam mais vítima que criminosa. Basta olhá-la nos olhos:encolhe-se procura em torno um canto onde meter a sua vergonha, onde se esconda de si mesma e do mundo que a hostiliza.

Para o nosso meio, filho de mulher solteira é crime.

O que isso pode desencadear na alma duma mulher impossibilitada de um raciocínio claro, não é previsível. Mas continuamos a condenar sem apelo. Neste caso, nós, que falámos com ela, sabemos que a Maria dos Anjos é mais digna de dó, que de cadeia ou de hostilidade.

O filho foi recolhido pelos avós, lá em Sarnada de S. Simão. A Maria dos Anjos sente-se verdadeiramente arrependida. Tão verdadeiramente, que foi ela quem, depois da sua fuga desordenada para Lisboa, se dirigiu à polícia, a confessar-se a autora do abandono. Lá a deixámos, nos calabouços do Governo Civil, entregue ao seu drama. Não estava em nossa mao fazermos mais. Mas quem a vai julgar que a julgue com a justiça que não dispensa humanidade. Para castigo, deve bastar-lhe a consciência do acto praticado, que nem por vir tardiamente será menos de levar em conta.

NÃO TIVERAM SORTE COM O PRONTO-A-VESTIR

O mundo do crime anda agitado. Sem horário de trabalho, nem dias de folga, os ratoneiros mantêm uma actividade constante nas vinte e quatro horas do dia. E claro que sempre vão preferindo as noites para levar a cabo arrombamentos, assaltos à mão armada, furtos de toda a ordem. Mas a luz do sol não os intimida assim tanto e daí que, mesmo em pleno dia, o pacato cidadão da grande urbe, não esteja livre do ataque dos adoradores do alheio.

Naturalmente que tão desbordante actividade chama as atenções da Polícia, que opõe à dinâmica das quadrilhas, a sua própria dinâmica. E assim, uns atrás doutros, os larápios lá vão dando entrada nos locais mais adequados para um «merecido repouso». Apesar disso, continuam a proliferar. Pelos vistos, são mais que as mães os ratoneiros da nossa terra.

Na madrugada de ontem hou ve burburinho ali para os lados da Praça de Londres.Bem, na realidade, o burburinho começou na Rua Diogo Bernardes, ao Bairro de S. Miguel, quando uma quadrilha assaltou um estabelecimento de pronto-a-vestir situado nesta artéria, prorpiedade do comerciante sr. Manuel José Tunqueiros dos Santos.

Por volta das 4.30 da madrugada os gatunos entraram no estabelecimento e aquilo é que foi aviar. Fatos de homens, casacos de senhora, casacos e camisolas de malha e demais artigos de vestir, tudo no valor aproximado de 40 contos, foram transportados para o carro que os gatunos haviam estacionado à porta da loja. O carro também era roubado, claro, e pertence ao sr. António Gonçalves da Silva, morador na Rua Alfredo Cortês. O guarda nocturno da área ainda se apercebeu do facto, ao ver o carro arrancar a grande velocidade, mas chegara tarde. Contudo, estes larápios iriam ter pouca sorte. Pararam na Praça de Londres, na disposição de passarem o produto do roubo para um outro automóvel que tinham ali estacionado. Eram três homens. Quando iam começar a operação de transbordo, a polícia entrou em cena. Apavorados, os frustradíssimos da fora da lei fugiram a sete pés deixando nas mãos da Polícia o carro e o carregamento que tanto jeito lhes fazia agora que entrámos em nova estação. É que devem ser indivíduos que gostam de andar em dia com a moda.

O produto do roubo e o automóvel foram levados para a esquadra do Arco do Cego que tomou conta da ocorrência. Mais tarde, tudo transitaria para a Polícia Judiciária, que já iniciou as necessárias investigações para conseguir deitar a mão a tão importunos como azarentos indivíduos.

NÃO GOSTAVA DE ANALFABETOS

Para a sra. Hiliete Mariana dos Santos só era analfabeto quem queria. Bastava que se lhe dirigisse, que ela logo tratava de dar diploma a quem dele necessitasse. Porque, afinal, um homem com diploma, mesmo que não sabia ler nem escrever, já deixa de ser analfabeto, não é verdade?

E foi com esta «verdade» na cabeça, que a sra. Hiliete comerciante de Portel começou a distribuir diplomas da 4.ª classe como quem distribui amêndoas pela Páscoa. Isto passou-se em fins de 1966, princípios de 1967. Naturalmente, como boa comerciante que é, a sra. Hiliete não ia em cantigas. Lá dar diplomas dava, desde que lhe pagassem. Montou o **negócio** de tal modo bem montado, que os «diplomados» até conseguiam tirar carta de condução, mesmo que não vissem uma letra do tamanho dum autocarro. Punha anúncios e tudo, que a coisa rendia para publicidade em barba e os candidatos eram aos montes.

Denunciada - o que faz a inveja! - e levada a tribunal deu-se agora o veredicto durante uma audiência colectiva no 2.º Juizo da Boa-Hora, sob a presidência do sr. corregedor Lopes de Melo. O processo era volumoso. Foram julgados: a sra: Hiliete, e os srs. José Nunes Marques, Dinis Alberto Pereira Viegas, Manuel Teixeira Correia, Carlos João Cardoso Monteiro, Manuel de Oliveira Perpétua, José Eduardo de Almeida Maurício, Agostinho Branco Teixeira, Manuel Pereira Filipe, João Vicente Bernardino da Costa, Fernando Marques, António Fernandes dos Santos Machado e Alvaro Guilherme.

Estes alcançaram e usaram diplomas falsos da 4.ª classe para obterem cartas de condução automóvel. A sra. Hiliete foi condenada em seis meses de prisão e 30$00 diários de multa, e o sr. Dinis Alberto em 18 meses de prisão, englobando uma pena anterior. Os restantes foram condenados em um ano de prisão cada um. Num caso destes, toca a todos, como se vê.

As penas ficaram suspensas por quatro anos, com excepção da do sr. Dinis de Abreu que viu a sua pena suspensa apenas por três anos.

AGARRA QUE É LADRÃO

O sr. Carlos Sala Teodoro, de 37 anos, morador no Dafundo, não é homem de muita sorte. Vejam lá quando flanava ontem à tarde pelo Largo do Rossio, olhou por acaso para dentre de um carro e... tentação das tentações, que viu ele? Um rico casaco de peles. Não havia ninguém no interior do veículo, as pessoas que passavam iam todas elas muito apressadas e sem reparar em nada, a hora talvez fosse propícia. Conseguiu com mão de mestre abrir a porta do carro e sacar o casaco. E ia todo contente da vida a deitar contas a uma venda rápida e frutuosa do dito, quando se ouviu um grito:

— Agarra que é ladrão!

Era o dono do casaco, não havia dúvida. Mas onde estava ele que o sr. Teodoro não o vira? E como dono de casaco que se preza não deixa «voar» assim sem mais nem menos tão adorável peça de vestuário, começa a perseguição. Não foram muito longe, pois o sr. Carlos Teodoro nunca praticou atletismo o que, para estas coisas, faz uma falta dos demónios.

Assim, o roubado, sr. Gamboa Marques, tenente da Guarda Fiscal, pôde recuperar o precioso casaco avaliado em cinco contos e, agarrando o Teodoro, entregou-o à PSP.

O RELÓGIO FOI-SE

A Polícia Judiciária de Lisboa investiga um furto cometido na residência da sra. Celsa Faria de Vasconcelos, moradora na Rua da Atalaia, 17-4.º, em Lisboa.

Do interior da residência que remexeram totalmente, furtaram um relógio de bolso, peça única, redondo, com o diâmetro de 5,5 cm., todo em ouro com mostrador descoberto, de numeração fenícia. Levaram ainda um gravador, três pares de brincos também em ouro, selos, etc., tudo avaliado em cerca de 20 contos. Qualquer informação sobre o relógio, que é uma peça fàcilmente detectável, pode ser comunicada ao agente Sousa Martins da 5.ª secção da PJ. Avisam-se os possíveis compradores que podem incorrer no crime de conivência.

Marinheiros americanos acordam Lisboa

— **Este ano não tem havido problemas. Eles montaram dispositivos de segurança e embora haja muitos, mais ou menos «tocados» ainda não houve nada de especial. Nem é preciso intervir. Amanhã já se vê** — disse-nos esta madrugada, um guarda da P. S. P. numa das ruas concorridas do Cais do Sodré.

Centenas de marinheiros americanos superlotavam os bares e «dancings» dessa animada zona lisboeta. Todos eles pertencentes ao porta-aviões «Intrepid» e aos contratorpedeiros «Voge» e «Mc Donnel» que anteontem entraram no Tejo para uma «visita informal» de três dias. No total três mil cento e quarenta e quatro tripulantes, 315 oficiais e 2729 sargentos e praças que participam numa série de operações de luta anti-submarina, iniciada no passado dia 5, no Atlântico Oriental, com a colaboração de alguns barcos portugueses.

Angelito Palomares, filipino de 23 anos, baixo ex-combatente no Vietname, saía de um «cabaret» e preparava-se para entrar num outro. Com palavras a pedirem licença para se ouvirem e num misto de inglês e castelhano, confidenciou:

— **Ser marinheiro é ter a possibilidade de conhecer outros países, de viajar muito. Mas torna-se fatigante e além disso a guerra não me deixou boas recordações. Quando acabar isto, voltarei para Manila. Lá é que é a minha terra.**

Um oficial da Polícia Marítima, louro, frio, imponente, avisou-o de que não devia falar. Angelito sorriu: **«Isto é mau...»** e entrou no «cabaret».

O «mariner», Henry Paulson, 22 anos, californiano, mecânico de automóveis de profissão, já tinha corrido todos os bares do Cais. Estava sem «cheta». Deixara no entanto algum dinheiro no barco e, talves por isso, não se sentia muito preocupado. Animado pela bebida (e sabe-se lá por que mais) entretinha-se a apanhar o ar fresco da rua, bem «seguro» a um dos prédios antigos.

— **Se já estive no Vietname? Nem pensar, nem estou interessado. Só me faltam dois meses para largar isto** — apontou a farda — **e volto é para os automóveis.**

Eduardo da Silva Falcão, o «ardina» (como é conhecido) tem 40 anos, **«solteirinho e bom rapaz»**, ex-mandarete do Coliseu dos Recreios e agora engraxador num dos bares do Cais, estava radiante. Nos bolsos aconchegava uns bons pares de dólares, fruto da abastada generosidade dos vagabundos de porto a porto.

— **Era bom que eles viessem muitas vezes. Assim ganhamos todos: o porteiro, empregados de mesa, eu, etc... Este ano foi um bocadito mais forte. Aqui há uns 4 ou 5 anos vieram também bastantes canadianos, americanos, frenceses e brasileiros. Mas este ano é realmente melhor.**

E sempre eufórico:

— **Eles não vêm só para o Cais do Sodré. Vão parar muitos também no Bairro Alto e ao Largo do Intendente. Nós cá ficamos sempre satisfeitos quando eles aparecem. Embora a clientela portuguesa dê para a gente viver, eles sempre dão mais qualquer coisa. A gente não explora... eles é que nos poêm a «massa» na mão...**

Os táxis sucedem-se ininterruptos, ora despejando uns, ora partindo com outros, já acompanhados. No Bairro Alto e no Intendente o panorama é idêntico. São assim os portos. São assim os marinheiros. Assim os canta o poeta:

«... Et ils pissent, comme je pleure
Sur les femmes infidèles...»

CTT

ALTERAÇÃO DOS NÚMEROS DOS TELEFONES DA REDE TELEFÓNICA DO ENTRONCAMENTO

Os CTT informam, que a partir das zero horas do dia 15/4/1972 os números dos telefones da rede telefónica do ENTRONCAMENTO são alterados, passando os dois algarismos iniciais de «96» para «66».

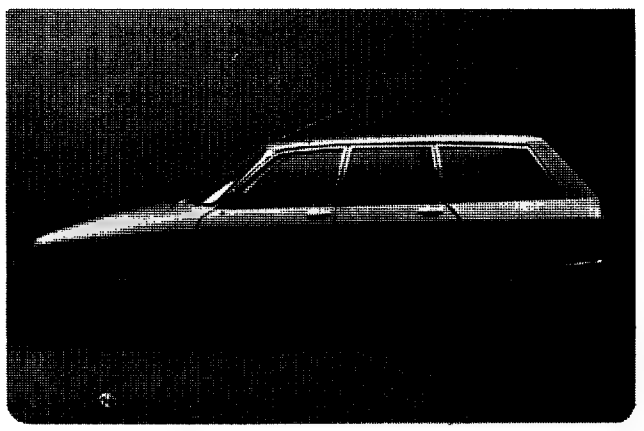
EXEMPLO: O número do telefone 96100
é alterado para 66100

Fazem excepção os números dos seguintes telefones: 96108 — 96109 — 96135 — 96162 — 96167 — 96207 — 96231 — 96232 — 96257 — 96258 — 96321 — 96379 — 96480 — 96485 cujos algarismos iniciais «96» mudam para «65».

Ensaie o Break GS com
Raul Solnado
e ganhe viagens a
Paris, Londres e Madeira

Break GS
uma nova geração GS

À vossa escolha Berline ou Break GS.



Conduza-o e ficará assustado com a ideia de guiar outro carro.

CITROËN GS

CENTRO DE ENSAIOS DO BREAK GS

GARAGEM AUTO TEJO
AGENTE CITROËN
RUA DE XABREGAS, 1
LISBOA

PROSPECÇÃO DE HIDROCARBONETOS EM ANGOLA

O Governo deferiu um requerimento da sociedade Argo Petroleum Corporation para a concessão do direito de prospecção, pesquisa, desenvolvimento e exploração de hidrocarbonetos naturais em parte da área terrestre e parte da plataforma continental da província de Angola.

O período da concessão será de três anos, prorrogáveis, e qualquer outra matéria prima encontrada durante as prospecções deverá ser imediatamente comunicada ao Governo.

A sociedade a constituir terá de ser portuguesa e reger-se pelas leis portuguesas. A província de Angola terá direito a 20 % das acções, totalmente liberadas. Todo o pessoal terá de ser também português e o Estado poderá nomear um ou dois administradores como seus representantes junto da empresa.

A sede da empresa terá de ser em território português, e conforme a cidade onde ela for instalada, Lisboa ou Luanda, terá de ter obrigatòriamente uma delegação na outra.

NOVO PROFESSOR DE MEDICINA EM COIMBRA

Na Sala Grande dos Actos da Universidade de Coimbra terminaram as provas de concurso para professores extraordinários do 8.º Grupo (Ginecologia) da Faculdade de Medicina, prestadas pelo candidato prof. Mário Luis Mendes.

Presidiu o vice-reitor da Universidade, prof. Simões de Carvalho e faziam parte do júri os profs. Castro Caldas e Gonçalves de Azevedo, das Faculdades de Medicina de Lisboa e do Porto, respectivamente, e de todos os professores catedráticos da mesma Faculdade de Coimbra.

Como nas provas anteriores, encontravam-se nos doutorais professores de outras Faculdades e na teia, assistentes e estudantes universitários, além de pessoas das relações do candidato, que seguiram o decorrer das provas com muito interesse.

A prova constou da apreciação do relatório da observação de duas doentes, internadas na Clínica Dr. Daniel de Matos, dos Hospitais da Universidade, tiradas à sorte. Foi arguente o prof. Albertino de Barros.

Ao terminar as provas, o prof. Simões de Carvalho agradeceu as palavras que lhe foram dirigidas pelo prof. Castro Caldas e agradeceu aos professores de Lisboa e Porto a sua colaboração naquele acto académico da Universidade de Coimbra.

Em seguida reuniu-se o júri, que deliberou admitir o candidato, que foi muito cumprimentado.

...Felizmente moro em Miraflores Lux!

Diplomacia. A maneira bem vestida e elegante de resolver os problemas mais sérios. Sempre com um sorriso nos lábios. Tacto, inteligência, sensibilidade. Cultura profunda e um agudo conhecimento dos Homens.

Uma vida de sacrifício, ao serviço dos mais altos interesses.

Mas... felizmente o Diplomata mora em **Miraflores-Lux!** Pausa entre as horas tantas vezes dramáticas da chancelaria – e o repouso no campo-praia, a 5 minutos de Lisboa... **Miraflores-Lux!** Esse gosto bem sentido de viver no prestigioso ambiente social a que pertence.

Miraflores-Lux. Construção e acabamentos do mais alto nível. Piscinas, garagens privativas, Centro comercial. Escola. Jardins... Equipamento completo.

MIRAFLORES LUX *merece a sua visita*

ADVOGADOS 8%
AGENTES TÉCNICOS 1%
ALTOS FUNCIONÁRIOS 6%
DIPLOMATAS 4%
COMERCIANTES 6%
DIRES DE EMPRESAS 5%
ECONOMISTAS 4%
ENG. E ARQUITECTOS 10%
INDUSTRIAIS 7%
INVESTIDORES 11%
PROFESSORES 2%
PROPRIETÁRIOS 12%
MÉDICOS 15%
DIVERSOS 9%

HABITAT EMPREENDIMENTOS IMOBILIÁRIOS, SARL
Informações e vendas: Avenida das Tulipas - Lote 10 - Algés - Algés
Telefs. 215756 - 216749 - 216768

MHP 11/72

DL COIMBRA

INTERNATO MÉDICO

No salão nobre dos Hospitais da Universidade decorre durante a tarde uma reunião do internato geral médico do segundo ano, com a seguinte ordem de trabalhos: informações, eleições dos representantes e apreciação de diversos problemas de interesse para o internato.

Os médicos internos do segundo ano do internato geral devem entregar na Secção do Internato Médico, até ao dia 17, a indicação das suas preferências para os serviços que vão frequentar a partir de 1 de Maio.

REUNIÕES CIENTÍFICAS

Na 12.ª reunião científica no Instituto de Anatomia Patológica da Faculdade de Medicina o dr. Antunes Cabrita apresentou uma comunicação, que foi seguida com muito interesse, sobre «Cancro do fígado».

CONFERÊNCIA ADIADA

Foi adiada para data a designar a anunciada conferência, subordinada ao tema «Conexões cérebro-cerebelosas», pelo dr. Alf Brodal, Universidade de Oslo, por motivo de doença daquele cientista.

SEMINÁRIO SOBRE BIOLOGIA

No Centro de Biologia do Instituto Gulbenkian de Ciência, em Oeiras, o prof. Carl Partanen, chefe do departamento de Biologia da Universidade de Pittsburgh, fará no dia 19, às 12 horas, um seminário sobre «Radiation-induced tumorigation in fern gametophytes».

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por João Armindo Alves — ALCOITÃO

A NOVA MODA ITALIANA

FLORENÇA, Itália, 14 (por Brenda W. Rotzoll, da UPI — exclusivo da ANI em Portugal) — Os costureiros italianos optaram, nas suas colecções Outono-Inverno de pronto-a-vestir, por uma moda que os maridos vão apreciar: não pesa muito no orçamento.

Há muitas coisas que podem ser aproveitadas das colecções antigas o que permitirá às senhoras que não têm muito dinheiro pouparem sem deixarem de andar à moda.

Para começar, a altura das saias não mudou. Terminam pelo joelho, sem que a altura mereça uma atenção especial. As saias são rodadas ou pregueadas, embora não tão rodadas como nas colecções de Verão. Apareceram, contudo, algumas saias estreitas.

As senhoras podem continuar a usar calças largas, mas como novidade alguns costureiros apresentaram calças com cintos estreitos ou com cinturas muito altas, quase a chegarem ao busto.

A grande moda são os casacos curtos. Os «blazers» desaparecem mas quase todas as outras coisas servem — compridos, estreitos e justos, ou largos e rodados com rachas Os mais populares de todos são os «casacos Eisenhower», com uma barra de «tricot» na cintura.

Não custa muito um casaco curto sobre a saia ou as calças do ano passado. Se não se tiver um casaco curto pode-se cortar o casaco comprido. Muitos destes casacos são tão compridos que parecem casacos a sete oitavos.

As cores que apareceram mais foram o preto, o azul escuro, os castanhos e tons de bege e cinzento, mas o cor-de-rosa vivo foi de longe o mais comum.

Os casacos de malha são largos e sem botões, mas as camisolas são curtas, até à cintura. Os decotes ou são em «V» ou redondos. Com ou sem mangas, os «pullovers» vestem-se com blusa, com os punhos e o colarinho a aparecerem.

As novas meias constituem uma forma barata de remodelar o guarda-roupa. A novidade são as meias pretas ou beges» finas, estas com uma costura mais escura. Para passeio apareceram as meias de cores vivas.

Os chapéus são muito variados — de abas largas, «cloches» ou pequenos barretes de malha que os manequins traziam mesmo com fatos de noite.

Para a noite apareceram também camisolas de malha brilhantes, com calças, ou uma espécie de camisola que descia até aos pés.

Este mesmo aspecto estreito e sinuoso era também vulgar nos vestidos de noite com decotes profundos em «V» ou com mangas de renda de Veneza e aplicações — uma reminiscência dos vestidos usados pelas estrelas de cinema nos anos 20 e 40.

Não há problemas com as jóias. A única coisa que é precisa é um colar de pérolas comprido.

O bom gosto e o sentido dos novos modelos italianos de «pronto a vestir» estão bem expressos neste conjunto apresentado no Florence Pitti Palace.

CURSOS DA COPRAI

De 23 a 25 de Maio a «COPRAI» leva a efeito um curso sobre «Utilização da informação tecnológica e económica na empresa», que tem como monitor o sr. Gorges Sandeau, director da Biblioteca e do Centro de Documentação do INSEAD-Institut Europeen d'Administration des Affaires — Fontainebleau.

DIA DO TURISTA

Este é o cartaz do Dia do Turista, que decorre já na quinta-feira da próxima semana. Do programa, variado, destacam-se viagens gratuitas no Tejo, a bordo do «Estremadura», com saídas do Terreiro do Paço às 11 e às 15 horas. As estações de Santa Apolónia, Rossio e Sul e Sueste, em Lisboa, e de S. Bento, no Porto, estarão decoradas com flores.

PLANO
SENSACIONAL
o seu carro vale ouro
concorra! Peça já informações a
J. COELHO PACHECO
visite o nosso stand
R. Mouzinho da Silveira, 10-A e 10-B — Lisboa
Av. Elias Garcia, 54-A — Lisboa
Concessionário CHRYSLER DE PORTUGAL

DOIS NOVOS PROFESSORES

DA ESCOLA SUPERIOR DE BELAS-ARTES

O director da Escola de Belas-Artes, escultor Joaquim Correia, conferiu posse esta manhã aos dois novos professores daquele estabelecimento de ensino, escultores João Fragoso e António Paiva. Ao acto, que se efectuou no gabinete do director, assistiram colegas, amigos e admiradores dos empossados.

O escultor João Fragoso está ligado ao movimento de renovação da Sociedade Nacional de Belas-Artes, da qual foi vice-presidente nos últimos oito anos e é autor de vários monumentos e grupos escultóricos na Metrópole, Angola, Moçambique, Açores e ainda no Brasil (Baía) e nos Estados Unidos (Beverly Hills, Los Angeles).

Por seu lado, o escultor António Paiva é um dos mais distintos escultores da sua geração. Foi desenhador do museu Etnológico Dr. Leite de Vasconcelos, bolseiro do Instituto de Alta Cultura, professor de Desenho do Liceu Camões e assistente da Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa, desde 1961. Tem trabalhos em numerosas colecções particulares, é autor da Via-Sacra e do Cristo da Igreja de Águas; Santo Estevão da Hungria, do Sentuário de Fátima; grupo escultórico para o Palácio de Justiça de Vinhais; baixo-relevo em madeira policromada para o Palácio de Justiça de Lisboa; estátua de Vasco da Gama para a vila de Sines; estátua da Rainha Santa Isabel para a cidade de Estremoz e trabalha actualmente na estátua de Garcia de Resende para a cidade de Évora.

PLANO
SENSACIONAL
o seu carro vale ouro
concorra! Peça já informações a
J. COELHO PACHECO
visite o nosso stand
R. Mouzinho da Silveira, 10-A e 10-B — Lisboa
Av. Elias Garcia, 54-A — Lisboa
Concessionário CHRYSLER DE PORTUGAL

PLANO
SENSACIONAL
o seu carro vale ouro
concorra! Peça já informações a
J. COELHO PACHECO
visite o nosso stand
R. Mouzinho da Silveira, 10-A e 10-B — Lisboa
Av. Elias Garcia, 54-A — Lisboa
Concessionário CHRYSLER DE PORTUGAL

JULHO, MÊS ELEITORAL

Continuação da pag. 1

eleito pelas duas camâaras do Congresso (Senado e Câmara dos Deputados) reunidas em sessão conjunta. Nesta, aliás, de cunho vincadamente parlamentarista, e em que o Congresso predominava sobre os restantes poderes do Estado, tal sistema tinha a sua adequada expressão.

A revisão de 1959, introduzindo a eleição através de um colégio eleitoral restrito, veio pôr em causa um dos princípios que os políticos do Estado Novo constantemente tinham defendido — a eleição do Chefe do Estado por sufrágio universal e directo, através da qual a Nação «consagrava» periòdicamente o mais alto magistrado. Assembleia Nacional, convocada extraordinàriamente no Verão de 1971 para rever a Constituição, apreciou um projecto de lei que visava restabelecer a eleição por sufrágio universal. Foi mais por considerações de oportunidade, aliás, que o Governo rejeitou tal restabelecimento na sua proposta de revisão constitucional. «Será discutível a forma de eleição do Chefe do Estado» — afirmou Marcello Caetano na Assembleia Nacional em 2 de Dezembro de 1970, ao apresentar a proposta de lei de revisão. «Mas não se afigurou conveniente, a tão curta distância da resolução tomada sobre o assunto na última revisão, voltar a controvertê-la. Há que prosseguir na experiência da fórmula adoptada e colher daí lição para mais tarde formar um juízo fundado sobre a conveniência de a conservar ou substituir».

Tem-se dito com frequência que o actual regime político português é de carácter presidencialista. Na verdade, o Presidente da República responde directa e exclusivamente perante a Nação pelos actos praticados no exercício das suas funções, sendo o exercício e a sua magistratura independentes de quaisquer votações da Assembleia Nacional — ao contrário precisamente do que acontece nos regimes parlamentaristas (de que é exemplo a República de 1910); e designa o Presidente do Conselho e os membros do Governo **que só perante ele respondem**.

Segundo o texto da lei constitucional, pelo menos, o Chefe do Estado predomina sobre os outros orgãos de soberania, inclusivamente sobre o Governo, cujo Chefe e cujos membros nomeia e demite livremente. Os vastos poderes do Governo e do seu Chefe — no campo legislativo, , nomeadamente — estão assim na dependência política do Presidente da República.

A prática constitucional portuguesa, durante a vigência da Constituição de 1933, tem porém seguido uma outra via: ao longo de dois consulados (Salazar e Marcello Caetano) o centro do Poder tem sido o Chefe do Governo. Comentando a asserção segundo a qual o regime português seria presidencialista, Salazar dizia irònicamente a Cristhine Garnier: «Presidencialismo, minha senhora? Só se for do Presidente do Conselho...»

O actual sistema de eleição do Chefe do Estado foi pela primeira vez praticado em Julho de 1965. O colégio eleitoral, que votou um único candidato — o almirante Thomaz — foi então constituído por 585 membros: 121 deputados, 200 procuradores, 204 representantes municipais e 60 representantes dos conselhos legislativos das províncias ultramarinas. Quinhentos e cinquenta e seis votos foram favoráveis ao actual Presidente da República, que foi portanto eleito no primeiro escrutínio; 13 votos foram considerados nulos por os eleitores terem votado em branco — o que foi uma manifestação de oposição, a única possível num colégio eleitoral de tal modo uniforme que os opositores não conseguiram reunir as vinte assinaturas necessárias à apresentação de uma candidatura própria. Dezasseis eleitores altaram ao acto eleitoral de 25 de Julho de 1965.

O próximo acto eleitoral decorrerá pois em Julho, reunindo o colégio eleitoral, nos termos constitucionais, 15 dias antes do termo do actual mandato de 7 anos do almirante Américo Thomaz.

TED SMITH: "jogo do ano contra Tomar"

Desnecessária uma apresentação de Ted Smith: certamente que os leitores ligados ao futebol se lembram ainda do treinador inglês que começou a tornar internacional o Benfica, levando-o à conquista da Taça Latina». Presentemente ao serviço do Atlético (resultado de mais uma das tais «chicotadas psicológicas») após longos anos de ausência do futebol nacional, Ted Smith fala-nos antes do difícilimo encontro que os alcantarenses vão disputar amanhã, contra o União de Tomar:

— Quando fui contratado pela direcção do Atlético evidentemente que não ignorava a difícil situação em que o clube se encontrava, estando portanto consciente das dificuldades que iria deparar. No entanto, embora tenha encontrado um lote de excelentes jogadores encontrei uma equipa bastante indisciplinada, futebolisticamente falando, o que certamente se torna difícil alterar em tão curto espaço de tempo.

FUTEBOL PORTUGUÊS MELHOROU ESPANTOSAMENTE

Existe (como é óbvio) uma diferença entre o futebol nacional e o futebol britânico, assim como uma diferença entre o futebol português dos anos cinquenta (época em que Ted Smith se encontrou anteriormente entre nós) e o futebol actual. Ted Smith esclarece:

— Devido à maior maturidade do profissionalismo inglês, básicamente muito bem estruturado sob todos os aspectos, o jogador britânico torna-se disciplinado do que o jogador português, não só dentro mas também do rectângulo do jogo. Saliento, todavia, que o futebol português tem evoluído duma maneira espantosa e encontra-se recheado de excelentes valores. Pena é que alguns deles usem mais as pernas (ao serviço do jogo) do que a própria cabeça. Porém, quando da minha anterior estadia ao serviço do Benfica, havia já em Portugal jogadores de craveira excepcional: casos de Travassos, Rogério e Vasques que, hoje em dia, seriam indiscutíveis em qualquer equipa de valor internacional. O que se verifica, actualmente, é que há uma maior e mais equilibrada quantidade de jogadores nas equipas portuguesas.

O JOGO DO ANO

Apenas com menos um ponto do que o União de Tomar, este Atlético de Ted Smith tem amanhã um embate muito perigoso, que poderá vir a ser decisivo para as aspirações alcantarenses, já que a vitória o colocará em posição de maior tranquilidade: enquanto uma (eventual) derrota acarretará maiores e tremendas preocupações futuras, nesta luta de sobrevivência pela continuidade na divisão principal. Ted Smith falou-nos sobre o jogo:

— Como é natural, devido à posição na tabela da classificação, a equipa não rende o que normalmente está ao seu alcance, pois os jogadores (sabendo que correm o perigo da despromoção) encontram-se sob uma tensão nervosa que de modo algum, pode ser benéfica para o bom rendimento em campo. Tem sido minha preocupação dominante preparar os jogadores psicològicamente para combaterem estes factores: e embora cônscio das dificuldades que iremos encontrar, creio que o Atlético tem capacidade suficiente para alcançar a tão desejada vitória. Considero que, para nós, este é o jogo mais importante do ano: Só um êxito trará tranquilidade e calma aos jogadores, um estado de espírito que lhes permitirá, em jornadas futuras, praticar um futebol mais esclarecido e mais espectacular, pois não lhes falta valor para tal.

EM TODAS

ATLETISMO: António Santos (Briosos Valboenses), Rosa Alice (Ovarense) e Aniceto Simões (Santa Clara) venceram provas organizadas pelo Illiabum Clube. Outros atletas em destaque: Abílio Carvalho, António Portela, Fernando Oliveira, José Simões, Manuel Oliveira, Manuel Cordeiro, Manuel dos Santos e as jovens Olinda Pinto, Conceição Rilhó, Ana Maria e Isabel Maria.

ÁRBITROS: mais uma palestra na Comissão Regional de juizes de futebol de Coimbra. Esta noite falará, na sede da agremiação, o locutor Pinho Simões.

JAMOR: 12 892 pessoas desfilaram pelos campos desportivos do Estádio Nacional durante o mês de Março — afirma-se em comunicado da Comissão Directora do imóvel.

HIPISMO: provas na Quinta da Torre, este fim-de-semana, organizadas pela Sociedade Hípica Portuguesa.

VARZIM: para tentar debelar a crise directiva, os associados do clube reunem-se em assembleia extraordinária, na noite do próximo dia 24.

BARRIGANA: o antigo guarda-redes do Porto e da selecção nacional já começou a trabalhar (como técnico) em «Os Dinizes», da cidade de Salazar (Angola). **«Não exigi «luvas» nem prémios pelas vitórias. Só quero o ordenado mensal e trabalhar muito»** — disse à Imprensa local.

COLÓQUIO: Francisco Santos falou, no Cine-Clube do Barreiro, sobre o tema «Automobilismo também será desporto?»

TIRO AO ARCO: no próximo dia 23, no Estádio Nacional, desenrola-se o «Torneio Imprensa».

PUGILISMO: esta noite, combate-se na Sociedade Filarmónica Alunos de Apolo. Alguns «boxeurs» que devem exibir-se: Jorge Soares, Joaquim Santos, Vicente, Manuel Vieira, Eduardo Gonçalves, Carlos Leal, Carlos Alberto, António Silva, Piedade Rodrigues, José Leitão, Mário Ferrão, Farinha Galveia e Vítor Piedade.

BASQUETEBOL: a equipa feminina do Futebol Clube do Porto desistiu da «Taça de Portugal». Relação de clubes multados (em 500 escudos cada) pela Federação Portuguesa: Atlético de Moscavide, Futebol Clube do Porto, Sanjoanense, Olhanense, Sporting de Torres Marinhense e Illiabum Clube. Boa «colheita»...

CONCURSO: competição fotográfica sob o tema «futebol júnior» promovida pela Federação Espanhola de Futebol.

ANDEBOL: efectuaram-se mais jogos para o campeonato nacional da segunda divisão. Desfechos: Atlético, 18-Encarnação, 17 e IMA, 19-Naval, 19. O Atlético vai disputar, com o Passos Manuel, a estadia na divisão de honra.

SENHORAS: iniciou-se a disputa da«Taça de Portugal» de basquetebol. Resultados: Académico, 59-Física do Norte, 23; Conimbricense, 21-Académica, 45; Ginásio Figueirense, 46-Olivais, 26 e Sporting, 64-CDUL, 43. O CDUP triunfou por falta de comparência do F.C.Porto. Para o «Nacional» da segunda divisão (que é comandado pelo Benfica) o Belenenses bateu o Maria Pia (38-27) e a Física de Torres Vedras levou de vencida o Encarnação (27-26). Por seu lado, para o «Grande Torneio Feminino», o CIF derrotou a Académica da Amadora por 58-8.

SELECÇÕES: formados os conjunts portugueses de ginastas que vão defrontar a Africa do Sul. Senhoras: Eurydia Correia, Ana Patrícia, Isabel Vagueiro, Maria Manuela Rapas, Ana Maria Pires, Isabel de Carvalho e Maria Sílvia Mineiro. Homens: José Filipe Abreu, João Boa de Jesus, João Caldeira Romão, Virgílio Dias, João Morgado, João Cunha e José Luís Hermínio.

LUTA GREGO-ROMANA: Amadora, 6-Ateneu, 1 e Runa 8 - Algueirão, 0 para o campeonato nacional de equipas seniores.

VOLEIBOL: o Nacional de Ginástica bateu o Lisboa Ginásio (3-1), o Técnico derrotou o Costa do Sol (3-1) e o CNOCA foi vencido pelo Externato de Moscavide (2-3).

EQUITAÇÃO: «concurso completo» marcado este fim-de-semana para Alpiarça.

PATINAGEM: Maria Judite (esposa do futebolista Diamantino, do Benfica) e Helena Dias vão actuar em Mântua (Itália) nos campeonatos europeus.

HÓQUEI EM CAMPO: a Associação lisboeta reduziu, de um ano para cinco jogos (!) o castigo aplicado a José Tibúrcio (a do Futebol Benfica).

BEIRA-MAR: apreciados o relatório e contas da colectividade, verifica-se que o passivo orça por 1100 contos, o que mereceu severas críticas do Conselho Fiscal aveirense.

BOAVISTA: o clube está na corrida para a contratação de Dante Bianchi, mas o técnico brasileiro (que ainda não arrumou contas com os aveirenses) não quer dar um passo em falso.

RÁGUEBI: o União de Coimbra vai praticar a modalidade na próxima temporada.

LAMENTÁVEL: por agressão conjunta ao árbitro Joaquim Freirinha, que dirigira a partida de andebol entre as formações juniores do Clube de Santo António dos Cavaleiros e do C.D.U.L., foram punidos todos os representantes da primeira colectividade. Castigos: irradiação ao técnico Manuel da Silva Soares, cinco jogos de suspensão a João António Conde da Purificação e três a cada um dos restantes andebolistas (Joaquim Fulgêncio Fernandes, Alberto Manuel Vítor Brás, Nuno Infante Santo Rodrigues, António Dias Barata, Rui Jorge Santos de Carvalho, Eduardo Alberto Macedo Vilaça, José Manuel Afonso Bernardo, Pietro Mouro de Oliveira Rapetti, António Santiago Sousa, Raúl de Castro da Costa Guimarães e António Rodrigues).

PORTO: Helder Ernesto, «emprestado» ao futebol vimaranense, regressa no fim da temporada ao Estádio das Antas.

SPORTING: Vagner (em lugar de Yazalde) no «team» de Mário Lino para o embate contra Setúbal.

BELENENSES: em fins de Julho, o futebol «azul» deve exibir-se em Angola e Moçambique.

BELA SEMANA: Dante Bianchi... Medeiros... Teixeira... Para não falhar um dia, ontem coube a vez a Janos Hrotko: a direcção do Leixões, verificando que as declarações publicadas num jornal ultramarino tinham sido (mesmo) ditas pelo antigo húngaro, recindiu o contrato que o ligava à colectividade.

ABANDONO: continuam os maus ventos no Boavista: Domingos Marques, dirigente do futebol, pediu a demissão.

BOM APETITE

CASTANHEIRA
DECLARADO DE UTILIDADE TURISTICA
ESTRADA DA TORRE — LUMIAR - TELEF. 790168
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
AOS SABADOS E DOMINGOS ORQUESTRA PRIVATIVA DESTE RESTAURANTE (M/15 anos)

TONI DOS BIFES
NÃO TEM SUCURSAIS
Av. Praia da Vitória,50-E
Telef. 53 60 80
ABERTO AOS DOMINGOS

Estalagem "A GRUTA DO RIO"
RIO DE MOURO
Telef. 2980535
(Auto-Estrada para Sintra)
ESPECIALIDADES DIARIAS
BACALHAU À LAGAREIRA
E
CABRITO NO CHURRASCO
SALÃO PRÓPRIO PARA BANQUETES

RESTAURANTE
QUINTA DE S. VICENTE
Telheiras de Cima, 144
Telef 790211
JANTARES DANÇANTES
AOS SÁBADOS E DOMINGOS
c/ conjunto privativo
Parque privativo
AMBIENTE DISTINTAMENTE FAMILIAR
Premiado pelo S. N. I.
(Maiores de 15 anos)

ESTALAGEM D. SANCHO II
ELVAS — Telef. 127
COZINHA REGIONAL — SERVIÇO DE BAR NO TERRAÇO PANORÂMICO PARA ESPANHA — ESMERADO SERVIÇO DE MESA QUARTOS CONFORTÁVEIS
NO SEU FIM-DE SEMANA VISITE ELVAS E BADAJOZ

APÓS AS REFEIÇÕES - CHAVE D'OURO - O MELHOR CAFÉ

CHANA, RECORDAÇÃO DA MENINICE

Chana: o Livramento do Sporting.

Na galeria dos grandes jogadores portugueses de hóquei em patins, António Livramento preencheu a última vaga: o lugar dos «fora de série». Parece agora começar a despontar, para a alta-roda do desporto patinado, aquele que poderá ser (daqui a alguns anos) o sucessor do grande atleta do Benfica. Sportinguista, depois de quase uma década como salesiano, Chana (o novo «enfant gaté» da modalidade sobre rodas) contanos a sua história.

O COMEÇO: A SALESIANA E O PADRE MIGUEL

Sou Vítor dos Santos Carvalho de meu nome completo, e nasci em Cascais, a 6 de Dezembro de 1952. Com 10 anos eu era aluno da Escola Salesiana de Santo António do Estoril: ali comecei a aprender a patinar. Andava a brincar no recreio quando, um dia, verifiquei que no rinque de patinagem se alugavam patins. Fui até lá e comecei a fazer o mesmo que via aos outros. Ao cabo de alguns trambolhões comecei a demonstrar um certo jeito que o Padre Miguel, sempre atento, resolveu aproveitar. Perguntou-me se queria jogar hóquei em patins e eu, que já estava entusiasmado com essa hipótese, disse-lhe logo que sim. Devo, neste momento, manifestar o meu agradecimento ao Padre Miguel por tudo quanto me ensinou e pelo modo como (ao fim e ao cabo) autorizou a minha transferência para o Sporting. Não creio que exista em Portugal nenhum treinador como ele para ensinar os mais jovens. Foi o Padre Miguel que fez da Juventude Salesiana o maior «viveiro» de hoquistas de todo o país. Não, não creio que tenha havido «roubo legalizado» na cedência da minha carta. Eu não sei bem porquê, andava com vontade de sair do Estoril. O Sporting, que já na época passada me convidara, voltou a insistir: e, desta vez, resolvi aceitar. A Juventude Salesiana recebeu 100 contos e eu fiquei com um bom emprego, estudos pagos e um subsídio mensal (para transportes) de 650$00. Parece que o Padre Miguel afirmou numa entrevista que nos Salesianos também me pagavam os estudos. Peço muita desculpa, mas houve aí um certo exagero. Eu pagava a mensalidade como qualquer outro aluno: e só quando recebi o convite do Sporting é que se prontificaram a dispensar-me desse pagamento. Também não concordo com outra afirmação do Padre Miguel, segundo a qual sem o Virgílio a meu lado eu passaria a render apenas 50 por cento do meu normal. De facto, já estava habituado a jogar com ele mas, atendendo às caracteristícas de um e de outro, a minha opinião é de que a haver alguém prejudicado será o Virgílio. Quanto à saída dos jogadores iniciados na Juventude Salesiana para outros clubes, eu só pergunto uma coisa: se todos os atletas que se «fizeram» no Estoril de há dez anos a esta parte lá tivessem permanecido, que benefícios colheriam disso o hóquei em patins nacional e os próprios jogadores?

O SPORTING

O Sporting está a formar uma equipa para (dentro de algum tempo) poder jogar de igual para igual com o Benfica: que tem um conjunto ligado por vários anos de trabalho.

ADRIANO

—Tenho pena que o Adriano se tenha lesionado (parece mesmo que tem de ser operado ao menisco) pois ele é o avançado do Sporting com quem melhor me entendo.

A FELICIDADE

Por enquanto ainda não tive tempo para grandes alegrias no meu novo clube. Aliás, o momento verdadeiramente feliz da minha vida de jogador, vivi-o na Juventude Salesiana: quando conquistámos o campeonato nacional de juniores.

A SELECÇÃO

Se eu fôsse selecionador nacional, escolheria neste momento o seguinte «cinco» inicial: Vítor Domingos, Casimiro, Rendeiro, Livramento e Jorge Vicente.

O DIA DE VIDA

Moro um pouco longe de Lisboa (no Monte Estoril) e regresso sempre a casa bastante tarde. Saio do emprego, em Pedrouços, às 18 e 30 e sigo logo para as aulas que funcionam até às 22 ou 23 horas. Depois, vou para o treino até à hora que calha: às vezes saio do Pavilhão perto da uma da manhã.

OS OUTROS DESPORTOS

Pratiquei várias modalidades e além do hóquei joguei oficialmente o ténis de mesa: primeiro no Amoreira (Estoril) e mais tarde no Grupo Desportivo das Fontaínhas (Cascais).

OS ÁRBITROS

Não gosto de falar das arbitragens. Dentro do rinque preocupo-me apenas com o jogo e nem conheço a maior parte dos árbitros.

Confiante no futuro.

O FIM DA JOGADA: CHANA

Porque me chamam Chana? Sei lá... Olhe, é uma recordação da meninice!

RÂGUEBI: UNIVERSITÁRIO E NACIONAL

O «Torneio Universitário de Râguebi» é uma competição anual organizada pelo Centro Desportivo Universitário de Lisboa».

Nesta época, quase uma dúzia de equipas, distribuidas por duas séries, inscreveram-se na competição, que foi dividida em dois blocos. De cada grupo são apuradas as duas primeiras: que disputarão uma «poule» final.

Na série A o panorama apresenta-se confuso, embora a Academia Militar se encontre já apurada para a fase final. Porém, o Técnico A, (com duas derrotas sofridas) espera saber se Direito, até ao momento apenas batida pelos «militares», será apurada pois parece haver certas dúvidas no que respeita à inscrição dos jogadores «advogados».

Na série V, tudo é mais claro. No termo da primeira fase do torneio, duas equipas contavam só vitórias: Agronomia e Medicina, que se defrontaram no encontro derradeiro, na partida que decidiu o primeiro lugar e, portanto, qual a equipa que defrontaria o segundo classificado (Técnico A ou Direito) da outra série.

No Estádio Universitário as equipas alinharam, sob a arbitragem do dr. Rafael Claro (uma vez que o árbitro nomeado não compareceu) do seguinte modo: **Agronomia** — Rocha, Moura, Furtado, Ortega e P. Moura; Telmo e Beto; Trigoso, Pinheiro e R. Pereira; Alho e Miguel (Piçarra); Didelet, Aguiar e França (Albergaria). **Medicina** — Granger, Cunha, Santos, Lynce e Cabral; Tibério (Patrício) e Ramon; G. Costa, Rosa e Almeida; Paramés e Ramos; Miguel (Póvoa), Norton e Tavares.

Num jogo de tradicional «rivalidade», as duas equipas lutaram mais arduamente do que técnica ou tácticamente, alongando-se num jogo de parada e resposta, que terminou com a vitória merecida dos «médicos» que foram os menos maus e que, ao intervalo, já triunfavam por 6-0, num bom ensaio aos 30 minutos, transformado, de Lynce, resultado esse que não foi alterado no segundo tempo.

Esperemos pela fase final, em que Medicina é uma forte candidata ao título Universitário.

TORNEIO DE JUNIORES

Realizou-se também um encontro em atraso do torneio de juniores, que opôs a equipa de S. Miguel ao «quinze» do Benfica. A vitória coube aos primeiros (por 14-3), mas os «encarnados» apresentaram protesto, alegando má iluminação do campo.

OS JOGOS DE DOMINGO

Entretanto o Campeonato Nacional da I Divisão prossegue no próximo domingo, com encontros que estão a concitar interesse. Vejamos o calendário.

Belenenses-Técnico, às 9,30 no Estádio Nacional, reencontrado, o Belenenses deve dar que fazer aos «engenheiros», que não vão encontrar (decerto) as facilidades da primeira volta.

Económicas-CDUL, no Estádio Universitário, às 11,30, num embate em que os actuais guias podem não ter problemas.

Agronomia-Medicina, também no Estádio Universitário (às 11,30),no jogo mais equilibrado da ronda, onde talvez os «médicos» sejam os favoritos mas os «agrónomos» tudo farão para que eles não reeditem o êxito da primeira rodada.

CDUP-Direito, outro jogo em que o equilíbrio é notório. Será um encontro bom para os portistas demonstrarem que o triunfo do passado domingo (sobre a Académica) não foi obra do acaso ou da sorte, uma vez que também Direito não parece ser a mesma equipa da primeira volta. O jogo realiza-se às 17 horas, no Campo da Fnat, no Porto.

Finalmente, no jogo mais importante da jornada, a desconcertante Académica (que já ganhou ao CDUL) vem ao Estádio da Luz (11 horas) defrontar o Benfica, que deu mostras de ser vulnerável (na última jornada, contra Medicina) mas dispos de trunfos valorosos.

FERNANDO GUERRA

Disputa da «oval» no encontro Agronomia-Medicina.

ESPANHOIS NA COELIMA

Estão à porta as grandes competições de ciclismo: e so clubes completam os seus quadros para tentarem bater a tradicional hegemonia de Agostinho, Mendes e seus pares. Na Coelima, por exemplo, procuram-se reforços além-fronteiras: e aí temos os nossos já conhecidos José Galdamez e José Florêncio que deixaram Espanha e treinam sob emblema de colectividade portuguesa

MOTONÁUTICA EM ELVAS

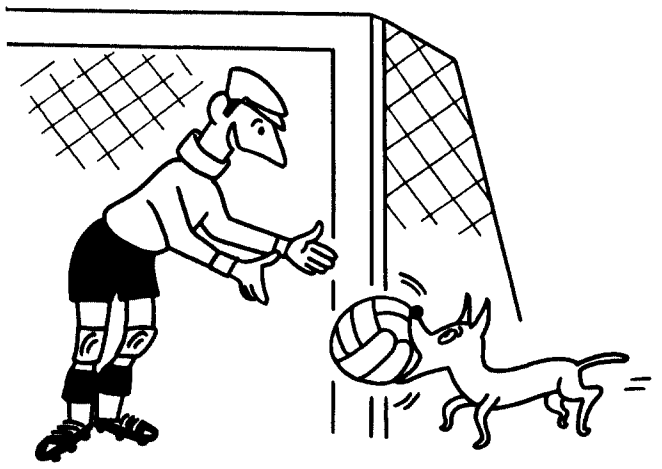
Realiza-se, este fim-de-semana, na Barragem «Almirante Américo Thomaz» (Elvas), a segunda prova do III Torneio Nacional de Barragens em Motonáutica.

A competição terá início às 17 horas de amanhã, com a realização da primeira «mão» da classe «T» (Turismo) e «SD» Sport de 700 a 850 c.c.). No domingo, a partir das 15 horas, disputam-se as duas «mãos» para as outras classes, sendo de salientar o facto de haver uma prova em separado para a classe «SE» (Sport de 701 a 850 c.c.) — tradicionalmente a mais numerosa em competição — que, assim, corre separada das «SF», «OI» e «ON».

O circuito será triangular e tem o perímetro de uma milha. Os vencedores da primeira prova deste torneio (disputada nos dias 18 e 19 de Março na Barragem de Blver) e que comandam as classificações são os seguintes:«TE». Conceição Ramada (Navaltec-Johnson); «SD» Fernando Nunes dos Santos (Dori-Penta Sport); «SE» - José Santos Gomes (Sotto Mayor-Sea Bird - Carniti); «ON» - Manuel Maria Martinho (Molinari-Johnson).

Os transportes públicos para a Barragem estão assegurados a partir de Santa Eulália, Campo Maior e Elvas.

O TRAÇO DE PARGANA



Sugestão para apanha-bolas...

FUNDOS DE ESTADO

	Efec	Compra	Venda
Cons 2 3/4	–	–	–
Cons 3 %	456$5	–	456$5
Cons 3 1/2	557$	557$	–
Centenarios	–	–	–
Tes 5 % 57	1.008$	1.008$	–
Tes 5 % 59	–	1.000$	1.008$
Exter 1ª s	–	–	–
Extern 1ª c	–	595$	600$
Extern 3ª s	–	785$	800$
Extern 3ª c	–	820$	–
Caut 3ª s	–	167$	–

FUNDOS PÚBLICOS

A- Lx 6 %	–	950$	–
C M L 5 3/4	1 000$	1.000$	1.005$
C P 5 5 % — 67	915$	–	920$
C P 5,5 % — 68	970$	–	965$
C P 5,5 % — 69	–	–	960$
Corr 5 3/4 %	935$	935$	–
Metr 5 3/4 %	–	–	930$
Tur 5 3/4 %	1.005$	1.005$	–

ELÉCTRICAS

G. 5 % — 58	–	–	800$
G. 5 % — 59	–	–	–
G. 5 % — 62	–	960$	–
G. 5 % — 63	–	960$	980$
G. 5 % — 64	–	–	980$
G. 5 % — 65	–	–	980$
G. 6 % — 67	985$	985$	990$
G. 6 % — 69	–	985$	990$
H E A A 5 %	–	780$	–
H E C 5 %	–	795$	–
H E C 6 %	985$	980$	990$
H E D 5 %	–	795$	–
H E D 6 %	–	980$	–
H E N P 5 %	–	–	–
H E S E 5 %	–	930$	–
H E S E 6 %	–	950$	–
H E Z 5 % — 57	–	–	–
H E Zêz 6 %	–	–	–
N Elec 5 %	–	–	820$
N Elec 6 %	–	935$	–
Termoel 5 %	–	–	790$
U E P 5 % — 60	–	–	750$
U E P 5 % — 63	–	–	–
U E P 6 %	–	–	–

DIVERSAS

A P T 5 % — 56	–	–	–
A P T 5 % — 58	–	–	–
Lisnave 6 %	–	–	985$
Nitratos — 60	–	–	–
Pet 2ª e 3ª	–	880$	890$
P Celul 5 %	–	–	–
Sacor 5 % — 54	–	940$	–
Sacor 5 % — 60	–	855$	–
Sid 5 % — 2ª	–	–	800$
Sid 5 % — 3ª	–	–	–
Sid 5 % — 4ª	800$	–	–
Socel 5 %	–	–	–
U Fabril 67	962$	960$	–
U Fabril 68	–	945$	950$

ULTRAMARINAS

Carbonif 5 %	–	600$	650$
Rev 5 % 57	–	710$	–
Rev 5 59/60	–	710$	–
Moçamb 5 %	–	550$	–
Sonefe 5 %	–	810$	–

ACÇÕES

De Bancos

Agricultura	2.819$	2.800$	2.815$
Alentejo	1.295$	1.290$	1.300$
Angola	3.550$	3.550$	3.560$
Cred Predia	6.530$	6.530$	6.550$
Esp Santo	8.990$	8.990$	9.000$
Fomento	4.600$	4.580$	4.610$
F & Burnay	–	35.000$	38.000$
N Ultr m	5.455$	5.450$	5.460$
N Ultr c	5.970$	5.950$	–
Portuga n	–	–	4.900$
Portugal p	6.250$	6.250$	6.300$
P Atlântico	–	9.900$	9.950$
Totta & Açores	6.120$	6.120$	6.130$
Borges & Irmão	8.100$	8.100$	8.150$
Algarve	1.610$	1.605$	1.620$

J. BURNAY, LDª
Notas estrangeiras
Papéis de crédito
RUA DO OURO, 72 TEL. 321273

Banco Borges & Irmão

Índice de cotação das acções (Base: Dez. 65=100)

	7-4-72	13-4-72	14-4-72
GERAL	184,9	187,4	187,3
METROPOL	186,1	189,0	188,8
ULTRAM	176,2	175,7	175,9

De Seguros

Alentejo	150$	150$	152$
Bonança	–	–	–
Mundial	1.295$	1.290$	1.300$
Soberana	–	1 780$	1.900$
Tranquilidade	–	–	–

Eléctricas

C P E p	1.151$	1.150$	1.152$
C P E n	–	1.125$	1.130$
E Beiras	1.840$	1.830$	–
G Elec c	361$5	361$	361$5
H E A A	190$	190$	191$
H E N P	–	235$	239$
H E S E	–	1.850$	–
U E P	204$	202$	205$

Ultramarinas

Ag Cassequel	1.290$	1.290$	1.300$
Ag Incomati	2.700$	2 700$	2.750$
Ag S T e P	–	175$	180$
Aç Angola	–	1.000$	1 030$
Alg Angola	–	225$	–
Ang Agric	–	710$	730$
Boror	–	–	–
Boror Com	–	–	–
Buzi	–	82$	84$
Cabinda	140$	140$	–
Com Lobito	860$	860$	865$
D A T 100	–	1 990$	2 000$
H E Revué	–	575$	580$
I do Princ	–	–	555$
Moçambique	–	–	–
Sonefe n	–	–	–
Sonefe p	386$	383$	388$
Zambézia	–	63$5	65$

Diversas

Ag Lx ant	426$	425$	440$
Ag Lx — 34	–	400$	–
Ag Lx — 36	–	5 100$	5 200$
Cel Guadiana	5.400$	5.400$	5 450$
C Leiria p	–	12.500$	13 300$
C Tejo p	–	–	–
F Ramada	137$5	137$5	138$
Fornos Elect	4.000$	4.000$	–
P Celulose	–	4.510$	4.600$
Siderurgia p	–	2 900$	2.930$
Siderurgia n	3 790$	–	3.790$
Socel	6.850$	6.850$	6.880$
Cidla	–	3 150$	3 200$
C U F	559$	555$	–
Intar	–	–	1.180$
Nitratos	1.150$	1.150$	1.160$
Petroquimica	3.250$	3 240$	–
Sacor	–	1 700$	2.000$
Tab Portugal	7 550$	7.500$	7.550$
Tabaqueira	905$	902$	908$
U F Azoto	–	–	–
Empor	–	–	–
Ind Aliança	990$	990$	1.020$
I P Colón	7.100$	7.050$	7.150$
Nac Naveg	2.400$	2.350$	2.420$
Naveg (Col)	–	–	–
P Pesca	1.960$	1.960$	2.000$
R Marconi	1.265$	1.260$	1 270$
T A P	–	–	700$
Compal	–	–	–
Salvor	–	–	1.300$
T Penina	–	–	–

FUNDOS DE INVESTIMENTOS

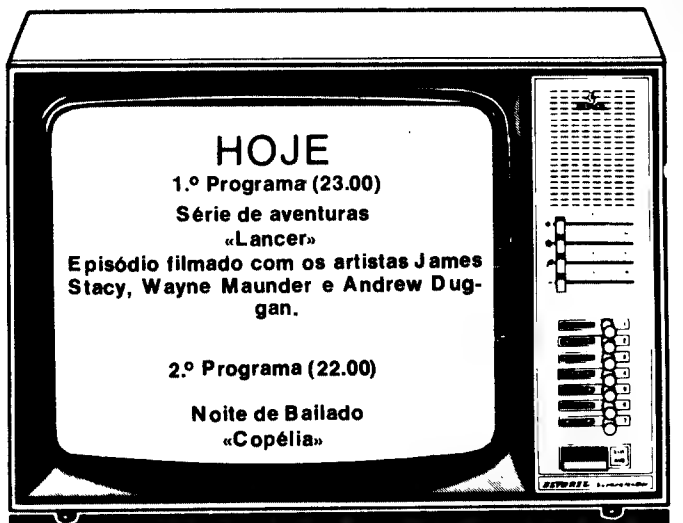
Atlântico
F I D E S

COTAÇÕES

PAISES	COMPRA	VENDA
Africa do Sul Rands	30$00	33$00
Alemanha Marco	8$35	8$65
America		
Dollars de 1 e 2	26$20	26$90
Dollars de 5 a 20	26$50	27$30
Dollars de 50 a 1000	26$60	27$40
Argentina Peso Novo		
Austria - Schiling	1$16	1$21
Belgica Franco	$60	$63
Brasil Cruzeiro	3$70	4$70
Canada Dolar	26$50	27$30
Dinamarca - Coroa	3$70	4$00
Espanha Peseta	$40,7	$42,7
França Franco	5$30	5$60
Holanda Florim	8$30	8$60
Inglaterra - Libra	70$00	72$00
Italia Lira	$04 45	$04 75
Marrocos - Dhran	5$10	5$60
Noruega Coroa	3$90	4$20
Suecia Coroa	5$45	5$75
Suiça Franco	6$93	7$18
Ouro		
Inglaterra Libra Isabel	350$00	370$00
Inglaterra 1/2 Libra	305$00	325$00
Ouro fino Barra	42$50	44$50

BANCO DO ALENTEJO
GESTAO DE CARTEIRAS DE TITULOS
TODAS AS OPERACOES BANCARIAS
Praça D. Joao da Câmara, 18 - Telef. 328045
Rua do Ouro, 52 - Telef. 30309

televisão



SIEMENS ESTORIL
O TELEVISOR DOS JOGOS OLÍMPICOS

HOJE

1.º Programa

12.45 Abertura e desenhos animados
13.00 Feminino singular
13.15 Filme de série — **«Nanny e o Professor»**
13.45 Telejornal — 1.ª edição
14.00 Conheça o Portugal desconhecido
14.15 Logo à noite

2.º Período

14.40 Ciclo Preparatório TV
19.00 TV Educativa
19.25 Filme infantil
19.30 Telejornal — 2.ª edição
19.45 Um poeta, um livro
20.00 Ponto de vista
22.05 Auditório musical
21.30 Telejornal — 3.ª edição
22.00 Reportagem do exterior
23.00 Série do Oeste «Lancer»
00.00 Telejornal - 3.ª Edição
00.10 Meditação e fecho

2.º Programa

20.30 Abertura e desenhos animados
20.40 Vária
21.00 Filme de série — «Nanny e o Professor»
21.30 Telejornal — 3.ª edição
22.00 Noite de bailado — «Copélia»
23.20 Fecho

AMANHA

1.º Programa

12.45 Abertura e desenhos animados
13.00 O caso da semana
13.15 Filme de série — «Viver no Campo»
13.45 Telejornal — 1.ª edição
14.00 Dó Lá Si
14.25 Hoje pode ver
14.40 Universidade na TV — «As Viagens dos Vikings»
15.40 TV Educativa
16.05 Série Juvenil — «Daniel Boone»
16.55 Estúdio sem marcação
17.20 Teledesporto
17.45 Série Juvenil — Lassie
18.15 Programa feminino
18.45 ... E a vida continua...
19.00 Presença do Brasil
19.30 Telejornal — 2.ª edição

19.45 Série Juvenil — Skippy
20.15 Ensaio
21.05 Se bem me lembro
21.30 Telejornal — 3.ª edição
22.00 Folhetim — A Mulher Vestida de Branco
22.30 Burt Bachard-Programa de variedades
23.30 Telejornal — últimas notícias
23.40 Meditação e fecho

2.º Programa

20.30 Abertura e desenhos animados
20.40 O caso da semana
21.00 Filme de série — «Viver no Campo»
21.30 Telejornal — 3.ª edição
22.00 Século XXI
22.30 Série dramática — Dr. Marcus Welby
23.30 Fecho.

urgência

Emergencia	115	Judiciaria	53 5380
Bombeiros	32 2222	Intoxicações	76 1176
C V P	66 5342	Aeroporto	71 1397
H de S Jose	86 0131	C R G E	53 7021
H de S Mar a	73 0231	C Aguas	36 1361
P S P	36 6141	Combo os	32 6226

Tempo

HOJE

Situação do tempo

09.00 H

Em Portugal Continental o vento era fraco de Norte e o céu estava nublado com nuvens muito elevadas.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H.

PORTO	14.º
P. DOURADAS	12.º
COIMBRA	12.º
PORTALEGRE	18.º
LISBOA	15.º
FARO	15.º
FUNCHAL	15.º

TEMPERATURAS EXTREMAS

RÉGUA
Máxima: **16.º**

PENHAS DA SAÚDE
Mínima: **5.º**

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Água do mar 13,6.º
Atmosfera 14.º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
4.13	**4,2**	9.57	**0,4 m**
16.36	**4,1 m**	22.18	**0,4 m**

Dia 15

4.59	**4,1 m**	10.38	**0,5 m**
17.20	**4,1 m**	23.02	**0,5 m**

Dia 16

5.46	**4,0 m**	11.20	**0,7 m**
18.06	**4,0 m**	23.48	**0,7 m**

PREVISÃO GERAL
ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Céu geralmente muito nublado tornando-se limpo; vento fraco de Norte.

AMANHÃ
Nascer às **7.02**
Ocaso às **20.13**

Dia 20 Dia 28 Dia 6 Dia 13

rádio

EMISSORA 1.º Programa

16.00 Noticiário — convívio, programa da juventude
17.30 Melodias de cinema
18.05 Ao encontro da melodia
18.30 Forças Armadas, programa produzido e realizado pelo Serviço de Informação Pública da Defesa Nacional
19.10 Passatempo musical
19.30 Recordar é viver, por Maria Natália Bispo
20.00 Diário sonoro
20.20 O pianista Ted Auletta
20.30 8.º episódio do folhetim «O Colar da Rainha»
20.50 O organista Ernie Bouckaert
21.00 Polaca n.º 7 em lá bemol, op. 61, de Chopin, pelo pianista Sviatoslav Richter
21.15 Transmissão do Teatro Nacional de S. Carlos, da ópera em três actos «D. Pascoal», de Donizetti
00.30 Diário sonoro
00.45 Escala na madrugada, por Pedro Moutinho
02.00 Fecho

Estereofónico-MF 1

21.00 Polaca n.º 7 em lá bemol maior, op. 61 de Chopin, pelo pianista Sviatoslav Richter
21.15 Transmissão do Teatro Nacional de S. Carlos, da ópera em três actos «D. Pascoal», de Donizetti

MF - 2

22.58 Separador
23.05 De um dia para o outro, por Fernando Correia

00.30 Diário sonoro
00.45 Escala na madrugada, por Pedro Moutinho
02.00 Fecho

RÁDIO CLUBE

16.00 C.D.C
18.00/21.00 Programa Movimento
21.03 Portugal além da Europa
21.15 Música para meditar
21.32 Impacto
22.30 Quando o telefone toca
23.05 Grande roda
00.02 P.B.X.
2.00 A noite é nossa
06.00 Diário rural
07.00 Talismã

MF

16.04 C.D.C.
17.57 O nosso programa
19.04 Vertice
21.00 Noticiário
21.02 Boa noite em FM
22.00 Noticiário
22.02 Porgrama à gô-gô
0.02 Em órbita-dois
01.02 Banda sonora
02.00 Perspectiva
03.00 Fecho

Miramar

16.00 C D C.
18.00 Depois do chá
18.30 Ela e o seu mundo
18.45 Matinée teatral
19.03 Miscelânea
19.17 Conjunto
19.30 Estudio 64
20.10 Norte dia a dia
21.05 Só-rádio
21.45 Mensageiro do Evangelho
22.02 Em destaque

22.15 Novas de alegria
22.30 Variedades
23.04 Clube da juventude

RÁDIO RENASCENÇA

16.00 Radiorama
18.00 Orquestras
18.30 Terço e benção da Basílica dos Mártires
19.05 A vida é uma coisa maravilhosa
19.30 Página 1
20.58 Meditando
21.02 Porgrama dos sócios
22.00 Quando o telefone toca
22.30 Pentagrama
22.45 Só música
23.00 A 23.ª hora

Porto

16.00 Radiorama
18.00 Tangos
18.30 Terço e benção da Basílica dos Mártires em Lisboa
19.05 A vida é uma coisa maravilhosa
19.30 Página 1
20.58 Meditando
21.02 Os novos emissores em marcha
22.00 Auditório
23.00 A 23.ª hora

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA

RÁDIO GRAÇA
Das 6 00 às 10.00 e das 14.30 às 17 00
RÁDIO PENINSULAR
Das 10 00 às 12.00 e das 19.30 às 22.00
C. RADIOFÓNICO PORTUGAL
Das 12 00 às 14.30
RÁDIO VOZ DE LISBOA
Das 17 00 às 19.30 e das 22 00 às 2.00

farmácias de serviço

LISBOA

AJUDA
Mendes Gomes, Calçada da Ajuda, 222 (Tel. 638256); **Tapada**, Calçada da Tapada 83-A (Tel. 634721)-

ALCÂNTARA
Ester Nogueira, R. de Alcântara, 5-A (Tel. 637563).

ALFAMA
Cruz de Malta, Largo do Chafariz de Dentro, 36 (tel 866126)

ALMIRANTE REIS
Lusa, Av. Almirante Reis, 199-A (Tel 41269)

ALTO DE S. JOÃO
Dalton, Av. Mouzinho de Albuquerque, 7 (tel. 843571)

AMOREIRAS
Amoreiras, Praça das Aguas Livres, 8-D (Tel. 681515)

ALVALADE
Nova Iorque, Av. Estados Unidos da América, 140-B (Tel. 760658); **Líbia**, Av. da Igreja, 4-B (Tel. 711681); **Celta**, Rua Moura Girão, 3-B (Tel. 710621); **Marbel**, Av. de Roma, 131-A (Tel. 776235)

ANJOS
Magalhães, Av. Almirante Reis, 4-D (Tel. 49479)

ARCO DO CEGO
Providência, Rua D. Filipa de Vilhena, 9-C (Tel. 770324)

AREEIRO
Lusitânia, Av. de Roma, 18-A (Tel. 725443); **Chinde**, Rua Agostinho Lourenço, 6-B (Tel. 710331).

AVENIDA DA LIBERDADE
Morais Sarmento, Rua de Santa Marta, 16-A/B (ao Tivoli) (Tel. 46490)

AVENIDAS NOVAS
Lungenit, Av. da República, 55 (Tel. 772132) **Sá da Bandeira**, Rua Marquês Sá da Bandeira, 42 (Tel. 54672)

BAIRRO ACTORES
Lusa, Av Almirante Reis, 199-A (Tel. 41269)

BAIRRO ALTO
Andrade, Rua do Alecrim, 125 (Tel 823446 - 370685)

BAIRRO DA ENCARNAÇÃO
Zira, Praça das Casas Novas, lote 66 (Tel. 310172)

BAIRRO DA LIBERDADE
Zenal, Rua A. 182 (Tel. 651840).

BAIXA
Simões Pires, Rua da Prata, 115 (Tel. 362350)

BELÉM
Botânica, Rua da Junqueira, 38 (tel. 638132)

BENFICA
Macedo, Estrada do Poço do Chão, 69-C (Tel. 703697); **Benfiluz**, Estrada de Benfica, 444 (Tel. 782606)

CAMPOLIDE
Nova, R. de Campolide, 297-C (Tel. 687475); **Ronil**, Rua Rodrigo da Fonseca, 153 (Tel. 683438)

CAMPO DE OURIQUE
Findor, R. D. Maria Pia, 514 (Tel. 687949); **Linaide**, R. Ferreira Borges, 30 (Tel. 660955)

CASTELO
Santa Luzia, R. da Saudade, 2-A (Tel. 869831)

CHIADO
Andrade, Rua do Alecrim, 125 (Tel. 323446).

CONDE BARÃO
Marcos do Nascimento, Calçada Marquês de Abrantes, 36-A (Tel. 664238)

ENTRECAMPOS
Nova Iorque, Av. Estados Unidos da América, 140-B (Tel. 760658)

ESTEFÂNIA
Morgado Lourenço, Largo de D. Estefânia, 4 (Tel. 54808); **Romano Baptista**, Rua Passos Manuel, 6-10 (Tel. 50593)

ESTRADA DA DAMAIA
Progresso, Estrada A-da-Maia, 64-C (Tel. 702226)

ESTRELA
Linaide, Rua Ferreira Borges, 30 (Tel. 6609955)

GRAÇA
ALmeida Dias, Largo da Graça, 38-A (Tel. 862909); **Higiénica**, Rua Heliodoro Salgado, 20-A (Tel. 844361)

GRILO
Madre de Deus, Rua da Margem, 15-B (Tel. 382470)

JUNQUEIRA
Botânica, Rua da Junqueira, 38 (Tel. 638132)

LAPA
Alb. R. da Santana, 156 (Tel. 663562); **E. Silva, Filhos**, R. S. João da Mata, 74 (Tel. 661010)

LUMIAR
Paluleia, Rua do Lumiar, 120 (Tel. 790332); **Douro**, Av. das Linhas de Torres, 93-A (Tel. 791131)

MADRE DE DEUS
Madre de Deus, R. da Margem, 15-B (Tel. 382470)

MOURARIA
Ferrão, R. da Mouraria, 12 (Tel. 860464)

OLIVAIS
Simão, R. Cidade de Cabinda, 16-A (jumto à piscina) (Tel. 310581)

PEDROUÇOS
Higilux, Rua de Pedrouços, 52 (Tel. 610280)

PENHA DE FRANÇA
Higiénica, Rua Heliodoro Salgado, 20 - A (Tel. 844361) **Zema**, R. General Justiano Padrel, 21-A (à Calçada dos Barbadinhos) (Tel. 832580)

PICHELEIRA
Marluz, Calçada da Picheleira, 140-B (Tel. 720703-728395)

SANTA MARTA
Morais Sarmento, Rua de Santa Marta, 16 A/B (ao Tivoli) (Tel. 46490)

S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA
Oliveira Viegas, R. do Viriato, 29-A (Tls. 48966-553601)

SETE RIOS
Canto, Estrada das Larangeiras 202-B (Tel. 780841)

SOCORRO
Ferrão, R. da Mouraria, 12 (Tel. 860464)

LINHA DE CASCAIS

ALGES
Combatentes, Av. Comb. G. Guerra, 166 (Telef. 213953)

CAXIAS
Nova, Rua Bernardim Ribeiro, 1-A (Telef. 242839)

PAÇO DE ARCOS
Godinho da Silva, Av. Patrão Lopes, 4 (Telef. 2432039

OEIRAS
Central, R. João Teixeira Simões, 18 (Telef. 2430058)

PAREDE
Brandão, Av. da República, 77-C (Telef. 2471054)

S. PEDRO DO ESTORIL
S. Pedro, (Telef. 263052)

MONTE ESTORIL
Lopes, R. Hangar, 3 (Telef. 260008)

CASCAIS
Marginal, Av. Marginal (Telef. 280078)
A. Costa, R. Freitas Reis, 24-C (Telef. 280214)

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Dias, Av. Marquês de Pombal, Lote 9 (Telef. 934589) **Campos**, R Elias Garcia, 185 (Telef. 933303)
Clabel, R. António Sardinha, 23-D (Telef. 938551)

DAMAIA
Confiança, Est. Militar, Lote D (Telef. 9710231)

VENDA NOVA
Girassol,

QUELUZ
Gil, Av. Miguel Bombarda, 28 (Telef. 950117)
Simões Lopes, Av. Elias Garcia,51 (Telef. 950123)

CACÉM
Central, R. Elias Garcia, 55 (Telef. 2940034)

MEM MARTINS
Química, Est. de Mem Martins, 285 (Telef. 2910012)

S. PEDRO DE SINTRA
Valentim, (Telef. 980456)

SINTRA
Simões, R. Heliodoro Salgado, 26 (Telef. 980832)

COLARES
Abreja, (Telef. 299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Gameiro, L. António dos Santos Jorge, 15 (Telef. 234100)

ALHOS VEDROS
Gusmão, R. Cândido dos Reis, 30 (Telef. 224020)

ALMADA
Castro Rodrigues, R. Capitão Leitão, 21-A (Telef. 270076)

BAIXA DA BANHEIRA
Aliança, Est. Nacional, 174 (Tel. 224302)

BARREIRO
Santa Marta, R. Dr. Pacheco Nobre, 44-B (Telef. 2272141)

COVA DA PIEDADE
Império, R. Cabo da Boa Esperança, 31-A (Telefone274356).

MOITA
Silva Rocha, P. da República, 16 (Telef. 239029(

MONTIJO
Higiene, R. José Joaquim Marques, 142 (Telef. 230370)

SESIMBRA
Leão, Av. Salazar (Telef. 229471)

SETUBAL
Rosado Pinto, P. do Bocage (Telef. 22484)
Nova, R. General Gomes Freire (Telef. 22052)

SEIXAL
Soromenho, R. Paiva Coelho, 38 (Telef. 2218560)

PORTO

SUB-TURNO A

Almeida Cunha, Lda, Rua Formosa, 327; **Pereiró (de)** Rua da Preciosa, 35; **Sampaio**, Rua de Cedofeita, 636; **Saúde**, Av. Comb. G. Guerra, 689; **Vaz Teixeira, Sucra.** Rua do Heroísmo, 56

SUB-TURNO B

Birra, Praça da Liberdade, 125; **Costa Lima**, Av. da Boavista, 855; **Marques de Mendonça**, Rua do Ameal, 251; **Monte Cativo**, Rua do Monte Cativo, 444; **São Jerónimo**, Rua Santos Pousada, 622

COIMBRA

M. Nazaré, Av. João das Regras, 132 (tel. 23033); **Figueiredo**, Rua da Sofia, 107 - 109 (tel. 22837); **Correia**, Rua Visconde da Luz, 46 (tel. 22834).

cinemas

S. JORGE (Tel. 5453)
15.15-18.15-21.30
(Grupo D-18 anos 3.ª semana Sidney Poitier em «A ORGANIZAÇÃO» um filme espectacular

LYZ (Tel. 48560)
15.00 - 21.00
(Grupo C - 14 anos)
James Mason e Susan George em «DUAS GERAÇÕES» em complemento «A TULIPA NEGRA» com Alain Delon e Virna Lisi. Sábado e Domingo 3 espectáculos.

ESTÚDIO 444 (Tel. 779095)
15.30 - 18.30 - 21.45
(Grupo B - 10 anos) 2.ª semana «A MANTA VERMELHA» com Oleg Vidove e Gitte Haenning

SATÉLITE (Tel. 562632)
15.30 - 18.30 - 21.45
(Grupo D - 18 anos) 2.ª Semana «PARIS VISTO POR... «com Erich Rohmer, Claude Chabrol Jan-Lue Godard, Jean-Daniel Pollet, Jean Rouch e Jean Douchet

ODEON (Tel. 326283)
15.15-18.15 e 21.30
Grupo C (14 anos)
9.ª Semana
NAO DESEJARAS O DELICADINHO DO 5.º com Alfredo Canda, Jean Borel, Ira de Fustenberg e Isabel Garcês

ROYAL (Tel. 885037)
15.00 - 21.00
(Grupo D - 17 anos)
«DJANGO ATIRA PRIMEIRO» com Colenn Saxon e «OS MAUS TAMBÉM AMAM» com Hardy Kruger

IMPERIAL (Tel. 821933)
15.00 - 21.00
(Grupo D - 18 anos)
Jean Yanne e Senta Berger em «O SALTO DO ANJO» e em complemento «O MUNDO MULHER». Domingo às 18.30 h. espectáculo infantil

IMPÉRIO (Tel. 555134/5)
15.15 - 21.30
(Grupo D - 18 anos)
«A DÉCADA PRODIGIOSA» com Orson Welles, Marlène Jobert, Michel Piccoli e Anthony Perkins. Hoje às 18.30 (10 anos) com Frank Sinatra e Virna Lisi «ASSALTO AO QUEEN MARY»

ROMA (Tel. 727778)
21.45
Estreia (Grupo D - 18 anos)
«BULEVAR DO RUM» com Brigitte Bardot e Lino Ventura Às 15.15 - Últimas de «AQUELA SEXTA-FEIRA» (M. 14 anos)

BERNA (Tel. 776098)
15.15 e 21.00
(Grupo B - 10 anos) 3.ª semana «OS DEZ MANDAMENTOS» uma realização de Cecil B. de Mille no maior e mais sensacional filme de todos os tempos com Charlton Heston e Yul Brynner.

CONDES (Tel. 322523)
14.00 - 16.30 - 19.00 - 21.45
(Grupo B - 10 anos)
«OS PIRATAS DO ARQUIPÉLAGO» com Kirk Douglas Yul Bryner e Samanta Eggar.

MONUMENTAL (Tel. 555131)
15.15 - 21.30
(Grupo D - 18 anos)
«A NOITE FEZ-SE PARA AMAR» com Warren Beatty e Julie Christie.
QUINZENAS DO BOM CINEMA. Hoje às 18.30 (Adultos) «MOMENTO DE MORRER» c/ Bruno Cremer e Ana Karina

LONDRES (Tel. 730579)
14.15-16.30-18.45-21.45
«TRISTANA» com Catherine Deneuve, Fernando Rey e Franco Nero na obra-prima de BUÑUEL.
Cinema-Snack-bar-Pub «The Flag»
Faça três coisas num sitio só.

LIDO
21.30
(Grupo D-18 anos)
«CAÇA AO HOMEM» com Oliver Reed e Candice Bergen
«VOCÉ SERIA CAPAZ DE UM TAL SACRIFÍCIO?». Um assunto sério tratado num «FILME SÓ PARA RIR»

ROMA (Tel. 727778)
15.30 - 21.45
(Grupo C-14 anos)
«AQUELA SEXTA-FEIRA...! «com Ursula Andress e Stanley Baker.

ESTÚDIO (Tel. 555134/5
15.30 - 18.30 - 21.45
(Grupo C-14 anos)
«UMA ABELHA NA CHUVA» com Laura Soveral, João Guedes e Zita Duarte.

POLITEAMA (Tel. 326305)
15.15 - 18.15 - 21.45
(Grupo D - 18 anos)
8.ª Semana triunfal
com Renato Rascel, G. Granata e G. Giuffré «A TRANSPLANTAÇÃO»
Hoje às 0.30 (Adultos)
«A MALDIÇÃO DE FRANKENSTEIN». Amanhã «O BEIJO DO VAMPIRO». Domingo às 11 h. (6 anos) «CHARLIE SNOOPY»

EUROPA (Tel. 661016)
15.15 - 21.30
(Grupo D - 18 anos)
6.ª semana «O GOLPE» com Jean Paul Belmondo e Omar Shariff.
Sábado e Domingo às 18.15 (6 anos) «OS CONTOS DE BEATRIX POTTER»

TIVOLI (Tel. 50595)
15.15 - 18.30 - 21.45
(Grupo D - 18 anos) 2.ª Semana «CASA NOVA 70». Realização de Mário Monicelli com a interpretação de Marcello Mastroiani e Virna Lisi (um filme cheio de riso e malícia).

VOX (Tel. 720808)
15,15 - 18,30 - 21,45
(Grupo C - 14 anos) 3.ª Semana «O RECADO» O drama de uma geração com Maria Cabral e José Viana

EDEN (Tel. 320768)
15.00-18.15-21.30
(Grupo B-10 anos) 2.ª Semana «PEDRO O PESCADOR Um Tema bíblico cheio de verdade, coragem e grandeza com Howard Keel e Herbert Lom

CASINO ESTORIL (Tel. 264945)
17.00-21.30
(Grupo D-18 anos)
«ANÓNIMO VENEZIANO» com Florinda Bolkan e Tony Musante

AVIZ (Tel. 47173)
15.30 - 21.45
(Grupo B - 10 anos). 11.ª Semana.
O Western do ano «TRINITA-COW-BOY INSOLENTE com Terence Hill e Bud Spencer, em Color-Scope

MUNDIAL (Tel. 538743)
15.15-18.30-21.45
(Grupo C - 14 anos)
«O SOLITARIO DO RIO GRANDE» com Gregori Peck e Pat Quinn, no último Western de Henry Hathaway

APOLO 70 (Tel. 763319)
14.30 - 16.45 - 19.00 - 21.45
(Grupo D-18 anos 2.ª semana O último filme de Milos Forman «TAKING OFF» (os amores de uma adolescente). Hoje às 0.30 (Adultos)
«UM TIRO ÀS ESCURAS» c/ Peter Sellers

ALVALADE (Tel. 717480)
15.15-21.30
(Grupo C - 14 anos) 2.ª Semana «A SOLTEIRONA» com Annie Girardot e Philippe Noiret. Hoje às 18.30 (6 anos) Espectáculo de apresentação à Imprensa de «QUINTETO STATUS»

outros espectáculos

LISBOA/Teatros

MONUMENTAL
20.45 - 23.00 (18 anos)
«Uma cama para toda a gente»

VARIEDADES
20.45 e 23.00 (18 anos)
«Empresta-me o teu apartamento»

LAURA ALVES
21.45 - 18 anos
«Quem tem medo de Virginia Woolf»

CAPITÓLIO
20.45 e 23. (18 anos)
«Ora bolas pró pagode!»

VILLARET
21 e 23 (18 anos)
«Tartufo»

A.B.C.
20.45 - 23.00 (18 anos)
«Viva a Pandilha»...

MARIA VITÓRIA
20.45 - 23.00 (18 anos)
«Pronto a despir»

VASCO SANTANA
21.45 - 18 anos
«LAR»

CASA DA COMÉDIA
22.00 (18 anos)
«Dança da morte em doze assaltos»

TRINDADE
21.45-18 anos
«A Gaivota»

S. CARLOS
21.45 (14 anos)
Ópera

LISBOA/Cinemas

RESTELO
21.30 (18 anos)
«Vejo tudo nu»

CINEARTE
21.00 (14 anos)
«Sem um adeus»

PARIS
21.30 (18 anos)
«Vejo tudo nu»

PROMOTORA
21.00 (18 anos)
«Uma mulher meiga»

JARDIM
21.00 (18 anos)
«Tentação»

MAYER
21.00 (18 anos)
«A Louca de Chaillot»

OLÍMPIA
21.00 (18 anos0
«A máscara da morte vermelha»

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Stadium
21.30 (14 anos)
«Círculo Vermelho»

ESTORIL
Casino
17.00 - 21.30 (18 anos)
«Anónimo Veneziano»
Palácio
21.30 (17 anos)
«Os rapazes de Penelope»

CASCAIS
S. José
21.30 (18 anos)
«Duas mulheres... um destino»

LINHA DE SINTRA

DAMAIA
D. João V
21.30 (18 anos)
«O Estranho Jonh Kane»

AMADORA
Recreios Desportivos
21.15 (18 anos)
«A faca na água»

SINTRA
Carlos Manuel
21.30 (10 anos)
«Trinitá cow-boy insolente»

OUTRA BANDA

ALMADA
Incrível
21.15 (18 anos)
«O Imoral»

LARANJEIRO
Instrução e Recreio
21.30 (10 anos)
«O Magnífico aventureiro»

PORTO/Teatros

ANTONIO PEDRO
21.45 (18 anos)
«A Casa de Bernarda Alba»

SÁ DA BANDEIRA
21.30 18 anos
«Querida mamã»

PORTO/Cinemas

ÁGUIA D'OURO
21.30 (10 anos)
«OS DEZ MANDAMENTOS»

S. JOÃO
21.30 (18 anos)
«Vejo tudo nu»

PASSOS MANUEL
21.00 (18 anos)
«O General Della Rovere»

VALE FORMOSO
21.30 (18 anos)
«A Amante»

BATALHA
21.30 (18 anos)
«Adeus Columbus»

TRINDADE
21.30 (M. 18 anos)
«A viúva Couderc»

RIVOLI
21.30 (18 anos)
«Get Carter»

OLÍMPIA
21.30 (18 anos)
«Morre monstro, morre»

COLISEU
21.30 14 anos)
«Não desejarás o delicadinho do 5.º»

ESTÚDIO
21.30 (18 anos)
«Remorso»

CARLOS ALBERTO
21.30 (10 anos)
«A Ira dos Deuses» e «Comissário em acção em Seitão

COIMBRA

GIL VICENTE — Restaurante
21.30 (18 anos) serviço
«Bandeirantes S. Tomé, Lisboa. Tele

AVENIDA
21.30 (18 anos)
«Os Incorruptíveis contra a droga»

TIVOLI
21.30 (14 anos)
«Uma coisa à sombra das árvores»

LEIRIA/cinemas

TEATRO JOSÉ LUCIO DA SILVA
21.30 (10 anos)
«Vê se te avias»

BARS BOITES restaurantes DANCINGS

ARREDA — Fado amador, oiça e cante o fado no Arreda. Elenco: José Pracana, José Manuel Osório, D. Vicente da Câmara e eventuais clientes. Tocam: Carlos Gonçalves, José Pracana e José Inácio. Encerra às 3.as feiras. Consumo mínimo: 62$00 (taxa incl.) **Rua Alexandre Herculano, 3, Cascais. Telef. 263864.**

CASINO ESTORIL — Jogo autorizado. Variedades internacionais. **Telefones 26451, 264526, 264596, 264621 e 264946.**

TERRAÇO DAS ESTRELAS (HOTEL EMBAIXADOR) — Conjunto Oliver). **Av. Duque de Loulé, 73. Telef. 530171.**

ADEGA MESQUITA
Cantam: Fernanda Pinto, Natalina Bilarno, Alcindo Carvalho e Filipe Duarte. Tocam: António Luís Gomes e António Proença. Danças Regionais por conjunto privativo. Consumo mínimo 60$00. Encerra ao domingo. **Rua Diário de Notícias, 107, Telef. 326307.**

«PORTAS DO SOL» — Restaurante-Bar. Almoços e Jantares e serviço de bar permanente. **Rua S. Tomé, 86. ABC, Alfama, Lisboa. Telef. 861633.**

TAMILA — Marão e s/conjunto «Matinées» todos os dias. Encerra aos domingos. **Avenida Duque de Loulé, 69. Telef. 534117.**

ADEGA MACHADO Cantam: Ivete Pessoa, Esmeralda Amoedo, Tina Ferreira, Fernando Maurício. Fados de Coimbra por Loubet Bravo. Os Arautos. Tocam: Liberto Conde, Rafael Marques e José Vilela. Fandangos pelo Grupo Típico de Vila Franca de Xira.

CASEBRE — Cantam: Carlos Barra, Julieta Brigue Zélia Lopes e Maria Jô-Jô. Tocam: Jorge Fontes e Júlio Gomes. Os Cinco Típicos de Vila Franca de Xira. Encerra aos domingos. **R. da Barroca, 133. Tel. 359760.**

HIPOPÓTAMO — Com Helder Reis. Encerra aos domingos. **Av. António Augusto de Aguiar, 5-A. Telef. 48384.**

O «DIÁRIO DE LISBOA» VENDE-SE NO PORTO

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Rotunda da Boavista, Carvalhido, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas (a partir das 19 e 30) e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras (a partir das 20 horas).

DL
RENASCENÇA GRAFICA S A R L
PROPRIETÁRIA DO
DIÁRIO DE LISBOA
ADMINISTRAÇÃO GERAL
REDACÇÃO E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO, 185-1 º2,ºE-4 º
TELEF 654531/2-3-4
SERVIÇOS TECNICOS
RUA LUZ SORIANO, 44
RUA DA ROSA, 57
END TEL DIBOA TELEX 1363
LISBOA-PORTUGAL

ESTE INSÓLITO MUNDO

Cepticismo...

Severino Salvino da Silva, proprietário de um pequeno estabelecimento de Caruaruno, no Recife (Brasil), declarou aos jornalistas ter tirado o seu filho, de oito anos, da escola, porque lhe ensinaram que o homem chegara à Lua.

Actualmente está a restabelecer-se no hospital, pois caíu clarou Severino, em cuja opinião as viagens espaciais são apenas invenção dos jornais «e dos professores que não acreditam em Deus».

A brincadeira correu mal

David Hutchinson, do Wisconsin, estava muito bem disposto e por isso resolveu entrar na taberna habitual e pregar uma partida aos amigos, imitando o silvo de uma serpente. Um dos presentes, porém, ficou tão assustado que disparou na direcção do barulhò. Como resultado da brincadeira de mau gosto, David Hutchinson foi alvejado com um tiro no braço direito.

COMPANHIAS REUNIDAS GÁS E ELECTRICIDADE

AVISO AOS CONSUMIDORES

Trabalhos inadiáveis, para a boa conservação das redes, obrigam-nos a interromper, durante algumas horas, o fornecimento de energia eléctrica, no próximo Domingo, nos seguintes Sectores e Zonas:

2.º Sector — **Concelho de Lisboa**: Bairro de Caselas (todo). (Das 8 às 12 horas).

5.º e 6.º — Sector — **Concelho de Lisboa**: 1.º do Corpo Santo de 10 a 13 e Igreja, Posto Médico e Casa do Marinheiro do Arsenal da Marinha. (Das 8 às 12).

6.º — Sector — **Concelho de Lisboa**: Rua Augusta de 255 a 291. (Das 8 às 12 horas).

6.º — Sector — Rua Barros Queirós de 2 a 66. (Das 8 às 12 horas).

8.º — Sector — Av. Almirante Reis de 90 a 106-D. (Das 8 às 12 horas).

8.º — Sector — Av. Almirante Reis de 87 a 105. (Das 8 às 12 horas).

10.º — Sector — Estrada Paço do Lumiar (parte), Az.ª Jogo da Bola, Az.ª Torre do Fato (parte) e imediações. (Das 8 às 12 horas).

1.ª — Zona — **Concelho de Oeiras: BURACA:** Estrada de Alfragide e imediações. (Das 8 às 14 horas).

2.ª — Zona — **PORCALHOTA-AMADORA:** Av. Elias Garcia nas imediações da Estrada da Falagueira e zona circunvizinha. (Das 8 às 14 horas).

3.ª — Zona — **Concelho de Sintra**: Galamares. (Das 8 às 14 horas).

4.ª — Zona — **ALGUEIRÃO:** Rua Leal da Câmara, Av. D. Afonso Henriques e imediações. (Das 8 às 14 horas).

5.ª — Zona — **PERO PINHEIRO:** Parte norte de Pero Pinheiro. (Das 8 às 14).

6.ª — Zona — Ral. (Das 8 às 14 horas).

7.ª — Zona — A-da-Beja, Presa, Moínhos da Funcheira. (Das 8 às 14 horas).

8.ª — Zona — **Casais de** Mem Martins, Mercês a sul do Caminho de Ferro. (Das 8 às 14 horas).

9.ª — Zona — **Concelho de Mafra:** Encarnação, Rodo, Barril. (Das 7 ás 15 horas).

10.ª — Zona — **MAFRA:** Rua Olivença, Est.ª de Gorcinhos, Bairro Capitão João Lopes, Bairro Arquitecto Ludovice, Rua Machado de Castro, Est.ª Nacional. (Das 7 às 15 horas).

11.ª — Zona — **MAFRA:** Rua Ilha da Madeira e imediações. (Das 7 às 15 horas).

12.ª — Zona — **VENDA DO PINHEIRO:** Av. Dr. Oliveira Salazar, Rua do Pinhal Manso, Rua do Moínho Velho, Av. Dr. Osório Vaz, Rua do Roseiral do Monte e imediações. (Das 7 às 15 horas).

13.ª — Zona — Fonte Boa dos Nabos, St.º Isidoro, Ribamar. (Das 7 às 15 horas).

14.ª — Zona — **Concelho de Cascais**: Abuxarda (Pai do Vento); **CASCAIS:** (Rua Marquês de Soveral, Rua Gaspar Pinto, Rua D. Luís da Cunha, Av. de Sintra, Rua Professor Fleming, Av. Marechal Carmona); **CASCAIS:** Bairro São José (Rua de São Mateus, Rua de São Tiago e imediações); **CASCAIS:** Bairro Marechal Carmona (Rua João Gaspar, Rua Eng. José Frederico Ulrich, Rua Dr. Oliveira Salazar e imediações); **CASCAIS:** Fontainhas (Rua Cabo Joaquim Rebelo, Rua Soldado José Esteves, Rua Soldado António Alves, Rua das Fontainhas, Rua Capitão Rui Vilar, Rua Furriel João Vieira, Rua de São José, Rua de Alvide e imediações). (Das 8 às 14 horas).

15.ª — Zona — **CASCAIS;** Cidadela, Est.ª da Boca do Inferno, Av. Vasco da Gama, Est.ª da Guia (lado poente) e imediações. (Das 9 às 14 horas).

16.ª — Zona — **MURTAL**: Rua Dr. Carlos Amaro, Bairro do Penedo, Est.ª da Madorna para o Penedo, Mato Largo e imediações. (Das 8 às 14 horas).

17.ª — Zona — **Concelho de Vila Franca: VILA FRANCA DE XIRA:** Rua Palha Blanco (parte), Rua Bombeiros Voluntários, Av. Pedro Vítor (parte), Rua Alegrete (parte), L.º Afonso de Albuquerque, Rua Almirante Cândido dos Reis (parte), Rua Heróis da Guerra Peninsular, Rua Serpa Pinto (parte), Rua do Hospital (parte), L.º do Cerrado, Cd.ª da Barroca e imediações. (Das 8 às 14 horas).

18.ª — Zona — **Concelho de Vila Franca.** Rua Principal de Povos. (Das 8 às 14 horas).

19.ª — Zona — **VILA FRANCA:** Bairro da Mata, Bairro Quinta do Paraíso, Alhandra-Vila, Alhandra-Quinta de Santo António. (Das 8 às 10 horas).

20.ª — Zona — Casal da Coxa, Rádio Farol, Quintas, Quinta do Moma, Proverba Cachoeiras. (Das 8 às 12 horas).

21.ª — Zona — **Concelho de Arruda dos Vinhos**: Linhó, Cardosa, Quinta Serra. (Das 8 às 12 horas).

22.ª — Zona — **Concelho de Alenquer**: Cadafais, Santana da Carnota, Canhestro e Antas. (Das 8 às 12 horas).

23.ª — Zona — Aldeia Galega da Merceana. (Das 8 às 14 horas).

A Comissão da O.N.U. e a Guiné

Continuação da primeira página

nakry, prosseguiu a rádio, a Comissão pediu a todos os Estados, instituições especializadas e outros organismos da ONU para reconhecerem e darem apoio aos povos desses territórios por intermédio do PAIGS.

Solicitou, também, a esses Estados para darem a esses povos «todo o auxílio moral e material que necessitem para continuarem a sua luta com o fim de recuperarem o direito inalienável à autodeterminação e à independência e para manterem o secretário-geral informado da acção concreta que seguirão ou considerarão assumir para aplicação da moção».

PEDIDO DE RETIRADA

A resolução pedia ainda a Portugal para «acabar com os actos de repressão contra os povos da Guiné, Bissau e Cabo Verde e de retirar imediatamente todas as suas forças desses territórios».

Um grupo de 33 membros da comissão afirma ter visitado na semana passada território controlado pelo PAIGC na Guiné Portuguesa, mas funcionários portugueses desmentiram que o grupo tivesse entrado no território.

A moção «condena Portugal pelo seu recurso generalizado e brutal à força militar, numa tentativa para impedir a missão especial de cumprir a sua tarefa e pelas perdas sofridas pela população civil e pela destruição de hospitais, escolas e aldeias em contradição com preceitos morais».

A comissão resolveu transmitir urgentemente o relatório da missão especial ao secretário-geral da ONU, Kurt Waldheim, juntamente com declarações de membros do PAIGC, incluindo o secretário-geral desse Partido, Amilcar Cabral.

A comissão afirmou ainda que alguns aliados de Portugal na NATO continuavam a fornecer a esse país auxílio militar «sem o qual Portugal não podia continuar com a sua política de domínio colonial e de agressão contra os povos da Guiné, Bissau e de Cabo Verde.»

Exprimiu satisfação pelo «progresso feito pelo PAIGC na sua luta de libertação e na reconstrução das zonas já libertadas».

UM LUGAR NA AGÊNCIA DAS NAÇÕES UNIDAS

NAÇÕES UNIDAS (Nova Iorque), 13 — Nacionalistas africanos controlam a Guiné Portuguesa e as Nações Unidas, por conseguinte, devem conceder o lugar de membro a esse território nas suas agências especializadas, segundo declarou o delegado indiano que faz parte da comissão especial sobre colonialismo durante as suas reuniões em Conakry — conforme anunciaram hoje as Nações Unidas da capital da República da Guiné.

Um sumário das conclusões processuais foi publicado nas Nações Unidas com base nas informações das entidades que acompanham a comissão, formada por delegados de 24 países, e nessas informações citava-se o delegado indiano Barakat Ahmed como tendo declarado que uma missão especial enviada pelas Nações Unidas à Guiné Portuguesa tinha estabelecido concludentemente que o Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC) está no control efectivo do território.

A delegação portuguesa na organização mundial tem desmentido veementemente que a missão, formada por cinco delegados, tenha alguma vez penetrado no território da Guiné Portuguesa, desmentido também que qualquer parcela da Guiné Portuguesa esteja sob controle africano. As Nações Unidas todavia declinaram deixar-se arrastar para a controvérsia.

O relatório de hoje dizia ainda que Chang Yung Kuan, o delegado chinês, inaugurou o debate geral sobre os territórios africanos governados pelos portugueses e condenou a política de Portugal que, segundo disse, «está a ser apoiada pelo imperialismo britânico e americano». O delegado Chang pediu com urgência a adopção de embargos de armas contra Portugal e a África do Sul.

LEI ANTI-TRUST CONTRA A TELEVISÃO AMERICANA

WASHINGTON, 14 — (FP) — O Departamento americano da Justiça anunciou ontem à atrde que iria processar, por violação da lei anti-trust, as três cadeias nacionais de televisão, a NBC (National Broadcasting Company), a CBS (Columbia Broadcasting System) e a ABC (American Broadcasting Company) e ainda uma empresa de Nova York de televisão por cabos, a Viacom International.

Num breve comunicado, o Departamento da Justiça anuncia que estas companhias serão processadas por monopólio, violação da lei Sherman, uma das leis anti-trust dos Estados Unidos, e pelas suas práticas na distribuição dos programas pelos produtores nas horas de maior assistência.

O presidente da CBS, Robert Wood, declarou já que «a posição do Departamento da Justiça é que não estava nem conforme com a legislação anti-trust nem com o interesse do público». Segundo ele a administração pretende transferir para as agências de publicidade e para os produtores de filmes ocontroledascadeiasdetelevisão, e impedir que estas produzam por si próprias os diversos programas e so filmas.

Wood salientou que a actual legislação dos programas de televisão foi elaborada pela comissão federal de comunicações com o apoio do Departamento de Justiça, após 11 anos de inquéritos e debates.

Edgar de Carvalho

Faz quatro anos que morreu repentinamente, o nosso estimado camarada Edgar de Carvalho, jornalista brilhante e de largos recursos, que, pelo valor do seu dedicado e honesto trabalho, ascendera à subchefia da redacção do «Diário de Lisboa», onde perdura bem viva a sua memória como a de um companheiro de talento e de grande camaradagem. Tinha a mais nobre noção da solidariedade, lealíssimo e efectivamente dedicado às suas inalteráveis amizades. Deixou-nos muita saudade, uma grande saudade, o admirável Edgar de Carvalho, que nesta casa ninguém esquece.

TEM PRÉDIO?
TEM CARRO?
ENTÃO TEM DINHEIRO
CONSULTE JÁ A
ORCOSI
Telfs. 367444/323172
Rua 1.º de Dezembro, 45

TERMAS DE MONFORTINHO
ABERTAS DE 15 DE ABRIL A 15 DE NOVEMBRO
DIRECTOR CLÍNICO: DR. SERAFIM CORREIA PINTO DE GUIMARÃES
MAGNÍFICA ESTÂNCIA DE REPOUSO E TRATAMENTO
CLIMA SEDATIVO DE MÉDIA ALTITUDE
● DOENÇAS DE FÍGADO E VIAS BILIARES
● DA PELE E MUCOSAS COLITES ATÓNICAS E ESPÁSTICAS
● DO FORO GINECOLÓGICO LITÍASE RENAL E REUMATISMO POR EXCESSO DE ÁCIDO ÚRICO

JUNTA DE TURISMO DE MONFORTINHO - TELEFONE 23
HOTEIS DE 1ª CLASSE E PENSÕES DE TODAS AS CLASSES
PISCINA · CAMPO DE TIRO · BARRAGEM DE PESCA · TÉNIS · CAÇA

DL Últimas

GUERRILHEIROS ATACAM NO ULSTER

LONDONDERRY, 14 (R) — Uma tremenda explosão abalou esta cidade às primeiras horas de hoje, quando guerrilheiros atacaram um complexo de armazenamento de petróleo, situado nos arrebaldes de Londonderry.

As primeiras notícias diziam que ninguém ficara ferido e que se registaram poucos estragos materiais.

O atentado foi o último de uma campanha intensificada de ataques à bomba desencadeada pelo Exército Republicano Irlandês (IRA).

Ontem, estabelecimentos e escritórios foram danificados quando deflagraram bombas em cidades de todo o Ulster, as quais causaram a morte de uma mulher.

O PAPA NÃO SE DEMITE

CIDADE DO VATICANO, 14 (FP) — O porta voz do Vaticano, professor Federico Alessandrini, ao referir-se aos boatos reproduzidos pela imprensa italiana sobre uma possível demissão do papa, afirmou que «são hipóteses derivadas da imaginação».

Esses boatos tomaram corpo através de um artigo do semanário «L' Espresso» que foi amplamente reproduzido pelos diários da península, em especial pelo «Paese-Sera» de ontem e pelo «Corriere dellasera» de hoje, na primeira página.

NAVIOS AMERICANOS EM CHAMAS?

HONG KONG, 14 (FP) — Estão em chamas por efeito da artilharia costeira norte-vietnamita três navios de guerra americanos — anunciou hoje a agência norte-vietnamiana de Imprensa.

Os barcos americanos foram atingidos ontem — indica a agência — quando bombardeavam as costas das províncias de Quang Binh e de Nghe An, nos paralelos 18 e 19.

A FUNDA
de
Artur Portela Filho
PRIMEIRA SÉRIE
AS NOVAS «FARPAS» PARA O PORTUGAL DE HOJE
MORÆS
EDITORES

PAPELARIA FERROS
Com um vasto sortido de artigos de escritório, livros de escrita e agendas de vários modelos, a conhecida PAPELARIA FERROS vem de há muitos anos servindo com eficiência a sua numerosa clientela. Antes de renovar os livros da sua escrita consulte a Papelaria Ferros — Rua de S. Julião, 64-66.

CARLOS DE OLIVEIRA

GASTÃO CRUZ
Responde a Eduardo Prado Coelho

DL SUPLEMENTO LITERÁRIO

LITEROGRAMAS

POESIA, ÚLTIMO REDUTO DA LITERATURA?

TEXTO DE RUY BELO

Com o advento, na Idade Moderna, da prosa de ficção como género narrativo destinado a substituir o poema épico no gosto de um público que, se antes era recrutado entre a nobreza e o clero, agora, na época do capitalismo triunfante, se via representado por uma burguesia do maior número, disposta a lutar pelas suas liberdades — entre elas a democratização da cultura —, o romance e a novela, expressos numa linguagem mais próxima da da comunidade, arquitectados com base numa intriga que, por mais transposta, não deixava de reflectir ambições, problemas, casos da classe dominante, centrados sobre as relações entre protagonistas e figurantes herdeiros dos anteriores heróis, com o advento da prosa de ficção, dizíamos nós, a poesia parece ter sido relegada para segundo plano. Não é que houvesse desaparecido, evoluiu até, passou por vicissitudes várias, os novos credos literários impuseram-lhe modificações que lhe asseguraram sempre uma posição de vanguarda entre as artes que exploram a frase e as estruturas em que ela se organiza. Além disso, a poesia não deixou de representar o núcleo e o limite de toda a literatura, de maneira que, mesmo as obras-primas em prosa se impuseram afinal pelo grau de poesia que, em virtude da linguagem, do clima, do tipo de emoções que desencadeavam, conseguiam afinal alcançar.

Mas a verdade é que o favor do público se voltou decididamente para os novos subgéneros e, se poetas houve que se impuseram, na maior parte dos casos isso terá ficado a dever-se à sua capacidade para se exprimirem noutros géneros, a uma intervenção na vida cívica que os converteu em figuras nacionais se não humanitários ou ao cultivo de um tipo de poesia que, por circunstâncias várias — grau de acessibilidade, participação nos ideais dos movimentos revolucionários, fatalidade de um destino ou incidências de uma vida que, se chegava ao extremo de os eliminar da sociedade, chamava afinal a atenção das gentes para a sua figura e portanto para a sua obra — conseguiu atingir um público mais ou menos vasto. Mas, quanto ao essencial, isto é, quanto ao lugar que lhes viria a caber na história literária, como grandes criadores, como poetas que, mercê do seu génio e da sua capacidade de expressão, revolucionaram as concepções poéticas, raramente no seu tempo conheceram êxito ou mesmo compreensão, não já dos dirigentes da sociedade, dos homens da cultura oficial, mas mesmo do público.

O romance e a novela impunham-se, o teatro escrito e representado impunha-se, o ensaio aparecia e obtinha um favor crescente. Até que apareceu o cinema, com toda a sua novidade e que, graças às sucessivas aquisições técnicas, ao seu carácter de arte pouco menos que total, ao seu meio de transmissão visual, foi conquistando justamente uma progressiva popularidade. E, para além disso que, ao fim e ao cabo, poderia não revestir um significado profundo, o cinema produziu verdadeiras obras-primas e permitiu a afirmação de grandes criadores artísticos, de maneira que o cinema, arte de equipa e de colaboração, arte colectiva como na Idade Média e no Renascimento toda a grande arte o fora, se deu ao luxo de conseguir produzir as mais fundas emoções estéticas que a arte moderna no seu conjunto se mostrou capaz de produzir.

O cinema, com a sua visualidade, com pro-

Continua na pág. sete

A DEVASTAÇÃO DA BELEZA

O MENSAGEIRO («The Go-Between»). Realização de Joseph Losey. Adaptação de Harold Pinter. Intérpretes: Dominic Guard, Julie Christie, Alan Bates

Texto de JOSÉ VAZ PEREIRA

PAÍS PASSADO

Losey e Pinter, uma equipa que nos deu **Acidente,** lançou-se agora a uma empresa mais complicada e ambiciosa: **O Mensageiro,** filme adaptado do romance de L.P. Hartley e cuja intriga se desenvolve durante um Verão, numa casa fidalga em Inglaterra. O tempo é o passado. Nos primeiros anos deste século. O passado — diz-se e depois prova-se — é também um país.

Viagem no país-passado que equivale à lembrança de Leo. O cavalheiro que, a princípio um pouco absurdamente viaja num automóvel moderno dentro da época eduardiana, está no presente. É a partir dessa visita dolorosa à infância que se organiza o filme, a tentar reaver a capitosidade dum Verão perdido. Não nos esqueçamos de que a imagem do genérico, chuva nos vidros e **leit-motiv** musical, é um dado do presente; o **Mensageiro** começa num presente que se há-de revelar traumatizado pelo passado.

Porque muito breves, as aparições deste presente são, inicialmente, desconcertantes mas pouco a pouco pressente-se que o senhor de chapéu de coco e gabardina tem algo a ver com a história das férias na mansão, mais tarde adivinha-se que ele é Leo e, a partir daí, não restam dúvidas: o resto é **flash-back** se bem que não haja qualquer processo especial a anunciá-lo e durante várias sequências, a ligação passado-presente faz-se apenas através dum diálogo que cedo cristaliza em memória.

O MENSAGEIRO: Dominic Guard, Margaret Leighton e Julie Christie

Leo, homem a caminhar para o inverno da vida, possui, em relação à experiência passada, a nitidez tremenda da dor. Mas também é isso que faz que o filme de Losey não seja, em certo sentido, vivido sobre o momento mas venha envolto num tom irrecuperável, distante, uma nostalgia de esplendor — reservado para os socialmente eleitos e entreaberto às castas toleradas — com laivos de amargura. Cada corrida do mensageiro entre a Mansão e a Quinta é também uma viagem dilacerante dentro de si próprio, numa paisagem a que o realizador e o operador conferem sempre a dimensão dum estado de alma. Nada é ocasional neste filme sem entusiasmo.

...«O passado é um país estranho: as coisas lá fazem-se duma maneira diferente...». No entanto, Losey e Pinter exploram esse país estranho para provar uma situação ainda hoje per-

Continua na pagina dois

ROCHA DE SOUSA

Artes Visuais

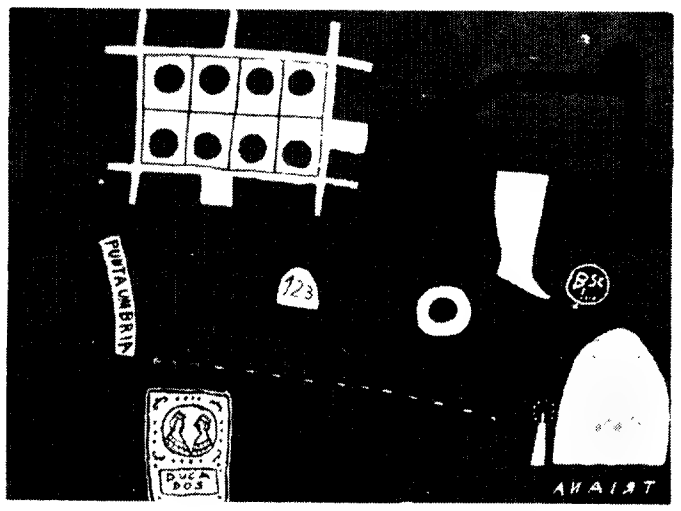
RETROSPECTIVA DE JOAQUIM RODRIGO

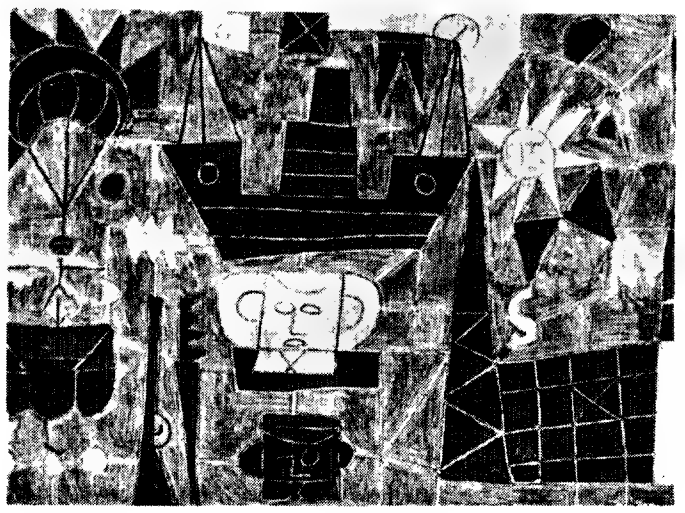
A Sociedade Nacional de Belas Artes, que procura reactivar o seu programa de exposições, integrou a retrospectiva do pintor Joaquim Rodrigo no número das iniciativas por que se tem responsabilizado (ou patrocinado) este ano. Outras retrospectivas já se fizeram naquela instituição e o patrocínio agora dado a Joaquim Rodrigo reata, nesse especial aspecto, um plano de acção que já revestiu incidências culturais muito positivas.

Curiosamente, a retrospectiva de Joaquim Rodrigo coincide com a sua primeira exposição individual e constitui, para a maior parte do público, uma verdadeira revelação. O pintor foi sempre bastante reservado quanto à sua participação nos habituais circuitos em que se integram as manifestações artísticas. Apesar disso, a sua obra, presente em algumas das principais exposições efectuadas entre nós, foi sempre assinalada por um especial interesse da crítica, constituindo-se, em alguns casos, objecto de breves estudos reconhecedores da sua evolução e das características de originalidade que tem vindo a alcançar nos últimos anos. A obra de Joaquim Rodrigo, de certo modo guardada num círculo íntimo de relações e salvaguardada por esporádicos aparecimentos emergiu nesta retrospectiva para uma evidência que imediatamente mobilizou a atenção geral __ do público, da crítica e dos coleccionadores. Foi, como se costuma dizer, um êxito. Um êxito, aliás, sobre o qual seria necessário reflectir demoradamente, ponderando a importância dos factores que para ele contribuiram e situando esta obra, inegàvelmente merecedora de estudo, no plano de uma cultura cada vez mais envolvida por linhas de força de natureza económica.

UMA MONTAGEM EFICAZ

A montagem desta retrospectiva da obra de Joaquim Rodrigo tem o mérito de se esquivar ao pretensiosismo das relações visuais complicadas, as quais muitas vezes não explicam nada nem ajudam a perceber o mecanismo de uma determinada pesquisa e da sua evolução. A exposição, cujo percurso é imposto numa relação contínua de espaços, estabelece, com modéstia e afinal segundo um espírito didáctico, a leitura cronológica das diferentes fases de criação do artista, «fechando-se» sobre um breve panorama das pinturas mais recentes. As relações que este tipo de montagem desencadeia são, sem dúvida, as mais imediatas. O público viaja através do tempo e dentro da obra **a produzir-se**, num único sentido. Mas, se a evolução assim proposta se torna imediatamente apreensível nos seus saltos e continuidades relativas, a verdade é que é principalmente na evidência dessa trajectória que a autenticidade de uma pesquisa mais se avalia.





Rodrigo: a realidade formal de uma escrita espontânea e a tradução ingénua de imagens codificadas.

ESCALONAMENTO POSSÍVEL DE UMA EVOLUÇÃO

A evolução da forma plástica, em Joaquim Rodrigo, aparece (portanto) claramente escalonada pela estrutura cronológica da exposição. Esse escalonamento pode ser apreendido em quatro fases principais:

1) Uma representação de cunho figurativo cujo tratamento expressivo revela múltiplas aprendizagens (do expressionismo, do impressionismo, do fauvismo) em justaposição ou sobreposição, cumulativamente ou sintèticamente. 2) Uma exploração formal de carácter geométrico, cujo fulcro de entendimento se situa objectivamente em Mondrian, engendrando um novo modo (no autor) de conceber e desenvolver o discurso pictórico. 3) Uma representação de cunho figurativo que se estrutura no plano em função de traçados geométricos e de sinais populares reinterpretados por uma **escrita** algo espontânea e ingénua. 4) Uma representação de cunho figurativo, formalmente derivada da anterior, com um núcleo temático (e em certa medida um temperamento) referido sobretudo ao espaço ibérico, fazendo-se expressão narrativa de vivências particulares, de viagens, de momentos e acontecimentos, em registos que confrontam as marcas do passado com as do presente.

FIGURAÇÃO E CONSTRUÇÃO GEOMÉTRICA

1) Quanto à primeira destas fases, se atendermos às datas da sua formulação, teremos sobretudo que referir o notório desfasamento da forma plástica aí desenvolvida em relação às coordenadas estéticas que na altura motivavam os artistas portugueses. Mesmo tendo em conta os atrasos verificados entre nós no domínio em referência, o da pesquisa plástica refeita pelo sentido novo de uma cultura visual revolucionada, a pintura praticada por Joaquim Rodrigo em 1950 parecia dever muito pouco à agitação criadora que ao tempo já contaminara, ainda que oblìquamente, alguns dos nossos artistas mais fecundos.

2) Passando, quase repentinamente, à exploração da forma presentativa, Joaquim Rodrigo desenvolve sobretudo dois tipos de registos: num caso, parece particularmente interessado em reconhecer a própria realidade do plano, manobrando a cor (mais aberta, mas presa a uma certa surdez) dentro de estruturas muito simples, baseadas de perto no traçado das diagonais e das medianas. Noutros caso, o pintor impõe às formas um perfil em certa medida evocador da realidade **alguma vez** observada, aglutinando os elementos **sobre** o plano e praticando uma espécie de geometrização que os transforma e relaciona. A cor é então utilizada na memória das gradações luminosas, não por mistura óptica mas pela surda relação pigmentária, em escalas de cinzentos e castanhos.

Deve ter sido na linha destas preocupações que a pintura de construção integralmente geométrica se impôs a Joaquim Rodrigo. Um súbito reentendimento do fenómeno pictórico permitiu-lhe refazer por completo a perspectiva da sua visão e contribuiu de forma decisiva para a descoberta, mais tarde, de uma linguagem original. As tentativas ocasionais, formalmente ambíguas, são breves: é objectivamente em Mondrian que Joaquim Rodrigo recolhe sentido de uma simplificação geométrica necessária, o máximo rigor do despojamento. Esse processo é revelado na exposição sem qualquer disfarce: há um ponto de partida, ou de reconversão, que é formulado através de «cópias» da pintura de Mondrian. Assim mesmo, com toda a clareza: trata-se de uma breve sequência de pinturas intituladas «Vermelho X Azul» que se organizam na base da proposta estrutural de Mondrian, quer no que se refere ao fraccionamento orgânico da superfície por linhas horizontais e verticais, quer no que respeita à escolha de um esquema cromático primário.

Esta aprendizagem dá a Joaquim Rodrigo o sentido de uma nova mobilidade de criação. Durante algum tempo, essa mobilidade é exercitada no domínio da pintura geométrica, depois de abandonado o grave despojamento mondrianesco. Os traçados iniciais desenvolvem-se para um maior grau de complexidade, aproximando o espectador de leituras sucessivamente mais vizinhas da sua experiência visual quotidiana. Esta pintura de Joaquim Rodrigo delimita um novo contexto de relações, desde a aparência do seu tecido orgânico, construído num permanente jogo de perpendiculares, até ao seu esquema cromático em que as intensidades primárias foram substituídas pelas do castanho, do ocre, do laranja, dos cinzentos coloridos e pela presença do preto. À medida que se complexifica, a pintura tende a ser representativa: das justaposições de rectângulos, das sobreposições e transparências, nasce uma ordenação de formas sugerindo trajectos labirínticos ou fragmentos de tecido urbano.

POÉTICA DE UMA NOVA FIGURAÇÃO

3) A experiência da pintura vertebrada por traçados geométricos iria informar (e formar) a verdadeira maturidade de Joaquim Rodrigo, a descoberta de uma linguagem pessoal. Ao reintegrar-se, em 1960, num processo figurativo, o artista articulou com substancial coerência a aprendizagem da sua fase anterior às necessidades de construção de um novo discurso. Para tanto, ele soube conservar duas coordenadas essenciais de realização: a «trama» produzida pelos traçados geométricos e os tipos de harmonia cromática entretanto explorados. Mas abandona, com a maior franqueza, essa espécie de construção racional que fora buscar a Mondrian. Aproxima-se, pelo contrário, de uma outra sabedoria, passando a sobrepor, num mesmo quadro, um maior conjunto de experiências, de memórias, de sinais. A organização das formas na superfície, embora nos dê conta de alguns resultados fundamentais das pesquisas anteriores, aponta para um discurso em que a espontaneidade se associa ao poder de análise e a um domínio rigoroso da superfície. A forma então desenvolvida por Joaquim Rodrigo integra assim novas possibilidades de expressão e naturalmente um novo conteúdo. A dimensão poética de Paul Klee é-lhe familiar, embora essa relação se encontre quase exclusivamente no plano **anatómico**, brevemente no plano das motivações de fundo. Aqui se envolve um comportamento novo, uma outra imagística: partindo de uma «caligrafia» onde o gesto ingénuo lentamente se elabora, Joaquim Rodrigo de-

Continua na pagina seis

A DEVASTAÇÃO DA BELEZA

Continuação da primeira pagina

manente: o hermetismo, e também a hipocrisia social, podem interromper, por um processo de profundo choque psicológico, a formação duma personalidade.

No final, o espectador sabe que, sem aquele Verão marcado pelo destino Leo seria na maturidade outro homem. E não uma sombra, seca por dentro, procurando outras sombras.

SEM O VALOR DE SÍMBOLOS

Um dos principais méritos da obra de Losey e Pinter será o de ter evitado uma crítica fácil e mesmo demagógica ao estabelecimento social que decretava que, quaisquer que fossem os seus sentimentos, Marian teria que ser (são, aliás, essas as suas palavras **porque tem que ser)** lady Trimingham.

E a mesma estrutura de rigidez classista determinava que o lavrador Ted Burgess não poderia aspirar a uma mulher __ excepto furtivamente __ dum meio superior ao seu. Claro que a impermeabilidade e a estrutura francamente reaccionária da sociedade inglesa pós-victoriana não nos são, digamos assim, marteladas dentro da cabeça com esquemas lineares. Trata-se duma crítica indirecta, subtil, feita de pequenos apontamentos é certo mas de tal maneira significativos que só por distracção se podem confundir com símbolos. E os membros das classes dominantes não se apresentam como monstros absurdos mas como gente simpática __ que só perde a simpatia quando as contradições estalam e não se pode aguentar mais.

A senhora Maudsley é, por exemplo, a perfeita anfitriã. Arranca a máscara apenas quando as escapadas da filha se tornam cruelmente óbvias e, no seu egoísmo e obstinação, acaba por forçar o jovem Leo a uma confrontação prematura __ ele **vê** Marian e Ted fazer amor __ que o irá abalar, psìquicamente, duma maneira profunda.

Mas até estas «fendas na muralha» estalarem, tudo é como a superfície lisa dum lago apenas encrespada por leve brisa __ Leo sabe que Marian e o lavrador o utilizam mas, por enquanto e porque não sabe, no fundo, o que se passa, não descobre qualquer incompatibilidade entre as suas idas e vinda __ leva isto, traz aquilo __ e o seu amor balbuciante e tímido pela rapariga. Um crítico inglês escreveu que...

«Leo devia pensar que as pessoas que viviam em salas tão belas, que usavam roupas tão bonitas, deveriam ter também belas almas».

Há uma infinidade de processos para mostrar uma desigualdade social mas, por vezes, sugeri-la indirectamente é mais eficaz do que enunciá-la como uma declaração de princípio. De facto, Leo é convidado para umas férias com os aristocratas porque, afinal de contas, é um companheiro barato de brincadeira para o menino da casa.

Simplesmente, um conjunto de circunstâncias faz que o rapazinho entre na balística complicada das ligações dos adultos. Cria-se assim um climax que, a longo prazo, se revela ameaçador. E, contra ele, Leo nada pode __ a não ser a defesa instintiva do recurso à bruxaria.

EM COMPARTIMENTOS ESTANQUES

Porque a desigualdade social significa também uma incompatibilidade de convivência: Leo só tem um fato quentíssimo e pretende não sufocar dentro dele, rodeado de gente vestida de cores claras e frescas; não tem boné de **cricket,** não conhece os esconderijos e as passagens secretas da mansão, etc., etc. Está desfavorecido e por isso apela para o amor de Marian que apenas se serve dele e para poderes sobrenaturais cujos sortilégios são, de momento, a sua única força contra a hostilidade que espreita sob um mundo amável.

A festa com a gente da aldeia é, aliás, a única oportunidade duma confraternização hipócrita com as «classes baixas». Os senhores afivelam __ para esse dia especial __ uma máscara de benevolência que irá ao ponto de permitir a rendeiros e lavradores um jantar em comum e algumas proezas desportivas. Mas o tom jamais deixa de ser paternalista e, se outra distinção não houvesse, bastariam as pronúncias e os fatos-uniformes, emblemas de classe, para pôr as coisas no seu devido lugar.

Leo é também um herói na tarde serena do **cricket**, mas um herói na tarde serena geiro e, no regresso, um dos mais jovens habitantes da mansão pergunta-lhe: «Notaste o cheiro?»

Outro aspecto importante: a obsessão das diferenças sociais começa a funcionar ao nível das crianças. Encerradas num meio fortemente compartimentado, pressente-se que elas nunca terão oportunidade de escapar a receber a ideologia do estabelecimento. Feito desta observação, Losey e Pinter construíram um filme devastadoramente belo, subtil e cruel ao mesmo tempo. Uma obra que permite muita intervenção e muito comentário e suficientemente rica para não se esgotar às primeiras leituras.

GASTÃO CRUZ RESPONDE A EDUARDO PRADO COELHO

POSITIVIDADE e METALINGUAGEM

Sem dúvida, a preocupação da positividade é em si boníssima: guardemo-nos, porém, de que ela degenere em «positivismo», tirando-nos a audácia de fantasiar hipóteses...

António Sérgio, «Divagações proemiais ao jovem leitor sobre a atitude mental que presidirá a estes ensaios», in **Introdução Geográfico-Sociológica à História de Portugal**.

C'est ici que se pose le problème du métalangage; les mots qui sont destinés à analyser le sens de certains termes doivent être distincts de ces termes et différents. Ils doivent être plus que de simples synonimes qui appartiennent encore au même universe du discours (imédiat).

Herbert Marcuse, «Le triomphe de la pensée positive», in **L'Homme Unidimensionnel.**

Começarei pelo último parágrafo do artigo com que, no Suplemento Literário do «Diário de Lisboa» de 31 de Março, Eduardo Prado Coelho respondeu a algumas objecções que, a propósito da sua polémica com Eduarda Dionísio, eu lhe levantara. Aí se diz o seguinte: «Dado o curso dos acontecimentos, creio que, na presente conjuntura ideológica, o principal antagonista (isto é, aquele que pode produzir efeitos mais nocivos) é o **positivismo**». Noutra passagem do seu texto, refere-se Eduardo Prado Coelho a uma **atitude positivista**, de que seria característica a aceitação do «mito de uma metalinguagem tanto quanto possível neutra». E, num passo anterior, afirma: «Não estou (nunca estive) com a ala positivista da «nova crítica».

Tudo isto me dá a ideia de que Eduardo Prado Coelho considera os membros (quem?) dessa «ala positivista» (mas existirá ela fora da imaginação do autor de **O Reino Flutuante**?) uma espécie de discípulos de Augusto Comte ou, talvez mais precisamente, de Teófilo Braga, que, como observa Vieira de Almeida, ao fazer, no livro **Pontos de Referência**, o exame do **positivismo-limite**, «entre nós foi o representante inexplicàvelmente categorizado de essa tendência ou de essa cegueira».

Quer exista ou não essa «ala positivista», será conveniente fazer uma pequena mas importante distinção èntre **positivista** e **positivo**, entre **positivismo** e **positividade**.

Não só António Sérgio chama a atenção para a diferença entre as duas coisas. Também Vieira de Almeida, no já citado **Pontos de Referência**, separa **positivismo-atitude** (ou positividade) de **positivismo-limite** e de **positivismo-sistema**: «É positivo, e segue no caminho trilhado por Comte, embora ele não tivesse podido prevê-lo, o desenvolvimento da lógica moderna, a análise da linguagem e a demonstração feita por Carnap da inanidade de sentido das proposições metafísicas. De sentido lógico, porque o têm metafórico e estético, isto é, sugestivo.

(...) Sem dúvida, os limites do P o s i t i v i s m o foram derrubados; o sistema não pode manter-se tal qual; mas além dos pontos de vista especiais, que não condicionam o sistema nem por ele se condicionam, alguma coisa primacial permanece e frutifica. O positivismo **comteano** não subsiste, naturalmente. Porventura subsistiu por exemplo o idealismo de Kant ou o dualismo de Descartes? Mas ficou e subsiste a «positividade», que sem limites sistemáticos se desenvolve e amplia em âmbito e com êxito cada vez maiores. Justamente essa positividade, indestrutível como facto e fecunda como atitude, tem provocado em vários tempo e espaço — desnecessitados de exemplificação ataques e debates a que embora **verecunde** em máximo grau é difícil contestar certo aspecto de ignorância da questão».

2. LINGUAGEM E METALINGUAGEM

No livro **O Reino Flutuante**, que Eduardo Prado Coelho acaba de publicar, encontramos um texto intitulado «Eugénio de Andrade: Corpo e Palavra», onde podemos ler: «Falou-se, atrás, em Eugénio de Andrade, e ainda bem, porque é do seu último livro que gostaria de falar: **Os Afluentes do Silêncio**. Eis uma obra que torna fluídas todas as distinções entre prosa e poesia, entre crítica e criação». Trata-se de um trabalho de 1969. A tendência de Eduardo Prado Coelho para abolir «as distinções entre prosa e poesia, entre crítica e criação» já vem, portanto, pelo menos, desse tempo. Parece-me, porém, que os termos escolhidos não serão os mais exactos. O que pode estar em causa não é pròpriamente uma distinção entre prosa e poesia, mas entre prosa crítica e poesia (em verso ou em prosa); como de maneira nenhuma julgo de excluir que a crítica, por mais positiva que se mostre, possa ser considerada criação.

Observemos então um pouco melhor a obra em prosa de Eugénio de Andrade, já por mim citada, de resto, no artigo **Sobre Crítica**. Em **Os Afluentes do Silêncio** reunem-se textos de motivação bastante diversa, que poderíamos distribuir pelas seguintes quatro secções: a) duas poéticas; b) textos sobre literatura (Pascoaes, Lorca, Rosalia, Raul Brandão, António Nobre); c) textos sobre artes plásticas (Pavia, Ângelo de Sousa, Armando Alves, M. Capelins, José Rodrigues, M. Pinto, Resende, Cargaleiro); d) textos sobre cidades (Porto, Coimbra).

Apesar das diferenças temáticas, alguma coisa liga ìntimamente todos os escritos de **Os Afluentes do Silêncio** e dá unidade ao livro. É que, ao falar-nos de um poeta ou de um pintor, da sua arte ou de uma cidade, Eugénio de Andrade não o faz, efectivamente, como crítico (apesar da inteligência com que contempla os variados objectos estéticos), mas como poeta lírico. Os seus textos sobre Lorca ou Brandão são poesia, no mesmo grau que o são a «Ode a Guillaume Apollinaire» de **Os Amantes sem Dinheiro** ou a «Elegia entre sombra e mágoa para Vicente Aleixandre» de **Até Amanhã**.

Entendamo-nos, pois: eu nunca, evidentemente, contestei que pudesse haver magníficos textos de «prosa metafórica» sobre poesia ou sobre poetas; como ninguém poderá negar a existência de belos poemas (em verso) sobre os mesmos motivos. Simplesmente, essas obras são ainda, não trabalhos de crítica literária, mas realmente poesia.

Eduardo Prado Coelho defende que a crítica seja uma **paráfrase produtiva** do texto criticado. Vejamos, então, um fragmento inicial do que Eugénio de Andrade escreveu acerca de Raul Brandão e, precisamente, intitulou «Quase uma glosa»: «Os olhos tinha-os azuis, de um azul que nunca destingiu. Uns olhos que consumiu a sonhar, Sonhava impenitentemente porque, à sua roda, tudo morria à míngua de autenticidade. Isto lhe doía. Isto lhe doía mais do que a pobreza dos pescadores da Cantareira ou dos camponeses da Nespereira, a quem deu por inteiro a sua ternura — tanta, que raras vezes na nossa língua ela terá crepitado assim, alta e sem mácula». Do discurso de Blanchot disse Roland Barthes («Litérature et Signification», in **Essais Critiques**): «mais linguagem que metalinguagem, o que dá a Blanchot um lugar indeciso entre a crítica e a literatura». De uma paráfrase (**quase uma glosa** igual **paráfrase produtiva**) como a que Eugénio de Andrade faz do autor de **Húmus**, poderíamos dizer o mesmo. Com uma ligeira correcção: ela não se situa entre a crítica e a literatura, mas sim, e com toda a evidência, na literatura mesmo.

Marcuse: o problema da metalinguagem

Qual então a vantagem de pretendermos que é uma metalinguagem o que é, na verdade, linguagem? E não estamos, de modo algum, perante uma simples questão de palavras. São, aliás, bem importantes, as palavras.

3. DO FORMALISMO

Traçando, mais uma vez, um paralelo com a música, o que sempre me parece elucidativo, pois discurso crítico que tenha essa arte por objecto não poderá perder-se nas divagações em que Eduardo Prado Coelho parece admitir que possa perder-se um discurso crítico que tenha por objecto a literatura, darei como exemplo de uma **paráfrase produtiva** a admirável composição de Jorge Peixinho sobre **Ma fin est mon commencement** de Guillaume de Machaut, recentemente executada em Lisboa, em primeira audição. Alguém se lembraria de sugerir que com essa obra Jorge Peixinho pretendia abolir a fronteira entre música e crítica musical? E, como exemplo de crítica estrutural — a única verdadeira crítica possível, em música (diria: em qualquer arte), se se quiser sair do domínio da improvisação, jornalística ou outra (aquilo a que Pierre Boulez, em **Penser la musique aujourd'hui**, chamou «bavardage tactique») — a análise, também de Jorge Peixinho, do **Canto de Amor e de Morte** de Fernando Lopes Graça.

Na sua resposta ao meu artigo, escreve, a certa altura, Eduardo Prado Coelho: «Se um texto pode ser **integralmente** descrito pelo crítico, há um momento em que o texto já nada oferece de interessante ao crítico. Se assim é, quando eu estiver na posse da sua descrição, o texto-em-si deixa de me interessar (obtive a estrutura que explica a totalidade dos seus efeitos textuais) e passa a valer apenas a crítica que dele fiz (porque esta dá-me o nível essencial-profundo do que nele é acidental-superficial). Se assim não é, como explicar o irredutível do texto (a sua disponibilidade ilimitada) à sua descrição estrutural? Como não ver nessa distância insuturável o mais importante? Como não encarar o texto como estruturação (prática significante) e não como estrutura (objecto significado)?».

Pensemos um pouco, com base numa passagem do livro, atrás mencionado, de Boulez, que é, de resto, um autêntico breviário da composição musical contemporânea: «Para concluir, vamos definir o que consideramos os constituintes indispensáveis de um método analítico activo: deve-se partir de uma observação tão minuciosa e tão exacta quanto possível dos factos musicais que nos são propostos; trata-se, seguidamente, de encontrar um esquema, uma lei de organização interna que dê conta, com o máximo de coerência, destes factos; vem, enfim, a interpretação das leis de composição deduzidas desta aplicação particular. Todas estas etapas são necessárias; é entregar-se a um trabalho de técnico absolutamente secundário não prosseguir até à etapa capital: a interpretação das estruturas; a partir daí, e daí sòmente, poderemos assegurar-nos de que a obra foi assimilada e compreendida».

Quando Eduardo Prado Coelho assinala a «irredutibilidade do texto (a sua disponibilidade ilimitada) à sua descrição estrutural», quer, provàvelmente, dizer-nos que qualquer texto (qualquer obra de arte) é uma «obra aberta». E que o que Umberto Eco considerou característico de um **Finnegans Wake**, é afinal característico de qualquer obra, antiga ou moderna: «A ordem tornou-se a presença simultânea de ordens diversas. Cabe a cada leitor escolher a sua» (in **A Obra Aberta**). Não podemos supor que, ao falar-nos de assimilar e compreender, de interpretar, as leis de organização interna de uma obra, Pierre Boulez não a considera «aberta», disponível, de facto, a um número ilimitado de leituras (U. Eco exemplifica, aliás, o conceito de «obra aberta» com, também, a **Terceira Sonata para Piano** de Boulez). Porém, cada uma dessas leituras será uma descrição (e, forçosamente, também uma interpretação), que, sem esgotar a obra, todavia a assimila e compreende. Esta permanente contradição, este **compreender sem esgotar**, é porventura o que mais fundamente caracteriza a tarefa crítica.

4. CONTRA UMA CRITICA IRRACIONALISTA

Um texto não pode ser, de facto, **integralmente** descrito pelo crítico. Mas isto não significa que ele não possa ser descrito com rigor. São coisas inteiramente distintas.

Eduardo Prado Coelho afirma: «Quando Gastão Cruz escreve «uma metalinguagem será tanto mais fecunda...», está a utilizar uma metáfora. Fazê-lo sentir é recordar (na linha que vem de Vico e de Nietzsche) que **toda a linguagem é essencialmente metafórica**. Simplesmente há metáforas que se cristalizaram no código, e que nós **já não sentimos** como metáforas (o caso de «metalinguagem fecunda»)». Ora, exactamente, Eduardo Prado Coelho levanta a questão e dá a resposta. As «metáforas que se cristalizaram no código» adquiriram um carácter meramente denotativo, podendo entrar, por exemplo, numa «literatura» tão «objectiva» como a farmacêutica. As verdadeiras metáforas, por sua vez, terão conotações que lhes conferem carácter marcadamente «subjectivo». Assim, parece-me poder classificar-se de subjectiva uma expressão como «poesia desgrenhada».

Foi, aliás, dessa «poesia desgrenhada» que partiu, verdadeiramente, esta troca de pontos de vista. A ela convirá que regresse agora. Porque, resumindo, se pode aceitar-se que se fale de poesia em termos mais ou menos líricos, criando uma poesia segunda, uma segunda literatura, já não será de admitir o uso de uma linguagem que, não ascendendo, pela qualidade, a esse nível, se fique pelo impressionismo.

Nem uma nem outra dessas linguagens poderão, todavia, constituir um discurso crítico. A segunda, porque se ficará pelo «bavardage» que bem conhecemos. A primeira, porque, como arte, integrará elementos irracionais, que a ideia de crítica exclui.

Diz Roland Barthes («Litérature et Signification»): «Os «papéis» do artista e do sábio são ainda muito diferentes: trata-se de uma oposição cuja força mítica repousa sobre uma economia vital das nossas sociedades, tendo o artista por função exorcizar o irracional, fixando-o nos limites de uma instituição (a «arte») ao mesmo tempo reconhecida e **contida**: formalmente, o artista é, se assim se pode dizer, o **separado** cuja própria separação é assimilada a título de separação, enquanto que o sábio (que pôde ter no curso da nossa história este mesmo estatuto ambíguo de exclusão reconhecida: os alquimistas, por exemplo) é hoje uma figura inteiramente progressista». Embora este texto tenha quase dez anos e já então Barthes se inclinasse para uma aproximação cada vez maior entre arte e ciência, parece-me que a formulação do problema mantém o seu interesse.

A «audácia de fantasiar hipóteses» a que alude António Sérgio é, por certo, fundamental numa crítica que se queira efectivamente viva e problemática. Essa crítica será, porém, o contrário de uma crítica irracionalista, se é que não é já inteiramente absurdo associar tal adjectivo a tal substantivo.

GASTÃO CRUZ

carlos de oliveira

PRÉMIO DE IMPRENSA 1971

ENTRE DUAS MEMÓRIAS

CADERNOS DE POESIA preço 80$00

PUBLICAÇÕES DOM QUIXOTE

O AUTOR: SIC

- Carlos de Oliveira nasceu em Belém (Brasil) a 10 de Agosto de 1921. Filho de pais portugueses, veio ainda criança para Portugal. **«Meu pai médico de aldeia, uma aldeia pobríssima: Nossa Senhora das Febres, Lagoas Pantanosas, desolação, calcário, areia. Cresci cerca do pela grande pobreza dos camponeses, por uma mortalidade infantil enorme, uma emigração espantosa. Natural, portanto, que tudo isso me tenha marcado. O lado social (e o outro, porque há outro também) das minhas narrativas e poemas publicados (quatro romances juvenis e alguns livros de poesia) nasceu desse ambiente quase lunar habitado por homens e visto às vezes, não nego, com pouca distanciação.»**

«O trabalho oficinal é o fulcro sobre que tudo gira. Mesa, papel, caneta, luz eléctrica. E horas sobre horas de paciência, consciência profissional. Para mim, esse trabalho consiste quase sempre em alcançar um texto muito despojado e deduzido de si mesmo, o que me obriga por vezes a transformá-lo numa meditação sobre o seu próprio desenvolvimento e destino.»

«Escrever é lavrar, penso, olhando esta Ereira onde se fecha hoje o círculo que o seu cantor traçou com a própria vida. E lavrar, numa terra de camponeses e escritores abandonados, quer dizer sacrifício, penitência, alma de ferro. Xistos, areais cobertos de flores, de frutos, se a chuva deixar, o sol quiser, o tempo não reduzir as sementes e o coração a cinza. Tanta colheita perdida na literatura, e eu que o diga nesta linguagem de vocábulos pesados como enxadas, na voz lenta, difícil, entrecortada de silêncios, que os cavadores e os mendigos me ensinaram, lá para trás, no alvor da infância: um pouco de frio e neblina coalhada, sons ásperos, animais feridos.»

«Não concebo uma literatura intemporal, nem fora de certo espaço geográfico, social, linguístico; quer dizer, não a vejo inteiramente desligada das condições de tempo, de lugar; e quando digo inteiramente atendo já ao desenvolvimento específico da literatura.»

«O meu ponto de partida como romancista e poeta, é a realidade que me cerca; tenho de equacioná-la em função do passado, do presente, do futuro; e, noutro plano, em função das suas características nacionais ou locais.»

«Nós, escritores, trabalhamos com palavras. Não nos é lícito ignorar que podem ser uma arma de força terrível ou terrivelmente frágeis Podem apoucar as verdades ou revelar-lhes os gumes mais finos e luminosos. O nosso ofício consiste em escolher as palavras, utilizá-las no momento exacto, atenuá-las, engrandecê-las, dominá-las. E o que são as palavras? Língua, linguagem, povo, oralidade, escrita, herança literária. A restruturação da técnica narrativa ou poética tem de conhecer até ao promenor a matéria de que se serve.»

«O amor das palavras vivas, incisivas, o aprofundamento dos meios de expressão, é o dever mais elementar do romancista, do poeta. Que diabo tem isto a ver com o formalismo?»

«Cada passo, livro, amor, opção, me levou sempre a uma floresta. Primeiro, a Amazónia insondável, onde nasci. Depois, a infância, a literatura, a insónia, o amor, a constante derrota política, a hantise da doença, a inadaptação aos códigos, a mania obsessiva do sonho, desdobrando-se em mil raízes entrelaçadas (floresta de florestas), numa natureza demasiado pobre para tanto excesso.»

«Todo o escritor português marginalizado sobre biográficamente do que posso denominar complexo do iceberg: um terço visível, dois terços debaixo de água. A parte submersa pelas circunstâncias que nos impediram de exprimir o que pensamos, de participar na vida pública, é um peso (quase morto) que dia a dia nos puxa para o fundo.»

«Assim, o que nos cai sobre os ombros e tenta empurrar para baixo o resto do iceberg é a mão da intolerância, escrevendo sempre à sua maneira a biografia que não temos, procurando riscar, sumir, o que flutua ainda.»

«PENSANDO BEM, NÃO TENHO BIOGRAFIA.»

(selecção e montagem de textos de **O APRENDIZ DE FEITICEIRO**)

POESIA

1942 - TURISMO
1945 - MÃE POBRE
1948 - COLHEITA PERDIDA
1949 - DESCIDA AOS INFERNOS
1950 - TERRA DE HARMONIA
1960 - CANTATA
1962 - POESIA (1945/1960)
1968 - SOBRE O LADO ESQUERDO
1968 - MICROPAISAGEM
1971 - ENTRE DUAS MEMÓRIAS

PROSA

1943 - CASA NA DUNA
1944 - ALCATEIA
1948 - PEQUENOS BURGUESES
1953 - UMA ABELHA NA CHUVA
1971 - O APRENDIZ DE FEITICEIRO

CARLOS DE OLIVEIRA: TA

A notícia é simples de dar. Poucas palavras são necessárias. Mesmo assim, ela foi ignorada, recusada ou esquecida por alguns orgãos de Informação. Como tantos outros, é este mais um sintoma de como as coisas por aqui se continuam a passar.

Este ano, pela primeira vez, a Casa da Imprensa decidiu atribuir um prémio de literatura. Livro premiado: **Entre Duas Memórias.** O seu autor: Carlos de Oliveira.

Do juri constituído (Eduardo Prado Coelho, Gastão Cruz, Manuel Poppe e Nuno Júdice) só Manuel Poppe teve opinião divergente. Para ele, **Confissões de um Homem Religioso** de José Régio foi o livro mais importante publicado em Portugal durante o ano de 1971.

EDUARDO PRADO COELHO

EM TORNO DE UM POEMA

Em relação a um livro como **Entre duas memórias**, é talvez mais útil o comentário baseado na leitura de um único poema, sem excluir, claro está, a sua relacionação com outros, do que observações genéricas sobre os princípios estéticos de Carlos de Oliveira. Podemos considerar o conjunto intitulado **«Descrição da guerra em Guernica»** (pertencente à série **Cristal em Sória**), tendo em conta que o significado explìcitamente político deste poema permite neutralizar as acusações absurdas de «formalismo» feitas a uma poesia que, pela sua estruturação verbal extremamente densa, nunca deixa de constituir uma máquina de produção significante. Importa realçar que, em Carlos de Oliveira, não há efeito retórico (isto é, figura de sentido) que não resulte de um trabalho cuidadoso de fermentação. Estamos longe, aqui, do recurso pseudo-inspirado aos lugares comuns da poesia em voga, ou da utilização de metáforas cuja eficácia se pretende forjar na distância inesperada entre os termos em relação. Pelo contrário, o texto vai tecendo a **razão das suas fórmulas**. Assim, na página 24:

«Cavalo; reprodutor
de luz nos prados; quando
respira, os brônquios;
dois frémitos de soro; exalam
essa névoa
que o primeiro sol transforma
numa crina trémula
sobre pastos e éguas»

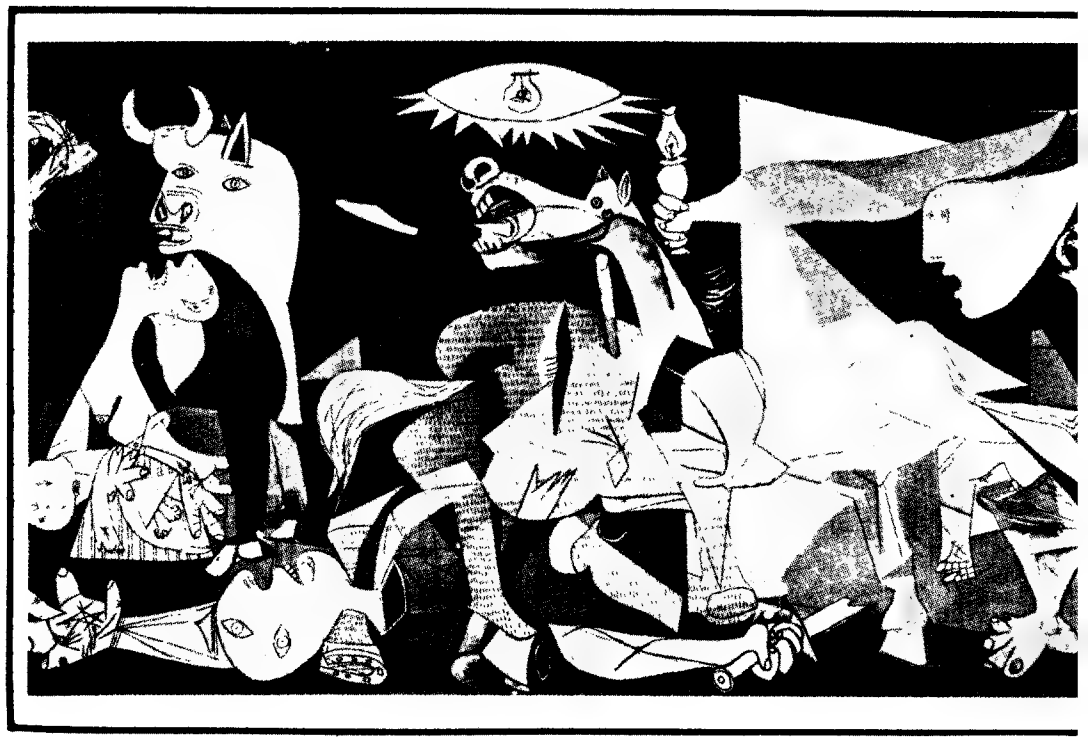
Onde encontramos o **bafo** da respiração do cavalo metaforizado em **névoa** (pela relação trevas/luz, névoa/sol, que implica a relação mais ampla noite/dia, justificando a referência ao **«primeiro sol»** e a designação do cavalo como **«reprodutor de luz»**, isto é, elemento do ciclo das noites e dos dias) e em **crina** (figura metonìmicamente justificada pela relação respiração-cavalo). Onde vemos como o salto da vida para fora da morte, da luz para fora da noite, é um gesto frágil de sobrevivência: «dois **frémitos** de soro», «crina **trémula**». Onde descobrimos a força sexual da vida: **«reprodutor/** de luz nos prados» «sobre pastos **e éguas»**. E tudo conjugando-se numa rede verbal extremamente apertada.

Uma primeira pergunta: como explicar o tipo de versos utilizados neste livro?

Porque estes versos surgem-nos **condensados**. Palavra que aparece em alguns lugares a assinalar. Assim, na página 41, lemos: «condensa-se o rumor das primeiras/palavras: afinal, são elas;/ e logo que os seus voos;/anteriores à escrita; as precipitam/no papel, começa-se a escrever». E na página 23: «O pássaro; a sua anatomia/rápida; forma cheia de pressa,/ que se condensa/apenas o bastante/para ser visível no céu,/sem o ferir;/modelo doutros voos».

Deparamos aqui com um tema privilegiado: o do voo. Em Carlos de Oliveira, existe uma constante valorização de tudo o que se liberta sùbitamente da atracção da terra (da noite, da morte), e se lança no ar, mas leva consigo o peso que anuncia a necessidade do regresso. Deste modo, o salto ou o voo são metáfora da vida, figura do poema e modelo ético: deve-se encontrar a essência aérea do que flutua, paira, em suspensão, sem esquecer que existem inevitáveis momentos de queda, que exigem o recomeço do voo («os voos são regressos» — 37).

Escrever é tentar o voo, experimentar o salto — tentativa de condensar numa forma quase imaterial a substância das palavras; de reduzir a um quase rumor o alarido dos seus significados. Ou ainda: de ocupar o céu sem o ferir. De nele morrer em queda infinita, para



I

Entra pela janela
o anjo camponês;
com a terceira luz na mão;
minucioso, habituado
aos interiores de cereal,
aos utensílios
que dormem na fuligem;
os seus olhos rurais
não compreendem bem os símbolos
desta colheita: hélices,
motores furiosos;
e estende mais o braço; planta
no ar, como uma árvore,
a chama do candeeiro.

II

As outras duas luzes
são lisas, ofuscantes;
lembram a cal, o zinco branco
nas pedreiras;
ou nos umbrais
de cantaria aparelhada; bruscamente;
a arder; há o mesmo
branco na lâmpada do tecto;
o mesmo zinco
nas máquinas que voam
fabricando o incêndio; e assim,
por toda a parte,
a mesma cal mecânica
vibra os seus cutelos.

III

Ao alto; à esquerda;
onde aparece
a linha da garganta,
a curva distendida como
o gráfico dum grito,
o som é impossível; impede-os pelo menos
o animal fumegante;
com o peso das patas; com os longos
músculos negros; sem esquecer
o sal silencioso
no outro coração:
por cima dele; inútil; a mão desta
mulher de joelhos
entre as pernas do touro.

IV

Em baixo, contra o chão
de tijolo queimado,
os fragmentos duma estátua;
ou o construtor da casa,
já sem fio de prumo,
barro, sestas pobres? quem
tentou salvar o dia,
o seu resíduo
de gente e poucos bens? opor
à química da guerra,
aos reagentes dissolvendo
a construção, as traves,
este gládio,
esta palavra arcaica?

V

Mesa, madeira posta
próximo dos homens: pelo corte
da plaina,
a lixa ríspida,
a cera sobre o betume, os nós;
e dedos tacteando
as últimas rugosidades;
morosamente; com o amor
do carpinteiro ao objecto
que nasceu
para viver na casa;
no sítio destinado há muito;
como se fosse, quase,
uma criança da família.

VI

O pássaro; a sua anatomia
rápida; forma cheia de pressa,
que se condensa

AMBÉM O NOSSO VOTO

Os restantes membros do juri são colaboradores assíduos deste Suplemento. Por isso, além de solidários, sentimo-nos de certo modo comprometidos na atribuição deste prémio a Carlos de Oliveira. Trata-se de destacar um dos mais exigentes trabalhos da nossa literatura contemporânea, um permanente esforço de pesquisa e transformação ao nível do material linguístico de que se serve, a exemplaridade de uma posição moral assumida em risco e em coragem.

Conhecemos as reacções (de indignação, de raiva, de miudinho despeito) levantadas em torno da atribuição deste prémio. Por isso mais nos regozijamos com ele. Esta página, a publicação destes textos, além de uma modesta homenagem pretendem dar disso um testemunho frágil.

CARLOS DE OLIVEIRA
DESCRIÇÃO DA GUERRA EM GUERNICA

o outro lado (escrever é experimentar a morte no voo livre das palavras): «cruzar o céu com a suavidade/dum rumor e sumir-se».

No mais pertinente comentário suscitado por estes poemas de Carlos de Oliveira, Manuel Gusmão observava: **«Trata-se de sonetos que parecem concentrar-se, como que para melhor resistirem e se afirmarem contra o silêncio, o branco da página»** (in **Crítica**, n.º 2).

Portanto, a página (a sua brancura, o seu silêncio) funciona como o solo. Ou ainda: a linguagem comum aparece como a terra que pisamos (que falamos). E soltando-se da terra, resistindo ao envolvimento e pressão da página branca, que o poema se desgarra do seu próprio peso, e se projeta, elástico, no salto, tão liberto de um sentido dizível que para a sua essência aérea se comprime, se concentra, é porque se quer reduzir ao espaço do seu peso, sem peso a mais que possa ferir o espaço onde navega, sem peso a menos que o desfaça em fumo.

Se o verso em Carlos de Oliveira voluntàriamente se quebra, se suspende, é porque pretende incorporar no voo o próprio momento da queda: verso que se mutila para assim omitir o instante do reverso; verso que vive no limiar da morte, preso no ar ao peso do seu necessário regresso.

Por conseguinte, a imagem do poema é a da ave. O eixo que o sustenta é uma vertical que designa o **«em baixo»** e o **«ao alto»**, abrindo aqui, no espaço da altura, uma horizontal da suspensão onde as palavras pairam, vogam, voam, no desenho de voos repetidos, numa escrita de estrelas e poeira.

No poema sobre Guernica, os aviões fascistas são **«falsas aves»** que espalham uma falsa morte. E aquele que vem narrar o poema, introduzindo-o e relatando-o, dando voz a um olhar, é **«o anjo camponês», figura que resume a terra (camponês) e o ar (anjo), o trabalho (camponês) e o voo (anjo), a linguagem (camponês) e o poema (anjo). Daí a expressão: «planta no ar»**, em que **«planta»** remete de novo ao trabalho na terra, e «ar» aponta a condição angelical. Daí a expressão **«olhos rurais»**, em que o olhar se define como sendo o que no rosto é mais imaterial, mais próximo do anjo, e em que **«rurais»** opera o regresso à terra onde esse imaterial, no seu espanto (pela oposição rural-urbano aqui repercutida), se enraiza.

O poema **«Descrição da guerra em Guernica»** constrói-se em torno de um nome próprio, Guernica, que designa uma luta em que se afrontam as forças da vida e as forças da morte, os elementos do trabalho e os elementos da destruição.

Guernica começa por ser uma terra: nela, o voo da vida, construção da casa, mesa posta para a refeição de cada dia, claridade do poema. Depois, pelo falso voo de falsas aves, um bombardeamento semeia a matéria de uma colheita absurda. O acontecimento existe como evento histórico e como um quadro de Picasso que o celebra (quadro em que se anuncia o devir-símbolo de Guernica).

Ora o poema de Carlos de Oliveira não é uma descrição do acontecimento histórico, acontecido num ponto invisível no curso do tempo (como, aliás, descrever um ponto, um momento?), mas uma descrição do quadro de Picasso. Algumas expressões estão lá para no-lo indicar: **«Ao alto; á esquerda»** (III), **«Em baixo»** (IV), **«O incêndio desce;/do canto superior direito»** (X).

O que pressupõe vários planos a considerar. Por um lado, há um acontecimento com o seu tempo próprio (**T1**). Mas o que acontece apenas existe no relato que se faz do acontecimento. O real transfere-se para a realidade relatada (o real é a relação de um olhar e da realidade). Um desses relatos é o da realidade icónica em que consiste o quadro de Picasso. A pintura é uma especialização de 11: um retrato da morte no seu trabalho de imobilização. Mas o real dessa pintura apenas existe nos relatos que dela fazemos. O real do quadro é também a relação de um espaço pintado e de um olhar que o vê. Ora o tempo dessa visão, dessa leitura pré-verbal, implica uma diacronização da sincronia icónica, uma temporalização de um espaço (**T1**).

Que é o poema de Carlos de Oliveira? E um relato da realidade icónica. Contudo, precisamos de notar duas coisas. Por um lado, o poema não procura restituir o processo da visão pré-verbal do quadro. Assim, ao falar primeiro na **«terceira luz»** pressupõe uma contagem feita anteriormente: não

Continua na pág. sete

apenas o bastante
para ser visível no céu,
sem o ferir;
modelo doutros voos: nuvens;
e vento leve, folhas;
agora, atónito, abre as asas
no deserto da mesa;
tenta gritar às falsas aves
que a morte é diferente:
cruzar o céu com a suavidade
dum rumor a sumir-se.

VII

Cavalo; reprodutor
de luz nos prados; quando
respira, os brônquios;
dois frémitos de soro; exalam
essa névoa
que o primeiro sol transforma
numa crina trémula
sobre pastos e éguas; mas aqui
marcou-o o ferro
dos lavradores que o anjo ignora;
e endureceu-o de tal modo
que se entrega;
como as bestas bíblicas;
ao tétano, ao furor.

VIII

Outra mulher: o susto
a entrar no pesadelo;
oprime-a o ar; e cada passo
é apenas peso: seios
donde os mamilos pendem,
gotas duras
de leite e medo; quase pedras;
memória tropeçando
em árvores, parentes,
num descampado vagaroso;
e amor também:
espécie de peso que produz
por dentro da mulher
os mesmos passos densos.

IX

Casas desidratadas
no alto forno; e olhando-as,
momentos antes de ruirem,
o anjo desolado
pensa: entre detritos
sem nenhum cerne ou àgua,
como anunciar
outra vez o milagre das salas;
dos quartos; crescendo cisco
a cisco, filho a filho?
as máquinas estranhas,
os motores com sede, nem sequer
beberam o espirito das minhas casas;
evaporaram-no apenas.

X

O incêndio desce;
do canto superior direito;
sobre os sótãos,
os degraus das escadas
a oscilar;
hélices, vibrações, percutem os alicerces;
e o fogo, veloz agora, fende-os desmorona
toda a arquitectura;
as paredes áridas desabam:
mas o seu desenho
sobrevive no ar; sustém-no
a terceira mulher; a última; com os braços
erguidos; com o suor da estrela
tatuada na testa.

(in ENTRE DUAS MEMÓRIAS, 1971)

REFERÊNCIAS CRÍTICAS: SIC

A secura , a aridez desta linguagem, fabrico-a e fabrica-se em parte de materiais remotos: saibro, cal, árvores, musgo. E gente numa grande solidão de areia. A paisagem da infância, que não é nenhum paraíso perdido, mas a pobreza, a nudez, a carência de tudo.

Desses elementos se sustenta bastante toda a escrita de que sou capaz, umas vezes explícitos, muitas outras apenas sugeridos na brevidade dos textos. E disse, sem querer, uma palavra essencial para mim. Brevidade. Casas construidas com adobos que duram sensivelmente o que dura uma vida humana. Pinhais que os camponeses plantam na infância para derrubar pouco antes de morrer. A própria terra é passageira: dunas modeladas, desfeitas pelo vento. Que literatura poderia nascer daqui que não fosse marcada por esta opressiva brevidade, por este tom precário, demais a mais tão coincidentes com certos sentimentos do autor?

CARLOS DE OLIVEIRA (entrevista a «A Capital»)

Carlos de Oliveira surge-nos cada vez mais preocupado com o tema das palavras e da escrita e cada vez mais convicto de que esta é uma realidade tão real como a infância ou qualquer outra. Mais: de que a poesia não reproduz, mas produz a realidade e, produzindo-a, é algo com autonomia e luz própria.

GASTÃO CRUZ (in «Diário de Lisboa» de 19.12.68)

Claramente se situa esta voz diante de um real sobre o qual se exerce, formulando-o no poema: voz que fala de uma actividade __ o ver, que constrói o que vê e, que com isso se modifica e o modifica.

MANUEL GUSMÃO (in «O Tempo e o Modo», Dez.º de 1968)

Nada existe aqui que não seja pura representação É do rigor que nos fala Carlos de Oliveira, é à exactidão que aspira toda a sua linguagem poética. A palavra é para ele fruto de uma procura, resultado de uma profunda e lenta dissecação, de um trabalho produtor e transformador ao nível da escrita __ até ao momento em que, expurgada dos seus às vezes contraditórios sentidos, ela não poderá mais representar do que o brilho e a transparência do seu próprio «ser».

NELSON DE MATOS (in «Diário de Lisboa» de 22.5.69)

Já se aproximou o mundo de Carlos de Oliveira do de Camilo Castelo Branco. Julgo a aproximação infundamentada. A gente de Camilo vive, age, agita-se, ama, odeia, morre e mata em grande estilo, mesmo não saindo das suas comunidades fechadas. É ainda uma gente com sangue, talvez a verter o último sangue de que dispõe. Em Carlos de Oliveira __ para usarmos a sua linguagem metafórica __ o mundo da pequena burguesia já se petrificou, fossilizou, mineralizou para tudo.

ALEXANDRE PINHEIRO TORRES (in «Diário de Lisboa» de 29.10. 70)

Raras vezes na nossa literatura alguém soube ir sondar com tanta firmeza a malha complexa e emaranhada da subjectividade. Aprendemos a ver como as palavras, as frases cristalizadas, os tiques verbais, as imagens do sonho, os fragmentos da memória, as ideias anónimas, os desejos dissimulados, se articulam na teia cerrada onde o nosso rosto se desenha. Sabemos agora observar como um «estilo» se constrói, pedra a pedra, por meio de citações diluidas e sintagmas flutuantes que se recortam, se ajustam, se justapõem, se transformam, num incessante trabalho a que chamamos «escrita».

EDUARDO PRADO COELHO (in «A Capital» de 22.9.71)

Carlos de Oliveira apresenta-se, efectivamente, como um desses autores que ficam a dever mais a uma prática oficinal de que à improvisação, que se inclinam mais para a acção orientada do que para os acasos do automatismo e que, enfim, se ligam mais a uma bem acordada, embora não inibitória nem restritiva, consciência do real (...) do que ao quantas vezes arbitrário e evasivo da idealização.

JOÃO RUI DE SOUSA (in «Crítica», n.º 3, Janeiro de 1972)

Dificilmente encontramos na moderna poesia portuguesa um texto tão breve e lapidar cujo âmbito de significações seja tão representativo. A uma visão global a moderna poesia portuguesa é toda ela isso mesmo (...) Em poucas palavras poderiamos dizer que o texto se diferencia pela rapidez da sua enunciação, pela nitidez incisiva dos elementos que o constituem, pela austera gravidade do seu tom e da sua inflexão, pelo modo de significar a lentidão e a vertigem de um linear e ao mesmo tempo amplo movimento (...)

LUIS DE MIRANDA ROCHA (in «Ao Km Zero» de Fev.º de 1972)

ADLER

QUALIDADE E TRADIÇÃO

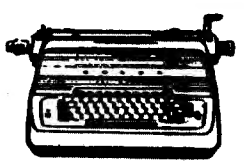
A FAMOSA GAMA DE MÁQUINAS DE ESCREVER

TIPPA

GABRIELE

SPECIAL

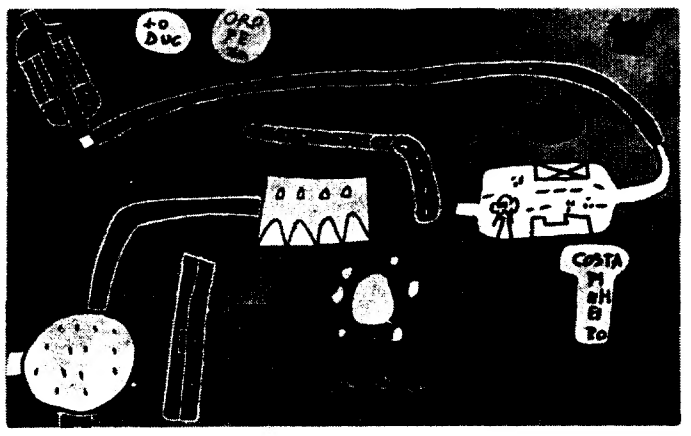
UNIVERSAL

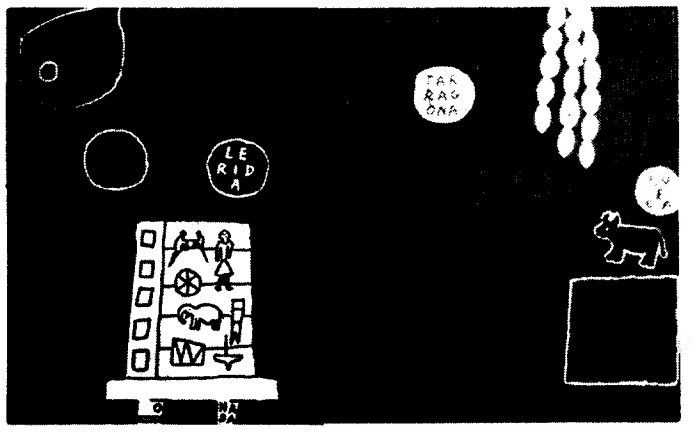


ELECTRIC

Representantes
Soc. de Rep. SIDA SUECA LDA
Rua de S. Nicolau, 17 — Lisboa

NORTE
Estabelecimentos SIDANORTE LDA
Rua Formosa, 31-33, 1.º — Porto





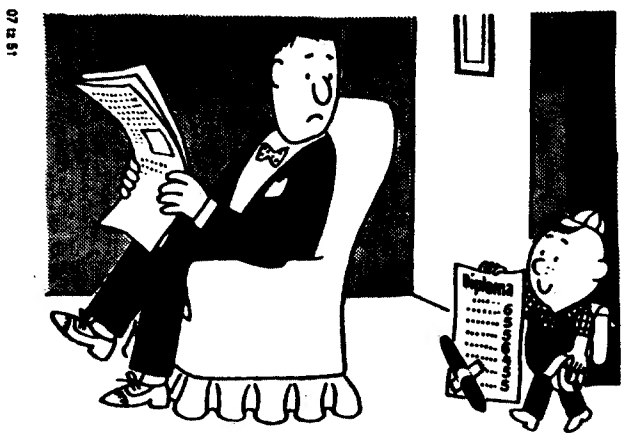
RETROSPECTIVA DE JOAQUIM RODRIGO

Continuação da página dois

senvolve uma teia de linhas que delimitam sinais de um código específico. As simplificações que nesse processo de escrita se organizam, apelando para uma nova figuração que se reporta à infância e à memória de uma realidade gráfica **primitiva**, fazem-se suporte de um universo poético bastante rico. Esse universo, efectivamente integrado por formas de estrutura muito simples, que multiplicam (caligráficas) um sistema de equivalências respeitante às coisas visíveis, pressupõe a reelaboração plural de um código submerso e estimula a nossa viagem imaginária pelo mundo das raizes. É aqui que começa a fase mais importante e significativa da obra de Joaquim Rodrigo. É aqui que essa obra ganha uma dimensão original, alargando a sua mensagem para além da simples harmonia das disposições formais. É aqui, em suma, que essa pintura alcança a sua maioridade crítica, sabendo e exprimindo as suas relações contexturais, assumindo a sua inserção na perspectiva de uma dada cultura, multiplicando largamente os seus ângulos e níveis de significação.

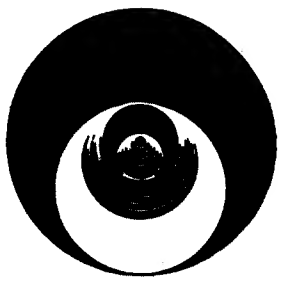
A pintura de Joaquim Rodrigo passa então a desenvolver-se segundo uma multiplicidade de aspectos. Ela agrupa, ou sobrepõe, a realidade formal de uma escrita espontânea e a tradução ingénua de imagens codificadas, os elementos significantes de culturas arcaicas ou primitivas e os sinais e marcas de um quotidiano excessivamente povoado, a densidade poética de uma figuração de raiz popular e a representação irónica das nossas aquisições cosmopolitas, a resolução parietal do fresco ou da tapeçaria e os símbolos de civilizações que oscilam (em espaços e tempos históricos diferentes) entre o Mediterrâneo, a Península Ibérica e a América do Sul — tudo o que, em suma, pode condensar o «diário» de uma viagem complexa pelos canais da história, pela vida do homem e das formas, pela memória dos sonhos e dos mitos, pelo desvendamento das raizes e pela evolução da linguagem. Os últimos quadros de Joaquim Rodrigo refazem essa linguagem, em termos de pintura, pela simples acumulação ou relacionação de marcas e símbolos dispersos na superfície: todo esse mundo de memórias, de vivências e de verificações neles se grava de um modo emvblemático, contra uma «parede» que perpetua os destinos, que serve de suporte a uma narrativa variada sobre casos, monumentos, padrões, realidades de uma cultura constantemente a fazer-se. Esses quadros tão directos e óbvios como os registos produzidos por povos primitivos, encerram o mesmo mistério dos empreendimentos linguísticos mais remotos: permanecem disponíveis, oferecidos à nossa indagação e à nossa capacidade de descoberta.

ROCHA DE SOUSA



tesa cola bora consigo
fitas adesivas

EM CAIXA



MALANGATANA (pintura): S. N. B. A. e Galeria Buchholz
Um mundo ao mesmo tempo ingénuo e fantástico, feito de sonhos, de mitos, de feitiços e de humor, num artista **de facto** africano.

RAMIREZ CAPMANY (escultura): Galeria Quadrante
Esculturas de figuração simbólica que marcam uma memória popular mas que subsistem sobretudo pela natureza plástica dos materiais.

LUIS GONÇALVES (pintura): Galeria Opinião
Conjunto de pequenos guachos que parecem anteceder, no autor, todo o seu processo de instauração pictórica.

HANS ZWEIDLER (pintura): Galeria S. Francisco.
Um mundo «caótico» de objectos, a nossa circunstancialidade urbana, formando indirectamente uma visão ao mesmo tempo simbólica e absurda da realidade que nos envolve.

DORINDO DE CARVALHO (ilustração e pintura): Europa-América e Galeria Diário de Notícias
Um artista gráfico que dá provas de maturidade e um pintor à procura de uma visão pessoal.

JOÃO BREHM: Galeria de Arte Moderna da S. N. B. A. (1)
CASIMIRO: Galeria Judite Dacruz (1)

MANUEL GARGALEIRO e MÁRIO CESARINY expõem no Porto, na Galeria Alvarez, mostra que foi organizada de colaboração com a Galeria de S. Mamede, de Lisboa.
NO ATENEU COMERCIAL (Porto) foi apresentada uma exposição de jovens autores portugueses, de colaboração com as Escolas de Belas-Artes de Lisboa e Porto.
ROGÉRIO RIBEIRO, pintor, artista gráfico e assistente na E. S. B. A. L. expõe individualmente na Galeria OGIVA (Obidos).

(1) Exposições de que daremos notícia nos próximos números deste Suplemento.

LOTES PARA MORADIAS
NA ZONA DE CASCAIS
ISOLADAS OU GEMINADAS

•

Preços a partir de: 100 contos

Proprietário: JOAQUIM BARAONA

Av. Valbom, 28-1.º

Telefs.: 282345 - 280749 — CASCAIS

PRÉDIO—RESTELO

Grande volume, com transportes à porta, cuidada construção com acab. de 1.ª, comp. de caves altas e 7 pisos, dit.º e esq.º com habitaç. de 3 ass. por inq. Óptima situação. Eq.º 2 elevadores e telef. inter. PREÇO 4 800 000$. RENDE 350 400$.

MOSTRA E TRATA
«A CONFIDENTE»
Rua do Ouro, 292 — Telef. 369384-5-6 — 328232-3 — 361756

MORADIAS NA ZONA DE CASCAIS
Com 2-3-4 e 5 assoalhadas em zona de grande valorização

Preço: desde 380 contos

Próprio: JOAQUIM BARAONA

Avenida Valbom, 28-1.º — Telef. 282345 CASCAIS

POESIA, ÚLTIMO REDUTO DA LITERATURA?

Continuação da página um

cessos narrativos como o **flash-back**, ou com a **voz-off**, com características técnicas como a montagem, por exemplo, influenciaram o romance e mesmo a poesia. E a arte continuou, embora, a partir de certa altura, viesse a encontrar perigosos concorrentes na televisão e no desporto-espectáculo de massas. Graças ao cinema, a arte continuou a desempenhar uma função de relevo na vida da sociedade, de maneira que realizadores, actores se acabaram por converter em grandes figuras populares, que chegam a ocupar lugar de relevo na imprensa e na rádio-televisão.

Mas tudo o que é humano sofre a corrosão do tempo e, primeiro o romance, hoje em dia o próprio cinema atravessaram e atravessam uma crise de usura. O argumento, a intriga, a história, apesar de apresentados de feição sempre diferente, graças ao génio dos criadores, acabaram por fatigar um público que, na variedade e intensidade da vida real, não deixava de encontrar peripécias bastantes, capazes de preencher e de desenvolver as imaginações mais ambiciosas. Tanto assim que, como género literário, o ensaio, por natureza despido de argumento, começou a chamar as atenções, enquanto a ficção, que desertara da poesia para o romance e do romance para o cinema, deixou de constituir o núcleo deste, que veio, nas suas obras mais representativas, a revestir por exemplo as formas de cinema-verdade, de cinema-ensaio.

Ao fim e ao cabo, a arte depurou-se, ao ver que lhe faltava um elemento que, tècnicamente, nunca funcionou mais que como processo de construção. O romance, o cinema deixaram de se apoiar num ingrediente que, afinal de contas, não passava de uma isca, de um engodo, debruçaram-se sobre os processos técnicos, revolucionaram a linguagem e a construção, especializaram-se, cingiram-se ao que de artístico existe na arte e ganharam em intensidade e permanência o que perderam em extensão e popularidade.

Entretanto, que se passa com a poesia? A poesia há muito que deixara de ser narrativa, se é que alguma vez profundamente o fora. A poesia passou a viver daquilo que nunca deixara de ser: o exercício da sabedoria da linguagem, uma aventura da palavra. Reduziu-se ao achado artístico, à capacidade de surpresa, à exploração intensiva da fala.

Os concretistas, que fizeram a sua época, esgotaram-se em experiências que em si mesmas se compraziam, deixaram-se atrair perigosamente por outras artes com as quais não poderiam competir, esqueceram-se afinal da palavra que, mesmo desintegrada, pulverizada, explorada nas suas formas mínimas, não deixa de ter características específicas. A poesia concreta pode ser um limite a atingir, os poetas de vanguarda não poderão deixar de ter em conta as suas conquistas, mas os seus teóricos e práticos, ao convertê-la num absoluto, tinham necessàriamente de chegar à conclusão de que a poesia morreu, quando o que morreu foi a poesia concreta.

A poesia está doente, a poesia morreu? A poesia continua. A linguística, uma das disciplinas mais importantes no domínio das ciências, veio dar-lhe um novo alento e um apoio insuspeito. A teoria da informação, a lógica matemática, a estatística permitiram iluminá-la melhor. A poesia já não tem mistério, a poesia é uma coisa que se aprende, o génio não tem sentido na época dos computadores. A história, o argumento, a intriga, que deixaram de apoiar o romance e o cinema desertaram de toda a arte. A desmistificação artística é geral. O argumento, insistimos, nunca passara de uma maneira de assegurar a consistência da estrutura. Mas essa consistência podia ser garantida através de processos mais específicos e menos enganadores, como por exemplo as estruturas sintácticas, as enumerações, a anáfora, para só citar alguns. A poesia que, como vimos, nunca deixou de ser o núcleo de toda a arte, vê-se assim de súbito situada no centro da problemática artística, graças ao seu carácter precursor, à fidelidade ao destino da arte, à coerência que, se temporàriamente a isolou, foi o penhor da fidelidade de toda a actividade artística à sua mais profunda natureza, à sua origem, à sua finalidade.

A poesia não tem nada, a poesia não promete nada que não ela própria. Há muitos séculos divorciada da sua origem religiosa, acabou por se emancipar dos últimos mitos. No meio do desconcerto pouco menos que geral, os poetas, tantas vezes isolados, incompreendidos, expulsos da cidade asseguraram a continuidade da única religião hoje possível.

Tem poucos leitores a poesia? Toda a arte tem pouco público. A arte é exigente e, mesmo nos países mais desenvolvidos, apesar do elevado grau de alfabetização que apresentam, as exigências da organização da sociedade moderna submetem em geral o homem a um tipo de vida que se não compadece com a disponibilidade para um sector da actividade intelectual que, ao fim e ao cabo, não produz dividendos, nem sequer assegura a tranquilidade das consciências. Aliás, a receptividade para a poesia já hoje por hoje é muito diferente nos países ocidentais ou nos países socialistas mas, embora pudéssemos tentar encontrar uma explicação para o facto, preferimos não nos arriscar a fazê-lo, quando nem sequer **Georges Mounin** o faz, no seu livro **Poésie et Société**.

A poesia subsiste, a poesia subsistirá. Independentemente de questões extrínsecas, que explicarão o êxito momentâneo de certas obras, apostamos numa forma de arte que particularmente se apoia na linguagem e nas suas mais profundas virtualidades, vizinha afinal de uma linguagem popular que, embora prejudicada pelo êxodo rural e pelo consequente domínio, mais aparente do que real, de um idioma reduzido, **fundamental, digest**, não deixará de sobreviver enquanto sobre a terra algum homem houver. A poesia núcleo e limite das artes que se apoiam na linguagem que distingue o homem dos outros animais, apresenta-se-nos como o último reduto dessas artes. Atitude utópica, aposta, justificação própria? Depois do que já, ao longo deste artigo, dissemos, cremos honestamente que não. Na pior das hipóteses, mortal como o homem e como a sua única terra, a poesia permanecerá não só como a forma mais pura da arte literária mas também como a indisciplinadora mais audaz, como a afirmação mais vigilante de uma consciência individual e social capaz de acusar todas as traições do homem ao seu destino humano. Poesia, arte do passado, do presente e do futuro, principalmente do futuro, eu, teu ínfimo cultor te saúdo, aqui do mais ocidental dos países.

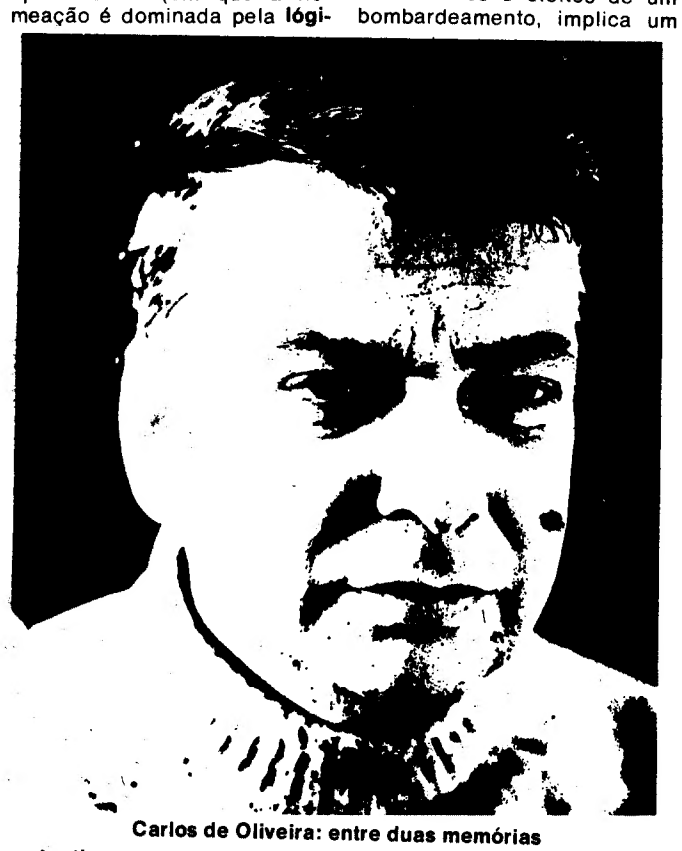
Vila do Conde, 2 de Janeiro de 1972

RUY BELO

EM TORNO DE UM POEMA DE CARLOS DE OLIVEIRA

Continuação da página cinco

é um olhar que descobre, mas uma memória que se percorre. Portanto, o poema é uma revisão verbal do quadro, que não pretende recuperar o movimento da visão pré-verbal. Por outro lado, a relação entre o visível «pré-verbal» (momento mítico na sua face dita pré-verbal), processo que exige o gesto de reconhecimento, o emergir da verbalização, o nexo nascente da figura e do nome — mas dominado pela **lógica da figura**) e o dizível «post-visual» (em que a nomeação é dominada pela **lógica do discurso**) implica um terceiro tempo (**T3**), que é o do poema.



Carlos de Oliveira: entre duas memórias

A marca do percurso-olhar da leitura-pré-verbal permanece na linha do discurso pela pontuação, que vem operar um **espacejamento** no poema e no tempo da sua leitura. Podemos interpretar esse espacejamento (que chega a quebrar nexos sintáticos) em dois sentidos: em primeiro lugar, como restituição do tempo de visão da realidade icónica, tempo subordinado ao percurso de um espaço, o do quadro; em segundo lugar, como sinal do espanto, de um olhar atónito que cai em silêncio, que fica sem palavras perante a violência que, súbita, desaba: **«os seus olhos rurais/não compreendem bem os símbolos/desta colheita»**.

Este não-entender, este reduzir a palavras conhecidas os instrumentos e efeitos de um bombardeamento, implica um processo de mataforização ingénua perante o inominável do inimigo, e de metonimização (fragmentação do real pela incapacidade de apreender o sentido do acontecimento todo): **«motores furiosos»** (I), **«máquinas que voam fabricando o incêndio»** (II), **«cal mecânica»** (II) **«animal fumegante»** (III), **«falsas aves»** (VI), **«o ferro dos lavradores que o anjo ignora»** (VII), **«máquinas estranhas»** (IX), etc. Este não-saber-como-nomear sublinha a desigualdade do combate entre a inocência (não ter palavras que digam) e a perversão (o uso destruidor das palavras). A estrutura destas metáforas leva-nos a considerar o que pode definir o olhar ingénuo: conjugação de um elemento animal ou mineral com um elemento que o vem negar (**«cal mecânica»**, **«falsas aves»**). O que se relaciona com um tema central do poema: são as mesmas coisas (**«o mesmo branco»**, **«a mesma cal»**, **«o mesmo zinco»**, **«os mesmos passos»**) que servem para usos diferentes; é o **mesmo** que está na base da morte e da vida (princípio materialista: um divide-se em dois); e o que conta é **o uso diverso dado ao mesmo** (privilégio do político a colocar no posto de comando).

Quem vê o que se passa? Quem vem contar? Nenhum olhar persiste neste campo devastado onde as palavras de vazio se acumulam (**«deserto da mesa»** - VI; **descampado vagaroso** -, VIII; **paredes áridas** - X). É o anjo que lê, decifra, pensa. O anjo é o sujeito da leitura porque o poema é angelical dispersão no espaço. Mas o anjo ocupa três lugares no fio da narração, anulando a unidade do sujeito. Por um lado, o anjo é aquele que sabe e vem anunciar (**o anjo desolado/ pensa:** (...) /**como anunciar/ outra vez o milagre das salas** - IX), inaugurando o acontecimento e o poema, proclamando a morte **em vez da vida** (anunciação desfigurada): **Entra pela janela/ o anjo.** Por outro lado, o camponês é o anjo pela sua inocência e desamparo, tal como o anjo é camponês pela sua ligação ao sofrimento da terra. Por fim, o anjo é o próprio olhar do poeta pairando, num voo estonteado, sobre o quadro da destruição, sobre o absurdo intolerável da violência fascista.

O poema vai desenvolver dois tipos de valores. Valores de trabalho (afeiçoar o homem à terra) e do amor (aproximar pessoas de pessoas). Temos assim: **minucioso, habituado/ aos interiores de cereal** (I), **cantaria aparelhada** (II), **a mão desta/ mulher de joelhos/ entre as pernas** (III), **o construtor da casa/ já sem fio de prumo** (IV), **a construção, as traves** (IV), todo o fragmento V, **e amor também: espécie de peso que produz/ por dentro da mulher/ os mesmos passos densos** (VIII), **como anunciar/ outra vez o milagre das salas;/ dos quartos; crescendo cisco/ a cisco, filho a filho?** (IX)

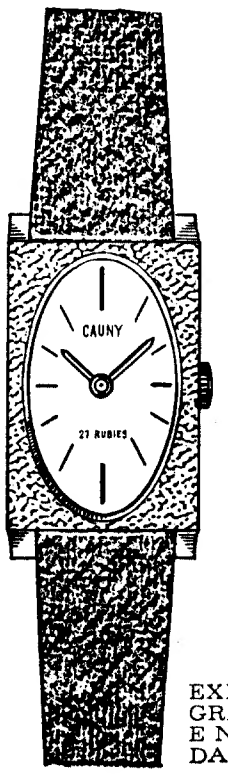
Também será fácil reunir o vocabulário da destruição: **a arder, fabricando o incêndio, cutelos** (II), **músculos negros, o peso das patas** (III), **tijolo queimado** (IV), **casas desidratadas/ no alto forno** (IX), **momentos antes de ruírem, detritos** (IX), **o incêndio desce, hélices, vibrações, percutem os alicerces; / e o fogo, veloz agora, fende-os, desmorona/ toda a arquitectura; / as paredes áridas desabam** (X)

O que o quadro procura obter é o **gráfico de um grito** (III): Isto é, surpreender o acontecimento no pavor da sua explosão, definindo a brevíssima linha que separa o «antes» do «depois» que vem coagular, no impossível desta morte, o fluxo da vida. Daí as imagens da suspensão: **mas o seu desenho/ sobrevive no ar; sustém-no/ a terceira mulher; a última; com os braços erguidos** (x).

Se o quadro procura restituir o tempo do acontecimento (T1), qual a temporalidade específica produzida pelo discurso poético? Não a do tempo de destruição inscrito no quadro. Mas, pela leitura do quadro, pela transformação das figuras em signos, o discurso re-produz o tempo de duas memórias: a do percurso do quadro (T2) no fingimento (porque T2 não coincide com **T3**) da sua descrição; e ainda: a memória do passado gravado na densidade das figuras onde se pode ler a serenidade de um trabalho quotidiano: tempo mítico **(T0)** que move o poema, que o poema, no seu voo, exige, e reinventa.

Assim: **T3** (o poema) escrevendo-se entre T2 e T0 - produzindo o real **entre duas memórias.**

EDUARDO PRADO COELHO



CAUNY
A MAIS ALTA PRECISÃO SUIÇA

Elegância e Distinção

EXIJA A MARCA **CAUNY**
GRAVADA NA COROA
E NA PARTE EXTERIOR
DA CAIXA

REPRESENTANTE GERAL EM PORTUGAL

HERCULANO MARQUES PARRINHA

AV. ALMIRANTE REIS, 166-1.° DT.

Telef. 45245 — LISBOA-1

literogramas

TÍTULO: **O REINO FLUTUANTE**
AUTOR: **EDUARDO PRADO COELHO**
EDITOR: **EDIÇÕES 70, LISBOA, 1972**
COLECÇÃO: **SIGNOS**
N.º PAGS: **320**
PREÇO: **75$00**

UM PERCURSO

Estaríamos, muito demoradamente, a falar deste livro (deste verdadeiro acontecimento cultural). Ele constitui uma pedrada no nosso tradicional pântano de preguiça, frecha de fogo no campo onde corremos, diàriamente, o torneio de uma eloquentíssima cultura-de-índice. Porém, o espaço é limite e condição: por isso se nos desculpe a exiguidade. Direi o mínimo do que é essencial.

Esta é a segunda vez que Eduardo Prado Coelho nos aparece em volume. A primeira, quando organizou a antologia de textos **Estruturalismo**, e a prefaciou com o magnífico ensaio «Introdução a um Pensamento Cruel: estruturas, estruturalidade e estruturalismos», os mil-e-um campeões da crítica portuguesa a silenciaram, diria que por engulho cerebral. Agora sempre quero ver se repetem a revelia, que é das formas mais feias de se continuar a soberania dos féretros. O que importa, entretanto, dizer desde já é que este livro de Eduardo Prado Coelho, **O Reino Flutuante**, vale um empreendimento modelar para a «nova crítica», aquela que, no dizer de págs. 18 deste livro, é simultâneamente mais teórica e mais concreta (ou por outras palavras: mais teórica e mais prática).

Eduardo Prado Coelho não se nos apresenta, evidentemente, um escritor fácil. Reconhecê-lo implica o problema que aliás ele coloca a propósito de Óscar Lopes. Existem textos de discursos crítico que são complexos, excessivamente teóricos; todavia, o que de certeza nos demonstram as censuras que neste sentido lhes sejam feitas é que, em muita má regra, o leitor vale um ser comodista, pouco disposto a que lhe forcem a atenção. Diz Prado Coelho, com espírito: «O que o nosso leitor apreciaria era uma crítica no estilo dos sinais de trânsito __ verde: leia; amarelo: leia, se não tiver mais nada que fazer; vermelho: não leia». Estaremos também de acordo: as críticas de um Mário Sacramento, de um Óscar Lopes, de Eduardo Prado Coelho, não são (normalmente) jornalísticas. «Mas __ continua o autor deste livro poderosamente interventor nas coordenadas culturais do nosso «hoje» __ se as não ler, mesmo com esforço, o nosso leitor, privado de revistas especializadas, porque as poucas que sobrevivem atingem um público reduzidíssimo, ficará incapaz de enfrentar os livros por que se interessar, com um mínimo de espírito crítico e intenção cultural» (págs 54).

No que residiu a novidade de Prado Coelho quanto à crítica? Não em qualquer pretensão de originalidade relativamente à ideia de teorizar (em campo para o qual todos nos encontramos portuguesmente deficientes). Prado Coelho caracteriza-se pela aplicação prática de teorias e métodos na leitura de autores portugueses. Ninguém nega que, numa época caracterizada por uma revolução permanente das ciências humanas, a crítica literária já não pode basear-se nos esquemas tradicionais. A nova crítica nasceu da reflexão sobre as grandes correntes do pensamento moderno, tanto em sua fecundidade como em suas contradições. Prado Coelho mostra-se-nos então um exemplo fecundo da prática-teórica da leitura. Relativamente aos textos deste seu livro __ ao contrário do que acontecera, por exemplo, com a «Introdução a um Pensamento Cruel» __ trata-se agogra, na verdade, de um ponto de encontro ou compromisso entre **o exercício do discurso crítico** e **uma forma hesitante** de jornalismo literário. Porém, em momento nenhum se deixa de sentir que sempre o rigor do primeiro supera a oscilação da segunda. Prado Coelho, cuidando passar do circunstancial de cada texto, da vida efémera da publicação periódica, para o repósito durável e perene do livro, faz por vezes acompanhar os seus textos de algumas **notas actuais**. Ele próprio o diz, que em primeiro lugar procura realçar duas coisas: a (possível) **linha de coerência** do seu pensamento de 1963 a esta parte, e a verificação de **antecipações** várias relativamente à problemática actual; e, por outro, corrige autocrìticamente este ou aquele «erro» (assim o qualifica) do passado. De qualquer modo, estas notas de actualização tornam patente a sua lúcida consciência de que em tudo existe uma **perspectivação mútipla**, facetada, mais ou menos dispersa, sempre irredutível.

E excessos? __ alguns nos mostrará este livro? Decerto que sim. Porém, espírito de larga inteligência e senhor de um discurso sempre extremamente bem conduzido, Prado Coelho não tem receio dos seus eventuais excessos. «Exceder» é provocar oportunidades de polémica __ e o progiesso realiza-se, nunca através de conciliações e ecletismos, mas de afirmações excessivas e conflituosas. Por outras palavras: o progresso efectiva-se por meio de rupturas.

Importa ainda alertar o leitor para o conteúdo importantíssimo de **O Reino Flutuante**. Como massa, constitui-se de uma reunião de textos que vieram publicados, de modo geral, nas páginas da «Seara Nova» e do «Diário de Lisboa»; e como sistema, nele funcionam dois grupos de textos: os relativos à conjuntura (de 1963 a 1967) que se referencia ao neo-realismo da terceira fase, e os respeitantes a uma outra conjuntura (de 1967 a 1969), concernente à dupla problemática do estruturalismo (ideologia e método). Entretanto, pela sua importância eu distinguiria, no cômputo geral, o «Depoimento sobre a (nova) Crítica» com que abre o volume (onde Prado Coelho assinala o carácter mais teórico e concretista da «nova crítica», e as doces libações da crítica tradicional, tranquilíssima na medida em que ignora a extensão daquilo que desconhece) e os textos da **polémica anti-humanista**, designadamente o de págs 73 e seguintes, este pelo seu valor histórico: o de ter introduzido entre nós a «questão estruturalista».

F.L.S.

TÍTULO: **PRIMER ACTO**
N.º 141, **MADRID __ FEV/72**
TÍTULO: **IL DRAMMA**
N.º 2/3, **ROMA __ FEV/MARÇO/72**

INTERVENÇÃO

Difícil saber até que ponto a presença regular e activa da «Primer Acto» terá contribuido para o actual renascimento do teatro que se faz em Espanha. Levando a um país ainda relativamente fechado, a informação das metamorfoses por que o teatro tem vindo a passar; abrindo as suas páginas à revelação de novos autores espanhóis (não tanto talvez como seria ideal) e à recuperação de clássicos nossos contemporâneos; atenta aos movimentos dos grupos independentes que lentamente, subterrâneamente têm vindo a transformar o teatro espanhol, a revista «Primer Acto» tem cumprido um programa ao mesmo tempo propedêutico e polémico a cuja influência ninguém que valha a pena no teatro ibérico poderá subtrair-se ainda que se coloque em oposição a esse programa Não ignoro que a orientação de PA tem sido alvo de críticas várias que cheguem a negar a importância da sua acção. Essas críticas que geralmente não têm em conta as dificuldades com que uma iniciativa como esta depara constantemente (observe-se que em França não há muito tempo uma revista de teatro deste tipo) nem as funções que a revista pretende exercer: por exemplo, poder-se-á afirmar que PA é mais uma revista de divulgação do que de problemática sem com isso atingir a sua importância.

No entanto, as críticas a PA são justas num ponto (pelo menos): o que se refere ao facto de não ter contribuido, ou não ter contribuido de forma significativa, para o aparecimento de novos críticos e de novos ensaístas.

Estou certó, contudo, que a falta se deve mais a razões de conjuntura do que a quaisquer outras e de que as páginas de PA estão abertas a todos os interessados que, dentro das perspectivas a que obedece a orientação da revista, queiram exercer uma actividade crítica.

No n.º 141 de PA dois pratos fortes: a adaptação de Enrique Llovet («Tartufo») da «Lysistrada» de Aristófanes que constitui, na encenação de José Luís Gomez, uma das propostas mais fascinantes do actual teatro madrileno; e **«Informe sobre el Actor»**, inquérito dirigido por Emílio Hernandez Soriano em que colaboram actores, encenadores, autores, empresários e críticos. Além de outra colaboração, notas críticas de José Monleón, o grande animador de PA e a habitual secção **«Foro Teatral»**.

«Il Drama» publica-se há quase meio século em Roma, orientado por um comité internacional de que fazem parte nomes como: Astúrias, Barrault, Bergman, Otomar Krejka, Rosselini, Strehler, Sastre, Urbano T. Rodrigues, Visconti, Orson Welles, etc. ID publica além de colaboração sobre teatro, artigos referentes a literatura, cinema, arte, música, rádio e TV. Trata-se, pois, de uma revista eclética, obedecendo a um admirável figurino gráfico (é para nós uma revista de luxo embora equilibrada) mas em que a colaboração redactorial não tem o mesmo nível. Saliento neste número a seguinte colaboração: entrevistas com Ionesco e Fellini; crónica do teatro romano pelo grande crítico e encenador Ruggero Jaccobbi que se refere com muito apreço a uma adaptação ao teatro do romance de Svevo «Senelitá»; e um artigo sobre o novo filmede Francesco Rosi, **«Caso Mattei»**, interpretado por um dos grandes actores europeus Gean Maria Volonté.

C.P.

TÍTULO: **O OPERARIADO E A REPÚBLICA DEMOCRÁTICA**
AUTOR: **CÉSAR DE OLIVEIRA**
EDITOR: **AFRONTAMENTO. PORTO, 1972**
COLECÇÃO: **MOVIMENTO OPERÁRIO PORTUGUÊS, 3**

DEBILIDADES

Em relação a trabalhos como este, poder-se-á dizer que tudo o que vem à rede é peixe. Em primeiro lugar, a ausência de um estudo sistemático (recolha de factos, de fontes, de documentos) leva-nos a reconhecer a utilidade de quanto se faça no levantamento do terreno - a crítica virá no prosseguimento desse mesmo trabalho, e não pode nem deve constituir-se obstáculo, já que raramente ela poderá sobrepôr-se ao carácter experimental e, nesse sentido, quase artesanal, da investigação.

Cobrindo o período que vai de 1910 a 1914, ou seja da instauração da República até à entrada na guerra, a antologia revela-nos a debilidade organizativa e a fraqueza teórica dos jornais e dos ideólogos operários, excessivamente enfeudados a uma prática sindicalista que não permitiu superar a luta reivindicativa. Por outro lado, a demogagia republicana dos Partidos burgueses cumpria eficazmente a sua missão de controlo ideológico, ajudada pelas instituições que, em anos sucessivos, perseguiram e reprimiram as movimentações operárias. A entrada na guerra, em Portugal como nos outros países europeus, foi o desfecho lógico desse processo, mobilizando, numa empresa que a classe dirigente apresentava como o «choque definitivo entre a moderna aspiração democrática e a velha corrente imperialista e reaccionária», as energias e a massa dos trabalhadores. A ler também, portanto como contraponto a certas recuperações recentes de **leaders** republicanos dos quais (Afonso Costa) se chegou a pôr afirmações pró ou pré-marxistas!

Quanto aos estudos de César de Oliveira insertos no livro («A base social de apoio à implantação da República Democrática Parlamentar» e «Reformismo e sindicalismo revolucionário. A lenta formação da consciência de classe») haverá a pôr algumas questões, nomeadamente quanto à sobrevalorização do factor subjectivo no desenvolvimento da luta operária - mas nada disto vem para aqui, em que apenas se volta a insistir na necessidade de pensar e de investigar estas questões.

N.J.

A C Adriano de Carvalho • C P Carlos Porto
E G C Eduardo Guerra Carneiro • E P C Eduardo Prado Coelho • F C M Fernando Correia Marques
F L S Fernando Luso Soares • J V P José Vaz Pereira • J M Julio Moreira • M M C Manuel Maria Carrilho • N J Nuno Judice • N M Nelson de Matos • V S T Vitor Silva Tavares